

CRÉDITO

O DINHEIRO É POUCO

Governo não tem recursos suficientes para atender a demanda de crédito agrícola para a próxima safra de verão. Dos NCz\$ 13 bilhões estimados em julho, deverá liberar apenas NCz\$ 7,8, levando os agricultores a tomarem recursos do mercado financeiro privado. A dura realidade do dinheiro escasso e da retirada do governo do campo é agravada pelos Valores Básicos de Custeio, os mais baixos dos últimos anos e por preços mínimos defasados. Só na soja, a defasagem chega a NCz\$ 15,41 em cada saco de 60 quilos **4 a 7**

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Insc. INCRA nº 248/73
CGC.MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrichetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Amário Becker, José Dalizio R. Marchese e Ivo Vicente Basso

Suplentes:

Ervino Egon Preissler, e Arthêmio Agostini

Diretores contratados:

Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Goi.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Nestes tempos de "vacas magras" e da produção valendo pouco, o controle das despesas tem que andar na ponta do lápis. Não são só os insumos, o óleo diesel, os fretes, que somam na hora de calcular os custos de plantar. O desgaste das máquinas usadas no preparo da terra, no plantio ou na colheita, também ajudam a deixar os custos mais salgados. É claro que itens como o desgaste do maquinário, reparos, graxa e seguros, quase sempre ficam mascarados por trás de outros itens mais pesados, mas eles também devem ser considerados no final das contas. Ao colocar um trator em cima de uma lavoura, o produtor não está só gastando com combustíveis e mão-de-obra. Ele também está depreciando aquela máquina. Mas como apontar estas despesas? Nesta edição, na última página, o Cotrijornal traz uma tabela, bem simplificada, que pode ajudar o agricultor menos prático trazer as despesas de usar as máquinas na ponta do lápis.

Os agricultores e lideranças do setor agrícola andam por conta com o governo José Sarney. Também não é para menos tantas queixas. Com o firme propósito de se retirar do campo, o governo passou a tesoura em 60 por cento da verba destinada ao plantio da próxima lavoura de verão. De uma exigibilidade de NCz\$ 13 bilhões, o governo está oferecendo aos agricultores apenas NCz\$ 7,8 bilhões e avisa que não tem mais dinheiro em caixa. Esta é a dura realidade para quem precisa continuar no campo e plantando. Sem saída, os agricultores terão de buscar recursos no mercado financeiro pagando taxas 50 por cento mais elevadas que as praticadas na safra 88/89. Quem tem recursos e quer fugir do banco, vai ter que plantar por conta. Além da escassez nos recursos, o governo ainda atrasou na liberação dos Valores Básicos de Custeio, que mal cobrem o uso de insumos modernos

e estabeleceu preços mínimos que, segundo os cálculos da Confederação Nacional da Agricultura, estão defasados em 32 por cento. O resultado dessa política desastrosa do governo Sarney pode custar muito caro aos brasileiros, alertam as entidades representativas do setor numa alusão a uma possível falta de alimentos para o próximo ano. É uma bomba para estourar nas mãos do futuro presidente.

Não fosse só o problema de redução de área — a Fecotrijo já vem estimando uma redução de 10 por cento para a lavoura de soja —, um outro pode ainda agravar mais a situação: a lavoura será prejudicada na sua qualidade. O agricultor que não tem dinheiro para complementar a verba de custeio e não vai querer buscar o restante no mercado financeiro privado, vai plantar com pouco adubo. Vai ser uma lavoura pobre que resultará, certamente em menor produtividade e redução na produção nacional. É um passo para trás, mas o governo Sarney não está nem um pouco preocupado. Os custos de produção elaborados pela Fecotrijo, os VBCs, os preços mínimos e a decisão de alguns agricultores estão nas páginas 4, 5, 6 e 7.

Os 76 novos representantes da Regional Pioneira, eleitos nos dias sete e oito de agosto estiveram reunidos durante dois dias em Ijuí, para discutir entre outros assuntos, a implementação de vários projetos de agroindustrialização, como a ampliação da cerealista e a instalação de uma planta frigorífica na região. Além da estrutura física e do andamento destes projetos junto a fontes de financiamento, os representantes também assistiram a algumas explicações sobre estrutura do poder e associativismo e estrutura organizacional da Cooperativa. Maiores detalhes sobre o encontro na página 10.

DO LEITOR

Cooperativismo e liberal economia

Raul Quevedo

É possível interpretar, com exatidão as funções de uma cooperativa no universo social e geográfico da cidade, ou região, onde ela atua? Da mesma forma, julgar, com exatidão, o papel que ela representa em termos de serviços e benefícios reais às comunidades às quais serve?

Num primeiro momento pode parecer simples a resposta, mas não é. Se pode afirmar, desde já, que é difícil até mesmo um raciocínio mais abrangente quanto a soma de serviços que, vindo dela, ou através dela, acaba por servir toda a comunidade. Tão ampla e diversificada a sua participação no conjunto da coletividade, que muitas vezes o povo beneficiado não chega a se dar conta nem mesmo da presença dela em seu dia-a-dia, em seu cotidiano.

Por mais modesta e frágil que ela seja, por menos que sua presença física seja notada pelo conjunto da sociedade onde atua, é certo que os benefícios prestados estarão sempre em proporções maiores do que seu porte físico presente. E se falarmos de uma cooperativa atuante, participativa, atenta às necessidades e fenômenos sociais que ocorrem no seu meio, a sua ação será ainda mais fértil e benéfica.

Analisemos um caso concreto de cooperativa enquadrada nos conceitos, participativo, atuante, ágil, e cem por cento prestativa. A Cotrijuí, por exemplo. Sua presença nas regiões onde atua, significa a prestação de serviços em diversas áreas, todos resultando em benefícios diretos e, ou, indiretos, para toda a comunidade.

Relacionemos os mais evidentes e óbvios: milhares de empregos através do decorrer do ano, independente de safras. Assistência técnica constante aos produtores associados. Estes produtores recebem a assistência em ordem direta, mas os resultados dos benefícios da tecnologia — pelo processo natural da sucessão do conhecimento — acabam sendo repassados a toda a comunidade produtora, independentemente de ser, ou não, associado da cooperativa.

A luta da Cotrijuí tem sido no



"A luta da Cotrijuí tem sido no sentido de multiplicar a produção, não só em volume, como também em diversificação"

sentido de multiplicar a produção, e não só no sentido físico do volume de produtividade, como também na diversificação das culturas vegetais e da criação de animais. E isso é sabido, é público e notório. O que a maioria das pessoas não sabem — e algumas fazem por ignorar, intencionalmente — é que junto a esse processo produtivo desenvolve-se toda uma cultura comunitária, uma filosofia de vida, que não é nova em termos mundiais, mas que em nosso país tem sido travada, combatida, injuriada e até perseguida. E não injuriada e perseguida pelos arautos da economia estatizada e socialista, mas, precisamente, pelos defensores da chamada livre iniciativa, da economia de mercado. Isso é o mais estranho, e vem demonstrar, tacitamente, que muitos dos que alardeiam a livre iniciativa, na verdade, não desejam assim tão livre. Ou então, desejam-na livre, porém, apenas na fase do lucro.

As pessoas mais atentas e bem informadas, sabem disso. Nossos associados, por exemplo, são doutores na arte de conhecer as manhas e safadezas dos atravessadores, dos "cooperativis-

tas de ocasião" e compradores de safras prontas. Os mais antigos lembram dos tempos anteriores à existência da cooperativa, quando estavam expostos à vontade e arbítrio dos comerciantes tradicionais. E ficavam expostos, nas duas pontas: quando vendiam a produção, a preços ditados por compradores que não tinham nenhum compromisso com a comunidade produtora, e quando adquiriam suas necessidades, num comércio igualmente liberado de qualquer compromisso com os agricultores.

Sem nenhum elemento regulador de mercado, dependendo de interesses exclusivos de um mercantilismo sem qualquer compromisso com o social e humano da produção, os agricultores não tinham nenhuma segurança e nem mesmo a quem se queixar de suas desgraças. Esses fatos ainda estão presentes na memória dos mais argutos e atentos. E eles afirmam que jamais irão esquecer as desditas passadas.

Os compradores de fora não estão interessados senão pela produção. Como não investiram nada, podem, muitas vezes, oferecer alguns cruzados a mais. Apenas orientados pelo lucro, correm atrás do produto pronto, no galpão, pois são simples repassadores. Não estão interessados se no município onde foi gerada a produção vai haver desemprego, miséria, caos social. Se o município, por carência de recursos, não puder cumprir as responsabilidades atribuídas por lei, eles não estarão lá para ver. Nem lhes interessa o amanhã, pois quando uma localidade já não produz, ou entrega produto, na quantidade que lhes satisfaz, deslocam-se para outra, pois não têm raízes locais, ao contrário da cooperativa, que é calo, sangue, suor, e vida, no concerto da comunidade onde foi gerada e se desenvolveu.

Portanto, posicionar-se ao lado da cooperativa é medida de autodefesa, é proteção, é salvaguarda dos interesses próprios e também da comunidade em geral. Numa palavra: é simples questão de inteligência.

Raul Quevedo é jornalista, correspondente do Cotrijornal em Porto Alegre

Um pé de mandioca de 4 metros



É ver para crer: um pé de mandioca medindo 4,5 metros de altura. O feito, registrado na foto ao lado, aconteceu na propriedade de seu Erich Tribess, um agricultor associado da Cotrijuf em Esquina Colorada, interior do município de Tenente Portela. O seu Erich plantou a lavoura, de onde nasceu o tal pé gigante, em setembro do ano passado. A colheita, que não ficou na mesma proporção da rama da mandioca, rendeu seis quilos de mandioca. Na foto ao lado, aparece, além do seu Erich a sua esposa e uma das filhas.

Seminário Nacional de Pesquisa da Soja

Discutir questões como a fronteira agrícola da soja, o impacto da agricultura sobre o pantanal, crédito rural, perspectivas sobre a cultura da soja, mercado internacional da oleaginosa, pesquisa envolvendo a cultura, uso de insumos e tecnologias e aproveitamento da soja na alimentação humana e animal, são alguns dos assuntos a serem abordados no V Seminário Nacional de Pesquisa da Soja, a ser realizado de 17 a 22 de setembro em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O evento tem a organização da Embrapa, da Cotrijuf e da Empaer. Já estão confirmadas as presenças do presidente da Embrapa, Carlos Magno, do secretário do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, Nilson de Barros, do analista do mercado, Argemiro Luís Drum, entre outros.



Conselheiros, lideranças de núcleo e associados da Cooperativa Mista São Luiz Ltda de Santa Rosa passaram um dia na Cotrijuf, conversando com os diretores da Regional Pioneira. Coordenados pelo comunicador Pedro Luis Büttenbender, os associados da Mista Luiz vieram para conhecer a estrutura organizacional e funcional da Cotrijuf, trocar experiências e conhecer o CTC, "buscando aprimorar conhecimentos técnicos na produção agropecuária". A Mista São Luiz tem 3.100 associados e sua área de ação abrange os municípios de Santa Rosa, Santo Cristo, Tuparendi, Tucunduva, Alecrim, Porto Lucena, Cândido Godói e Giruá.



As matrizes suínas
1.115 animais já foram distribuídos na região

Produtores recebem matrizes

Os produtores que se inscreveram no programa de distribuição de matrizes suínas da LBA, já estão recebendo seus animais. Até agora já foram entregues um total de 1.115 animais entre os produtores de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta, Erval Seco e Três Passos. Os animais distribuídos são do tipo carne, mais especificamente das raças Landrace, Large White e seus cruzamentos. Em Ijuí, a entrega das matrizes suínas contou com a presença do superintendente da LBA no Estado, Edemar Tutikian, do coordenador do Projeto de Suinocultura e Bovinocultura da LBA no Rio Grande do Sul, Deoclides Ventrúsculo e da diretora do Núcleo de Voluntariado de Ijuí, Léa Moraes.

FRASES

"Onde tudo tá preto de verde, é porque a terra tá boa". (Ari Goergen, agricultor de Esquina Coronel Lima, interior de Jóia ao referir ao bom estado da sua lavoura de trigo, plantada numa área corrigida)

"Quando o farelo chega a 360 dólares a tonelada, o porco se engasga. Quando chega a 180 dólares, o porco abre a boca". (Citada por José Carlos Treiguer, analista de mercado da Cotriexport, mas a frase é de um amigo, e refere-se a demanda de consumo).

ESTRUTURA DO PODER



Ainda não foi desta vez que uma mulher associada da Cotrijuf conseguiu entrar para o Conselho de Representantes da Cooperativa. Ela já participa de algumas comissões de produtores, como a do leite, por exemplo, mas ainda não conseguiu superar as barreiras do voto. Em Jóia, um dos municípios da área de atuação da Cotrijuf na Pioneira, uma mulher passou por perto. Não conseguiu o número suficiente de votos para garantir um lugar no Conselho efetivo, mas ficou na suplência: é a dona Maria Antonieta da Silva Cerezer, uma viúva de 67 anos, associada da Cotrijuf desde o ano passado e proprietária de 100 hectares de terra na localidade de São José, onde planta trigo e soja.

A dona Antonieta foi professora e diretora da Escola Estadual de 1º Grau Dr. Edmar Kruehl durante mais de 30 anos, onde pode ensinar três gerações de famílias de São José. "Ensinei o ex-prefeito Jandir Andreatta, as suas filhas e netos", diz ela com orgulho e citando a família Andreatta como exemplo. Hoje, aposentada, a dona Antonieta divide o seu tempo entre a propriedade e o CTG Recanto do Pago. Nas reuniões da cooperativa que acontecem na comunidade, a dona Antonieta é sempre a primeira da fila, querendo saber de tudo e um pouco. Confessa que não era candidata a representante "pois entende que todos são candidatos", mesmo assim, acha interessante que os homens já comecem a votar em mulheres. "A mulher, diz ela, mesmo aquela que trabalha na agricultura, também já está conquistando seu espaço. Pena que nenhuma mulher, ainda hoje, faça parte do Conselho de Representantes da Cotrijuf".

Que a eleição para escolha dos representantes da Cotrijuf está ficando cada vez mais organizada, não resta mais nenhuma dúvida. O trabalho começa nos núcleos com a discussão do processo de representatividade dentro da

cooperativa e termina com a definição de um nome para representar a comunidade e disputar a eleição. Esse é um estágio que já atinge grande parte dos núcleos de associados da Cotrijuf e que sintetiza, de certa forma, a vontade de se fazer representar dentro do Conselho de Representante. As próprias eleições anteriores demonstraram que, quem não se organiza, não leva. São Jacó, por exemplo, uma localidade do interior de Santo Augusto, definiu o associado Osvino Bartsch como candidato quase um mês antes da eleição. Definido o nome do candidato, a própria comunidade tratou de trabalhar o nome de seu candidato para que ele fosse eleito. Em Chiapetta, as comunidades que definiram com antecedência os seus candidatos, fixaram seus nomes ao lado das urnas. É claro que este tipo de organização não descarta a possibilidade de cada associado votar em quem bem entender já que, oficialmente, todos os associados em condições de votar, são candidatos. Mas a "campanha" para a escolha dos representantes da Cotrijuf, o trabalho de boca de urna, não acontece apenas entre os associados da Pioneira. Na Regional de Dom Pedrito, o associado Antonino Almeida Irigaray fez a sua campanha abertamente, chegando, inclusive, a publicar o seu "santinho" no jornal da cidade, o Ponche Verde. O resultado foi compensador: recebeu 33 votos.

Eleições na COTRIJUI
Associado: Para Representante
Vote em:
Antonino Almeida Irigaray
UM IDEALISTA — UM BATALHADOR

Os 76 novos representantes da Região Pioneira da Cotrijuf, eleitos nos dias sete e oito de agosto tiveram como cerimônia de posse uma primeira



Representantes de Ijuí
Posse no dia 21

reunião para discutir a estrutura da Cooperativa e suas perspectivas econômicas. As primeiras unidades a empossarem os seus representantes foram Tenente Portela e Coronel Bicaco, no dia 15 de agosto, seguidas por Jóia, no dia 16 e Augusto Pestana e Santo Augusto no dia 17. Dia 18 foi a vez de Chiapetta e Ajuricaba e dia 21, Ijuí.

O mês de agosto registrou a segunda maior inflação da história: 29,34 por cento, perdendo apenas para a de janeiro deste ano que chegou a 70,28 por cento. O acumulado de 1989 eleva-se, assim, para 359,01 por cento e o dos últimos 12 meses para 1.084 por cento. O BTN do mês foi para NCz\$ 2,69 e o salário mínimo de setembro é de NCz\$ 249,47. A poupança rendeu, em agosto, 29,98 por cento.

Mais um corte



De uma exigibilidade de NCz\$ 13 bilhões necessários para a lavoura de verão, o governo está destinando apenas NCz\$ 7,8. O corte foi de 60 por cento. Pelo desestímulo, a área de soja no país pode reduzir de 12,3 milhões para 10,8 milhões de hectares.

De norte a sul deste país, a queixa é uma só: a verba destinada ao plantio da próxima safra de verão mal cobre as despesas com o preparo do solo. São NCz\$ 7,8 bilhões quando a necessidade real, apontada pelas lideranças do setor é de NCz\$ 13 bilhões. O restante do dinheiro, os agricultores vão ter de buscar no mercado financeiro, a taxas de juros 50 por cento maiores que as praticadas na última safra de verão. O corte no crédito rural. Embora os discursos do Ministro da Agricultura, Iris Rezende, digam o contrário, chega a 60 por cento em relação ao ano passado. O governo se defende dizendo que não tem dinheiro. Com o caixa vazio, busca sacrificando a agricultura, reduzir seus gastos. Aliás, este processo de redução dos recursos destinados ao crédito agrícola não é coisa nova. Já no ano passado o governo passou a rasteira nos produtores que têm pela frente ainda um outro problema: como comercializar a produção da safra de trigo.

Manifestação contra a decisão do governo de cortar parte dos recursos destinados a lavoura e fixar preços mínimos muito abaixo dos reais custos de produção, é que não tem faltado. O presidente da Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, Roberto Rodrigues, por exemplo, diz que os recursos não são assim tão escassos "como o governo vem fazendo crer". Garante que o que existe, em verdade, é uma ganância muito grande por parte do setor financeiro, querendo se apoderar e transformar em lucro o que deveria ser transferido na forma de benefícios ao setor rural. Odacir Klein, presidente da Fecotriga, também não tem poupado críticas ao governo pela falta de recursos para o plantio da próxima safra de verão. E já avisou: se o governo não der um jeito de elevar os VBCs e os preços mínimos, os agricultores vão entrar em juízo". "Queremos preços mínimos e VBCs de acordo com os custos de produção", avisou Klein em entrevista coletiva a imprensa gaúcha quando apresentou os custos de produção levantados pela Federação e se mostrou indignado com a verba de NCz\$ 2,4 bilhões destinados aos produtores do Estado. A necessidade de recursos para os agricultores gaúchos, segundo Klein, é de NCz\$ 3,9 bilhões.

MUITA INDECISÃO

Como plantar a próxima lavoura com dinheiro curto e caro, preços mínimos defasados em relação aos custos de produção? Esta é uma questão que anda tirando o sono de muito agricultor. Só os insumos, segundo os dados da Fecotriga, que na safra anterior representaram 17 por cento do custo total de produção, pularam, este ano, para 26 por cento. Os fertilizantes aumentaram entre 1º de abril a 1º de setembro em 323 por cento e os inseticidas em 290 por cento.

A previsão das lideranças do setor é de que o produtor deixe de lado a tecnologia que vinha empregando até agora e faça uma lavoura de baixa qua-

lidade, resultando em menor produtividade e em queda na produção nacional. A própria Fecotriga vem trabalhando com uma redução de 5 a 12 por cento na área de plantio da soja. Na área de atuação da Cotrijuf pouco se fala em redução de área da soja, mas muito se fala em usar menos adubo. "Quem for plantar mal, que diminua a área e faça uma lavoura bem feita", tem aconselhado o diretor presidente do Grupo Cotrijuf, Oswaldo Meotti. Pelas primeiras intenções de plantio, os agricultores associados da Cotrijuf na região estão planejando uma lavoura parecida, em tamanho, com a de 88/89. Um levantamento feito pela assessoria da Diretoria Agrotécnica indica que a lavoura de soja pode chegar a 317 mil hectares, contra os 314 mil cultivados na safra anterior.

Rudi Tybusch, supervisor da Carteira de Crédito do Banco do Brasil, agência de Ijuí, não acredita numa redução acentuada na área de plantio da lavoura de soja. Ele faz esta afirmação tendo como base a visita que os agricultores têm feito ao banco em busca de informações sobre o custeio de verão. "O agricultor tem vindo com frequência até o banco pra buscar informações a respeito do financiamento para a próxima lavoura", observa Tybusch, que até realizou um levantamento do número de contratos realizados pela agência de Ijuí nestes últimos cinco anos.

Em 1984 foram contratados pela agência de Ijuí — tanto para a formação de lavouras como para investimentos — 2.986 financiamentos. No ano seguinte, o número de contratos baixou para 2.674 em 1986, durante o



Na coletiva com a imprensa Odacir Klein divulgou os custos de produção levantados pela Fecotriga

Plano Cruzado, o número se elevou para 3.748. Em 1987 voltou a reduzir para 2.577 em 1988 chegou a 2.647. Deste total de contratos firmados em 88, 752 foram feitos através de repasse via Cotrijuf. Neste ano, envolvendo apenas a lavoura de inverno, foram feitos 554 contratos que totalizaram uma área de 12.807 hectares de trigo e aveia.

PROCURA PEQUENA

Ao contrário do que normalmente vinha acontecendo em anos anteriores, nesta mesma época, o agricultor da região ainda nem começou a procurar pelos insumos necessários para a próxima lavoura de verão. Na Cotrijuf, Pioneira, por exemplo, o movimento na compra de sementes e fertilizantes continua calmo. Até o momento, apenas 45 mil sacos de semente de soja, resultado do programa da troca de produto indústria por insumos, está comprometido, "o que já é um bom indicativo", assinala Décio Luiz Cassol, agrônomo e supervisor de Sementes na Pioneira dizendo que, numa média comparativa, esse volume vem representando 25 por cento da saída do insumo em anos anteriores. Aponta a falta de recursos, o volume de semente produzida em casa e grande quantidade de semente existente em oferta no mercado, como responsáveis pela retração do produtor.

A procura por adubos e fertilizantes também tem sido pequena. "Toda essa insegurança em relação ao crédito tem deixado o agricultor meio sem saída", observa Luiz Carlos Bottega, chefe de Insumos da Cotrijuf/Pioneira. Mas a convicção do Bottega é de que o produtor, mesmo diante de tantos de-

Problema e área de abrangência	Valor médio de produção (VBC)		Cálculo de despesas	
	1ª safra	2ª safra	1ª safra	2ª safra
	em mil	em mil	em mil	em mil
ANILAS DE VERÃO				
REGIÃO MECÂNICA - SISTEMA DESEMI				
Hefes Sul e Sudeste	3.000	3.000	101,32	112,00
Hefes Centro-Oeste e Norte	3.000	3.000	101,32	112,00
REGIÃO MECÂNICA - SISTEMA DESEMI				
Hefes Sul e Sudeste	3.000	3.000	101,32	112,00
Hefes Centro-Oeste e Norte	3.000	3.000	101,32	112,00
REGIÃO MECÂNICA - SISTEMA DESEMI				
Hefes Sul e Sudeste	3.000	3.000	101,32	112,00
Hefes Centro-Oeste e Norte	3.000	3.000	101,32	112,00
ANILAS DE VERÃO				
REGIÃO MECÂNICA - SISTEMA DESEMI				
Hefes Sul e Sudeste	3.000	3.000	101,32	112,00
Hefes Centro-Oeste e Norte	3.000	3.000	101,32	112,00
ANILAS DE VERÃO				
REGIÃO MECÂNICA - SISTEMA DESEMI				
Hefes Sul e Sudeste	3.000	3.000	101,32	112,00
Hefes Centro-Oeste e Norte	3.000	3.000	101,32	112,00

Cautela nos investimentos

Muita cautela, principalmente nos investimentos. Este é o conselho que o presidente da Cotrijuf, o economista Oswaldo Olmiro Meotti, vem dando aos agricultores. "O dinheiro, além de escasso, é muito caro, ressalta, criticando a falta de atenção do governo para com a agricultura e a medida provisória 75 que tenta alterar o índice de correção dos financiamentos de 12 para 14,83 por cento". Entende que essa mudança, "que pode vir de forma retroativa", só vai servir para aumentar ainda mais a insegurança em que vive o agricultor, sem condições, inclusive, de saber o custo real do financiamento pelo banco". Duvida que, dentro destas condições que o governo está oferecendo recursos para a formação da lavoura de verão, o agricultor consiga cobrir todo o empréstimo com uma produção de 30 sacos por hectare. "Até pouco tempo atrás ele pagava o banco colhendo 14 sacos por hectare", recorda.

Ao pedir cautela aos produtores, Meotti não está se referindo apenas aos investimentos feitos na propriedade ou a aquisição de algum maquinário. Ele também está sugerindo que o agricultor pense duas vezes antes de plantar, "chegando ao ponto, se necessário, de reduzir sua área de lavoura. Não estamos desestimulando o plantio da lavoura de verão", procura deixar bem claro, mas também não podemos bancar o "amigo da onça" de nossos associados. Eles precisam saber que a situação, embora passageira, é difícil". Ao classificar os VBCs de baixíssimos, os preços mínimos de desinteressantes e a verba destinada a lavoura, na ordem de 7,8 bilhões de cruzados, de insuficiente, Meotti faz um outro alerta: o perigo do produtor que pegar dinheiro do governo para plantar, comprometer o seu patrimônio. "Como o VBC é pouco, o agricultor vai ter que complementar a verba de custeio do dinheiro de mercado, pagando taxas elevadíssimas.

Em meio a esta situação de tanto desestímulo e incertezas, a Cotrijuf, Pioneira, vem tentando encontrar uma saída que leve o agricultor a escapar das altas taxas de juros, sem no entanto deixar de fazer a la-

voura. A exemplo do que já fez com a lavoura de milho, feijão e pipoca, a cooperativa vem estudando uma forma de criar um programa semelhante para a soja, onde o associado levaria todos os insumos necessários para fazer a sua lavoura e devolveria o valor, no final da safra, em produto físico. "O que não podemos permitir é que o nosso associado, por falta de recursos, faça uma lavoura mal feita", observou Meotti, sugerindo, inclusive, uma pequena redução na lavoura.

SEGREDO NA QUALIDADE

"O segredo da lavoura deste verão está na sua qualidade", afirma José Carlos Treiguer, analista de mercado da Cotriexport, endossando as palavras do presidente da Cotrijuf. O Treiguer não vê outra saída para o agricultor senão plantar com tecnologia, embora reconheça que os custos de produção andam pela "hora da morte" e o dinheiro no bolso do produtor escasso. "Sei que é difícil falar em qualidade quando os custos de produção são elevados e os preços dos produtos desvalorizados, mas ainda acho que o produtor vai ter de colocar o mínimo de adubo necessário na sua lavoura para alcançar uma boa produtividade", avisa o analista da Cotriexport. Entre plantar uma área grande de soja, sem adubo, ele recomenda o plantio de uma lavoura menor, mas de melhor qualidade.

A sugestão do Treiguer é para que o produtor programe sua lavoura sabendo efetivamente o quanto estará gastando. "Até acho que o produtor deveria procurar dolarizar a sua lavoura, pensando, em primeiro lugar, em quanto pode colher em dólar. Se não pode aumentar o preço de soja, pode pelo menos aumentar o número de sacos que vai produzir", observa ainda. Seguindo o raciocínio do analista da Cotriexport, em vez do produtor colher 20 sacos e vender a 12 dólares cada um, pode colher 40 e vender a 10 dólares, que a receita vai ser maior, possibilitando, desta forma, cobrir os custos de produção, reforça mais uma vez, alertando para a questão da produtividade como saída para um ano em que o mercado da soja começou mal, com preços menores.

Longe dos custos de produção



A área de soja no Estado poderá reduzir em 12 por cento. Esta foi a conclusão a que chegou a assessoria econômica da Fecotriço ao comparar os atuais Valores Básicos de Custeio fixados pelo governo para a próxima safra de verão com os custos de produção. A falta de recursos vai ainda desestimular o plantio do sorgo e do girassol.

Esta análise do que poderá ocorrer com a próxima lavoura de verão está sendo apresentada pela Fecotriço através de um estudo "Custo de Produção de lavouras mecanizadas, previsão da safra 1989/90 das lavouras de girassol, milho, soja e sorgo e revisão do custo das lavouras de inverno de aveia e trigo". "Este estudo, segundo Paulo Roberto da Silva, assessor econômico da Federação, tem por objetivo servir de instrumento de administração rural, orientando o produtor na sua difícil tarefa de tomar uma decisão quanto a utilização/combinção racional dos fatores de produção e dimensionamento de suas lavouras".

PREÇOS MÍNIMOS E VBCs: DEFASAGENS

Os preços mínimos fixados para esta safra, segundo o estudo da Fecotriço, se comparados com os da safra passada, estão demonstrando uma defasagem média de 25 por cento para a soja, milho, sorgo e girassol. Apenas a cultura do feijão está apresentando uma defasagem menor, na ordem de 4 por cento. O caso do girassol é, no entanto, o mais alarmante. Se comparado o preço mínimo do governo com o preço necessário para cobrir os custos de produção, a defasagem chega a

Pelas contas da Fecotriço, os preços mínimos não cobrem os custos. Na soja, a defasagem é de Ncz\$ 15,41 em cada saco de 60 quilos e no milho de Ncz\$ 4,97

126 por cento.

A situação dos demais produtos, passa por perto da do girassol. O valor necessário para um saco de soja de 60 quilos do produto é de Ncz\$ 37,15, mas o governo estabeleceu o preço mínimo em apenas Ncz\$ 21,73. Ou seja: 70 por cento abaixo do custo de produção. O VBC é outro caso à parte. O necessário para plantar um hectare de soja é de Ncz\$ 546,62, segundo os cálculos da Fecotriço. Mas o governo está oferecendo Ncz\$ 515,28, "considerando, alerta o Paulo Roberto, que em nenhuma das faixas o custeio é dado de forma integral, mas de acordo com a categoria de cada produtor." Os minis e pequenos têm direito a 70 por cento dos Ncz\$ 515,96, o que corresponde a um valor de Ncz\$ 360,00. Os médios levam 40 por cento, que corresponde a Ncz\$ 206,00 e os grandes produtores 30 por cento que totaliza Ncz\$ 154,00.

A defasagem do preço mínimo estabelecido para a cultura do sorgo em relação ao preço necessário é, também, de 70 por cento e a de feijão e milho, de 29 por cento. O produtor que vai plantar sorgo e milho financeiro neste verão,

vai ainda, sair mais assustado do banco. Em vez dos 100 por cento do custeio, os minis e pequenos produtores só podem levar 80 por cento do financiamento integral; os médios 70 por cento e os grandes 50 por cento. Quem está se saindo um pouquinho melhor é o feijão, mas nem mesmo assim, pode contar qualquer tipo de vantagem. Ele teve o seu VBC acrescido em Ncz\$ 208,17 totalizando Ncz\$ 515,96.

Além de insuficientes sequer para a aquisição dos insumos necessários para a la-

voura, o Paulo Roberto aponta ainda um outro ponto que certamente vai pesar bastante na hora do produtor ir ao banco para pegar dinheiro: a acentuada elevação nos custos financeiros tanto para o crédito rural como para o crédito suplementar. Para exemplificar melhor a situação, ele faz um comparativo de custos, mostrando que na safra 88/89, o produtor pagava pelo dinheiro do crédito rural a variação do IPC mais a taxa de 9 por cento de juro ao ano. Nesta safra ele vai pagar o IPC e mais 12 por cento de juro —

taxa esta 33 por cento mais elevada.

Mais feia ainda é a situação daquele produtor que necessitar pegar crédito suplementar. Se na safra anterior ele pagou pelo dinheiro da lavoura um custo financeiro corrigido na base do IPC mais 20 por cento, nesta próxima lavoura que recém começa a ser programa, vai ter de desembolsar o IPC e mais 30 por cento. De um ano para o outro a taxa de juro para o crédito complementar ficou 50 por cento maior.

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA DE VERÃO 89/90							
Produtos	Unidade SC	SAFRA 1989/90			Custo prog.		
		Vigora a partir de	Correção p/var. BTN até	Em *BTN/kg	Em Ncz\$ 1.09.89	Safra 89/90 1.09.89 Ncz\$/sc	Diferença %
Arroz	50 kg	Fev/89	Jul/89	0,204029	27,50	—	—
Feijão	60 Kg	Nov/89	Mar/90	0,527780	85,36	111,12	30,18
Girassol	40 kg	Dez/89	Mar/90	0,137282	14,18	33,45	126,01
Milho	60 kg	Fev/90	Jul/90	0,111967	18,10	23,07	27,46
Soja	60 kg	Fev/90	Jul/90	0,134380	21,73	37,15	70,96
Sorgo	60 kg	Fev/90	Jul/90	0,078864	12,75	21,78	70,82

*I BTN setembro/89 Ncz\$ 2,6956

COMPARATIVO ENTRE OS PREÇOS MÍNIMOS FIXADOS PARA AS SAFRAS 88/89 E 89/90 (1)						
CULTURA	PREÇO MÍNIMO 88/89		PREÇO MÍNIMO 89/90		VARIACÃO	
	Valor absoluto	Valor inflacionário (2)	Valor absoluto	Valor inflacionário (2)	Valores	%
Soja	2,37	27,73	21,73	21,73	- 6,00	21,64
Milho	2,05	23,99	18,10	18,10	- 5,89	24,55
Sorgo	1,43	16,73	12,75	12,75	- 3,98	23,79
Feijão	7,63	89,27	85,36	85,36	- 3,91	4,38
Girassol	1,83	21,41	14,80	14,80	- 6,61	30,87

(1) Base 1º setembro
(2) Valor Inflacionado (1,070,02%)
Variação da OTN de 01,09,88 a 15,01,89..... 189,54%
Variação da BTN de 16,01,89 a 01,09,89..... 269,56%
Variações do período 01,09,88 a 01,09,89. 1,070,02%

COMPARATIVO ENTRE OS VALORES BÁSICOS DE CUSTEIOS REGIÃO CENTRO-SUL, SAFRAS 88/89 E 89/90. (1)								
CULTURA	Faixa de Produtividade	VBC 88/89		VBC 89/90	Variação		Adiantamento	
		Valor	Valor (2)		Valores	%	88/89	89/90
Soja	1.501 - 1.750	44,65	525,93	391,58	- 134,35	25,55	70-40-30	70-40-30
Milho (MEC)	3.001 - 3.500	43,20	508,85	434,72	- 74,13	14,57	100	80-70-50
Milho (CONV)	1.701 - 2.100	29,26	344,65	291,75	- 52,90	15,35	100	80-70-50
Sorgo	2.001 - 2.500	31,03	365,50	309,84	- 55,66	15,23	100	80-70-50
Feijão	601 - 800	26,13	307,79	515,96	+ 208,17	67,63	100	100

(1) Base 01 de agosto
(2) Valor Inflacionado (1,077,9%)
Variação da OTN de 1º,08,88 a 15,01,89..... 249,49%
Variação da BTN de 16,01,89 a 01,08,89..... 208,42%
Variação do período 1,08,88 a 01,08,89..... 1,077,90%

AGROVET. O Antibiótico Completo.



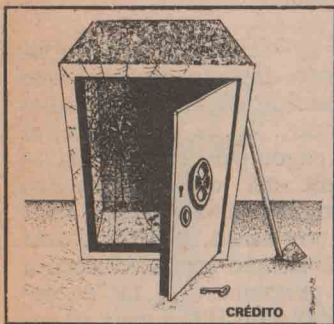
- Atua contra as infecções de maneira rápida e eficaz.
- Menor custo que os outros antibióticos à base de penicilina.
- Indispensável no dia-a-dia dos criadores.

Belo Horizonte (031)201-1991 • Curitiba (041)223-8128 • Porto Alegre (0512)42-6956 • Recife (081)221-2651 • São Paulo (011)241-8513

SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE
SERVIÇO
CONFIANÇA

O cerrado vai plantar menos



A lavoura de soja no cerrado deve reduzir em 10 por cento, segundo as primeiras estimativas. O milho não deve aumentar sua área de forma significativa

No auge dos protestos de sojeiros que ocorreram no mês de junho em Mato Grosso do Sul, muitos produtores propunham uma grande redução da área de soja na próxima safra e alguns defendiam até mesmo o fim da cultura da oleaginosa no cerrado. Com a proximidade do plantio da safra de verão que deverá iniciar no mês de outubro, ainda há uma indefinição muito grande, mas já se sabe que a redução não será tão expressiva como se fazia supor há alguns meses.

O coordenador da área de sementes da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, Hildo Fogaça, calcula que a lavoura de soja na área de ação da cooperativa, deverá reduzir entre 10 e 15 por cento. Ele afirma isto baseado no movimento de venda de sementes e diz que normalmente até o final de agosto 60 por cento da semente já está vendida. Este ano entretanto, foi vendida apenas a metade com relação ao mesmo período do ano passado. Em 88 a cooperativa comercializou 240 mil sacos e a previsão para este ano é de 180 mil sacos.

A cultura do milho também não terá um acréscimo substancial como se imaginava pois muitos supunham que ela fosse ocupar os espaços de soja, mas Hildo não crê nesta possibilidade e calcula que se aumentar será apenas uns 10 por cento. Ele diz que a venda de semente do cereal está bastante lenta, tendo comercializado até fins de agosto apenas 735 sacos. O arroz, a terceira cultura mais significativa em termos de área vem mantendo uma queda nos últimos anos e esta tendência deverá ser mantida.

Além da semente, a venda de adubo e outros insumos também servem como termômetro para indicar como será a próxima safra. A venda destes produtos está bastante estagnada, primeiro pela indefinição de muitos agricultores e segundo porque o uso de adubo, fertilizante e outros defensivos vai diminuir sensivelmente na próxima lavoura, numa tentativa de redução dos custos de produção.

Para o associado de Rio Brilhante, Jair Gregório Alves, essa atitude não é acertada porque o agricultor se por um lado economiza insumos, por outro será prejudicado com uma produção menor a comercializar no final da safra, pois a produtividade da sua lavoura certamente vai ser afetada. Ele diz que vai plantar a mesma área do ano passado, 424 hectares, exclusivamente com soja e vai fazer a lavoura com todos os recursos. O associado acredita que a próxima safra seja melhor e afirma que não vai plantar outra cultura, como o milho, por exemplo, porque existem problemas de armazenamento do grão e também por que ele nunca plantou o cereal e não tem portanto, muito conhecimento sobre esta lavoura.

Jair Gregório Alves, ressalta entretanto, que só vai plantar toda a área com soja porque é arrendatário, pois se a terra fosse sua, iria optar pela formação de pastagens para ingressar futuramente na atividade pecuária, o que tem sido uma tendência de muitos produtores. Ele, assim como muitos produtores, não havia liquidado sua dívida junto ao Banco do Brasil até o início de setembro e afirma que o pagamento só é possível graças ao restante da soja que ainda não comercializou e com o dinheiro do trigo que já vendeu. O associado vai financiar nova-

mente a lavoura, mas lembra que o VBC só vai ser suficiente para comprar a semente.

Para o presidente da Federação de Agricultura de Mato Grosso do Sul - Famasul, Eduardo Machado Metello a situação atual é caótica e protesta contra a política do governo que segundo ele, tem penalizado o agricultor brasileiro. Embora não queira arriscar um percentual, ele está certo de que o estado terá uma grande redução de área plantada na futura safra e não crê que o produtor vá trocar a soja por outra cultura.

A pretensão de muitos agricultores é trocar a atividade agrícola pela pecuária e Metello considera isto preocupante na medida que vai jogar um grande contingente de "novos" pecuaristas no mercado. Para o presidente da Famasul este fato poderá tumultuar o setor que hoje está bem estruturado e organizado, porque implicará num superávit na oferta do produto final.

O superintendente do Banco do Brasil em Mato Grosso do Sul, Sirley Nogueira reconhece que a situação do

produtor rural está muito difícil e diz que muitos não terão condições de saldar duas dívidas junto ao Banco do Brasil. Para estes casos ele espera que seja viabilizado um reescalonamento da dívida mas sem aumentar os encargos que reconhece como muito altos para o setor primário. A instituição efetuou levantamento no final de julho e segundo o superintendente, 60 por cento dos contratos feitos para a lavoura de verão já foram liquidados. A região que menos liquidou seus financiamentos foi a de Maracaju e é lá justamente onde os produtores estão se movimentando para obterem nova prorrogação para pagamento da dívida. Sirley Nogueira diz que este assunto está sendo analisado por toda equipe econômica do governo mas não há qualquer novidade a respeito.

O Banco do Brasil financia aproximadamente 80 por cento das lavouras de verão no estado e para uma área prevista em torno de uma milha ou um milhão e 200 mil hectares na próxima safra, levando-se em consideração o VBC médio, serão necessários recursos na ordem de 600 milhões de cruzados novos. Este dinheiro ainda não está disponível porque o banco está esperando a liquidação dos financiamentos da última safra, lembra o superintendente. Ele acredita que a redução na área de soja não ultrapasse os cinco por cento e conta que a grande procura está sendo para a cultura do feijão. Esta deve aumentar mais de 500 por cento e na sua avaliação o interesse se deve a vários motivos: a área ocupada com feijão é pequena no estado, os preços estão bons e porque a cultura está tendo financiamento total nesta safra.

Bancando o milho, o feijão e a pipoca

Cotrijuí cria programa de troca de insumos por produto físico

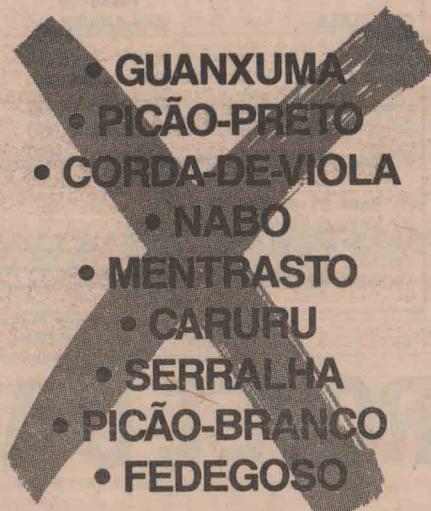
Plantar milho, feijão e pipoca nesta safra, principalmente para quem não tem dinheiro sobrando, semente e nem adubo comprado, ficou um pouco mais fácil. Não que todos estes insumos estejam sendo dados de graça. São as condições criadas, através da troca de insumos por produto físico, que estão facilitando o plantio destas culturas. Tanto o mútuo de milho como o de feijão e o de pipoca vêm sendo colocados à disposição do quadro social da Cotrijuí, Regional Pioneira, desde o início de agosto.

Para Celso Sperotto, diretor vice-presidente da Cotrijuí na Pioneira, estes três novos programas mútuos de troca de insumos por produto físico representam uma saída para que o produtor possa escapar das incertezas dos custos financeiros. "Os mútuos de milho, feijão e pipoca eram, inclusive, uma velha reivindicação do quadro social", salienta destacando ainda um estudo que vem sendo realizado no sentido de se estender esse programa também à cultura da soja. "Além disso, incentivando o plantio destas culturas, estaremos, também, suprimindo a nossa cerealista e indústria com matéria-prima", observa.

A meta da Cotrijuí, através desse novo programa de permuta é a de promover o plantio, na região, de 5 mil hectares de milho, 500 de feijão e 200 hectares de milho pipoca. Os agricultores levam os insumos necessários para plantar a lavoura desejada e devolvem, no final da safra, o valor correspondente em produto físico. Se a meta estabelecida pela Diretoria Agrotécnica for cumprida, a Cotrijuí vai receber, no final da safra e fruto do programa de permuta, 7.100 toneladas de milho - destas, 150 toneladas serão destinadas a sementes; 240 toneladas de feijão - sendo 160 para sementes - e 225 toneladas de pipoca, sendo 10 toneladas de semente.

LEXONE® NÃO CONTROLA LEITEIRO,

Quem vive enfrentando o picão-preto, a guanxuma, a corda-de-viola, o caruru, o mentrasto e outras ervas daninhas de folhas largas da soja precisa de LEXONE® para vencer todas as partidas. Com economia e eficiência, LEXONE® vai riscando estas invasoras da sua plantação, assegurando



sempre o melhor resultado para a sua colheita. Outra jogada bastante inteligente é LEXONE® e TRIFLURAN® para você derrotar as folhas largas e também as folhas estreitas.

LEXONE® acaba com o jogo das ervas daninhas, enquanto sua soja fecha no limpo.

MAS RISCA ESTAS ERVAS DA SUA SOJA.

LEXONE®

DU PONT



Ari Goergen



Valdir Sarturi

Planta, só com dinheiro próprio

"O importante é ter uma boa produção". A afirmação é do agricultor Ari Goergen, proprietário de 10,5 hectares de terra na localidade de Esquina Coronel Lima, interior do município de Jóia, garantindo que, mesmo com poucos recursos, pretende fazer uma lavoura bem feita. "É preferível plantar cinco hectares de soja bem caprichado do que 50 ao acaso, só para dizer que plantou", critica ele, entendendo que o produtor precisa se conscientizar da necessidade de apostar na produtividade. Reconhece que a situação é difícil, o dinheiro anda escasso e o juro muito alto, "mas pior é plantar uma lavoura grande e tirar pouco mais que nada".

O Ari planta na terra onde mora há mais de quatro anos. Até hoje nunca entrou num banco para financiar nem a lavoura de soja nem a de trigo. Já corrigiu 80 por cento da sua área, utilizando recursos próprios. "Se tivesse entrado num banco para pegar dinheiro para plantar, certamente não teria tido condições de comprar um trator usado", diz, renegando, no entanto, o fato de, por falta de recursos, ter sido obrigado a comprar os dois pneus a prazo. No fim de dois meses, foi dar uma olhada na conta e se apavorou com o juro. Resultado: foi a Augusto Pestana e vendeu um terreno para saldar a dívida. Se não tivesse o recurso do terreno, ia vender as vacas de leite. "Pior era deixar a dívida crescendo".

Para comprar o trator, ele deu de entrada 300 sacos de soja e arrumou mais 100 emprestados com a sogra. "O pequeno, diz ele, tem que se virar como pode. Se depender do governo, vai ser engolido por uma perna".

ÁREA MENOR

A lavoura de soja do Ari deste verão vai ficar em 6,5 hectares, 1,5 hectares a menos do que a área plantada em 88/89. Ainda vai plantar 1,5 hectare de milho, mas prô ano já está pensando em aumentar para dois hectares, pois está planejando investir na suinocultura. Entende que é hora do agricultor buscar, com suas próprias forças, novos rumos para a sua proprie-

dade. Semente para a lavoura de soja, ele já tem, que guardou da safra passada. Falta o adubo, que pretende comprar com o dinheiro do trigo. Para a lavoura de milho, o Ari se inscreveu no mútuo de troca de insumos por produto que a Cotrijuí está colocando à disposição de seus associados neste verão.

NÃO QUER DINHEIRO DO GOVERNO

O seu Valdir Sarturi, proprietário de 18 hectares de terra na localidade de São Pedro, onde mora, e arrendatário de mais 70 em Rondinha, já tomou um decisão: nem que o governo estivesse dando dinheiro à vontade, ele não ia pegar. Razões para não querer recursos do banco o seu Valdir tem de sobra. Conta que nunca financiava lavoura nenhuma, mas nas duas últimas safras de verão, por causa da terra arrendada, resolveu pegar dinheiro no banco para plantar. "Só tive a perder. Me tornei um empregado do banco e ainda mal remunerado", reclama.

Na área de 18 hectares que possui em São Pedro, o seu Valdir vai plantar 12 com pastagens para o gado de leite, que está pretendendo investir na atividade. Também vai plantar o teosinto para semente, que pretende colher no cedo e plantar mais milho, só que desta vez para fazer silagem. Arrendou mais 8 hectares pelas redondezas para plantar o milho Empasc para semente e outro tanto para o gasto da propriedade.

Em Rondinha, onde arrenda 70 hectares de terra, vai plantar apenas soja. Um pouco de semente ele tem em casa, cerca de 130 sacos, mas diz que ainda vão faltar uns 50 sacos, que pretende comprar com o dinheiro do trigo. De adubo na lavoura, vai usar uma mistura "que sempre usei antes de financiar a lavoura e me deu ótimos resultados". Ele vai misturar quatro toneladas de adubo químico com oito toneladas de calcário fuller e mais oito toneladas de adubo orgânico. "Como a área não é corrigida, o calcário fuller vai ajudar a equilibrar os nutrientes que faltam", observa. Contra as ervas daninhas, vai usar a tramontina, que nunca usou herbicida.

Menos soja, mais milho

Mas não é só o Ari Goergen ou o Valdir Sarturi, de Jóia, que estão apostando no resultado do trigo para comprar o adubo da próxima lavoura de verão. Na propriedade do Romélio Marks, em Linha Progresso, interior de Augusto Pestana, a situação é mais ou menos a mesma. Proprietário de 20,5 hectares de terra e arrendatário de mais 9 hectares em Eugênio de Castro, Romélio ainda fica cheio de dúvidas quando fala na próxima lavoura de verão. Já decidiu que vai fazer um tanto da lavoura com recursos próprios, mas o dinheiro não é suficiente para toda a área.

Mas apesar das dúvidas, uma decisão ele já tomou. Em vez dos 20 hectares de soja que plantou em terra própria ano passado, vai plantar só 16. Tem intenções de financiar a terra arrendada, mas se não aparecer dinheiro, até já anda pensando em vender alguns suínos para comprar os insumos. Em lugar da soja, que deveria ocupar parte da terra própria, Romélio vai colocar mais milho, mandioca e sorgo. "Só não vou reduzir ainda mais a lavoura de soja, porque comprei um pedaço de terra e o pagamento é em produto", observa o agricultor que, de dois anos para cá vem investindo mais na suinocultura, no gado de leite e já pensa em construir um açude para trabalhar com peixes. "Só o trigo e a soja não dá mais. O produtor precisa pegar outros rumos", diz ele.

Para fazer toda a lavoura de soja, o Romélio tem a semente em casa, "mas falta o fertilizante e o herbicida", o que espera poder comprar com o dinheiro do trigo, que também foi plantado por conta. Ele só não vai tentar financiar toda a lavoura de soja, porque também anda meio ressabiado com a alta dos juros. "Sei de agricultores que estão vendendo suas terras para pagar o banco", diz ele reconhecendo que, a cada ano que



Romélio Marks



Mircon Kern

passa, o produtor precisa colher mais produto por hectare para poder pagar o financiamento da lavoura.

PELO TRIGO

A quantidade de adubo a ser usada na lavoura do agricultor Mircon Kern, proprietário de 13,5 hectares de terra localizada em Marmeleiro, interior de Augusto Pestana, também está na dependência do trigo. Em dinheiro de banco ele nem pensa. Nunca financiou lavoura e nem pretende, "pois o juro é alto demais". A princípio, ele está planejando colocar um saco de adubo por 1,5 de semente. Mas se faltar dinheiro, pode reduzir a dosagem. Em último caso, pensa até em comprar o produto a prestação, mas acha que a terra, que foi calcariada há pouco tempo, embora não tenha ainda recebido o supertríplo e o potássio, possa responder bem a uma quantidade menor de adubo. "Como estou corrigindo com recursos próprios, tenho que andar devagar, senão a correção me avulta demais", justifica.

Mas a grande preocupação do Mircon é produzir o suficiente para pagar um pedaço de terra que comprou. Depois que ficar livre da dívida, sonha em investir e cuidar da terra para aumentar a produtividade. "De que adianta ter uma barbaridade de terra, se ela não produz nada", finaliza.

Sabe como você pode ajudar as suas matrizes a dar crias saudáveis todos os anos e produzir muito mais?



Saúde é peso. Saúde é lucro.

Incluindo um bom antiparasitário no manejo reprodutivo e alimentar. **IVOMEC®**. Este antiparasitário de última geração pode ajudar a melhorar a saúde, peso e lucratividade de suas matrizes. Use **IVOMEC®** antes do parto e na época da cobertura. Confira os resultados nos gráficos.

GANHO DE PESO EM NOVILHAS/100 DIAS (1)			
59,2 kg	41,8 kg	+17,4 kg	
IVOMEC®	CONTROLE	DIFFERENÇA	● Somente 1 tratamento. ● Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. ● Animais: 58 novilhas.

PERFORMANCE REPRODUTIVA EM VACAS TRATADAS COM IVOMEC® ANTES DO PARTO - PORCENTAGEM DE PRENHEZ (2)			
80%	75%	+5%	
IVOMEC®	CONTROLE	DIFFERENÇA	● Somente 1 tratamento. ● Dose Utilizada: 1ml/50 kg P.V. ● Animais: 1465 vacas.

(1) Autores: Batti, A.F.; Gettimbay, G. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.
(2) Autores: Holste, J.E.; Wallace, D.A.; Hudson, D.B. Nenhuma reação adversa foi observada. Sem significância estatística.
● J Vet Pharmacol Therap 7:1-16, 1984
● Vet Record 116:151-153, 1984 ● dvm 16(10): 33-38, 1984 ● Am J Vet Res 45: 2455-2457, 1984 ● Proc 16 th Ann Con Am Assn Bov Pract, 69-71, 1984.



MSDAGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Big. Paulo Lima, 3055-2º and - CEP 01451-101 (11) 804-5266 - 3 Paulo - SP

VC-48/88

ANTIPARASITÁRIO DE ÚLTIMA GERAÇÃO
Você pode ver a diferença no seu gado.

* Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

(B)A IVC-48/88

Nova estrutura para o sistema

As principais características do projeto de Lei Cooperativista, elaborado pela comissão de juristas ligados ao sistema e aprovado pelas cooperativas ligadas a Fecotrijo, foi tema da palestra proferida por Vergílio Perius.

"Pela primeira vez um decreto constitucional toma o cooperativismo livre, tirando-o do controle da fiscalização e da intervenção do Estado". A afirmação é do advogado da Fecotrijo, Vergílio Perius, durante palestra realizada na Afucotri de Ijuí, no dia 31 de agosto a toda a área de educação cooperativa da Cotrijuf. Membro da comissão de juristas que elaborou o projeto de Lei Cooperativa que ora tramita pelo Congresso Nacional, Perius citou algumas das mudanças que beneficiam o sistema cooperativista através da nova Constituição como é o caso do apoio e do estímulo ao surgimento de novas entidades, a livre formação de cooperativas de crédito, a definição do ato cooperativo, entre outras referentes a saúde e da própria política agrícola.

Mas, se estes dispositivos soltaram um pouco as amarras do sistema, por outro lado, cabe agora à Lei Cooperativa, reestruturar o seu funcionamento interno por meio de normas específicas que atendam às necessidades de democratização. Entre estas, Perius cita especialmente o expurgo do entulho autoritário representado até pouco tempo pela Senacoop, pelo BNCC e pelo Conselho Nacional de Cooperativismo, os quais, principalmente, a entidade financeira está na dependência do fortalecimento das cooperativas de crédito.

CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA

Em outro ponto que integra a nova Lei Cooperativista, Perius chama atenção para as formas de encaminhadas a transição onde destaca a simplificação do número de pessoas necessário para a formação de uma cooperativa. Atualmente, este número está estabelecido em 21 pessoas, devendo, com a aprovação da Lei, passar para apenas sete. Ainda com respeito a este ponto, o jurista destaca uma nova estrutura do processo eleitoral nas cooperativas, apoiado, segundo ele, na experiência desenvolvida pela Cotrijuf.

A partir disso, explica Perius, várias outras questões ligadas a democratização interna das cooperativas também podem ser resolvidas, como é o caso dos períodos de renovação de mandato das diretorias. "Se o associado tem direito a voto secreto e universal, ele também terá que dizer qual é o período de mandato mais adequado para a sua cooperativa", salienta o jurista.

Todos estes itens que estão distribuídos em artigos na nova Lei Cooperativista, são sustentados pelo caráter de desburocratização que a Lei

apresenta, ao assegurar a liberdade de cada cooperativa em definir os seus próprios estatutos, as suas normas, com a inovação de fazer do Conselho Fiscal um órgão com grande responsabilidade de prestação de contas, passível também de punição quando se omitir este trabalho.

Para regular este dispositivo, a nova Lei prevê a criação de um Conselho Curador, uma espécie de entidade ética, de âmbito nacional que deve funcionar junto aos órgãos de representação, como OCEs e OCB, tendo a função de examinar todo o processo de formação de novas cooperativas e também de receber denúncias sobre irregularidades praticadas por entidades, encaminhando inclusive assembleias gerais para exame do caso e com legitimidade para evitar judicialmente as liquidações.

NOVA REPRESENTAÇÃO

Um ponto importante previsto pelo projeto de Lei Cooperativista da comissão de juristas é quanto a representação política do sistema, o qual tem encontrado muita dissonância com outro projeto de Lei apresentado pela OCB. Buscando uma representação mais racional dos agentes econômicos, o projeto dos Juristas pretende promover uma representação mais efetiva, deixando por isso, as cooperativas com liberdade de participarem ou não da OCB, e dando, no primeiro caso, o direito de participação de voto para cada cooperativa singular.

O projeto dos juristas também não deixa de fora a redefinição de participação do quadro funcional, já que segundo Perius, "não é possível mais legislar sem levar em conta esta questão". Prevista em regime estatutário, a participação dos funcionários, tem sugestões como a de durante processo eleitoral, o quadro de funcionários escolher secretamente o seu representante para concorrer ao Conselho.

DISTRIBUIÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Mais próximo do caminho de auto-gestão, o cooperativismo, tem, portanto, segundo Perius, o desafio de democratizar ainda mais a sua regulação interna, definindo o papel do associado, que assim como tem o poder de convocar assembleia quando o Conselho Fiscal não prestar contas devidas, também ao agir irregularmente em relação a cooperativa responde perante o Conselho.

Além disso, Perius cita alguns dispositivos referentes a administração, entre os quais fica definido o administrador como um intérprete dos inte-



Perius
Lei deve
democratizar
estrutura
interna das
cooperativas

resses das suas bases, transformando estes em decisão política, através da execução de profissionais.

CONSTITUINTE MUNICIPAL

Finalizando a sua pa-

lestra, Perius lembrou a importância da elaboração da lei orgânica municipal, tão logo seja finalizada a Constituição Estadual, e que irá dispor sobre Poder Público, saúde, ensino, transporte, associativismo, en-

tre outros. Nas bases cooperativas, a discussão da sua funcionalidade dever ter o apoio do Congresso de Vereadores, ligados ao setor, a ser realizado em Nova Petrópolis.

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtem-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



TECTO 100
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA



O custo de cada um

A melhoria das condições do solo através da redução de um grande número de operações de aragem e gradagem é um dos benefícios mais salientados por técnicos e produtores que defendem o plantio direto como um sistema de cultivo mais econômico e de maior praticidade em relação a tecnologia convencional.

Isso tudo é verdade e pode muito bem ser comprovado por quem está utilizando o sistema há alguns anos, poupa muito serviço e até colhe mais por hectare. As médias de produção, no entanto, por si só não representam todo o ganho de um sistema de cultivo, pois como demonstram os custos totais de produção comparativos, o plantio direto, ao mesmo tempo que reduz as operações mecânicas de preparo e plantio, acaba exigindo, às vezes, investimentos maiores por parte do produtor.

Ainda assim, alerta o assistente técnico da diretoria agrotécnica da Regional Pioneira, Luis Juliani, responsável pelos cálculos de comparação dos dois sistemas, "o plantio direto já tem demonstrado com os anos, que traz os melhores resultados, não só em economia de tempo como principalmente em conservação do solo". Isso porque, quanto menos o solo for trabalhado com máquinas, menores são as possibilidades de ele se degradar e formar camada compacta que impede a infiltração da água e o enraizamento perfeito para o desenvolvimento das plantas.

Por outro lado, ressalta o técnico, "se a lavoura não for muito inçada, e o produtor optar pela capina manual ou mecânica, eliminando, portanto, o uso de herbicida, o custo do plantio direto acaba caindo de 201 cruzados para apenas 97,88 cruzados por hectare.

COMPARAÇÃO

Para se observar melhor as diferenças entre o sistema convencional e o plantio direto, basta seguir as tabelas ao lado que apresentam a comparação dos custos item por item. No item 1 está incluído o gasto com todas as operações mecânicas de preparo e plantio do solo, incluindo também o custo de combustível, lubrificantes, filtros, conservação, reparos e depreciação das máquinas. No plantio convencional as operações incluem uma subsolagem, duas gradagens (uma para o nivelamento do solo e outra para a incorporação do herbicida), uma aplicação de herbicida e o procedimento normal de semeadura. Já no plantio direto, tanto a subsolagem como as gradagens são desnecessárias. Somente em alguns casos, onde se inicia o plantio direto, se faz necessário uma subsolagem para romper a camada compactada.

As operações no plantio direto, portanto, são apenas duas aplicações de herbicidas — uma antes do plantio para aplicação de dessecante e outra de herbicidas pré-emergentes — e por fim a semeadura.

No item 2, que trata da mão-de-

PLANTIO CONVENCIONAL	
1. OPERAÇÕES MECÂNICAS	
1.1 — Subsolagem	
1,313 horas/ha a NCz\$ 18,37/h.....	24,12
1.2 — Gradagem (2)	
0,946 h/ha a NCz\$ 23,16/h.....	43,82
1.3 — Aplicação de herbicida	
0,6112 h/ha a NCz\$ 21,55/h.....	13,17
1.4 — Semeadura e adubação	
0,565 h/ha a NCz\$ 23,46/h.....	13,25
SUB TOTAL 1.....	94,36
2. MÃO-DE-OBRA	
4,56 horas homem a NCz\$ 1,38.....	6,29
SUB TOTAL 2.....	6,29
3. HERBICIDAS	
3.1 — Trifluralin — 1,5 L/ha a NCz\$ 23,00.....	34,50
3.2 — Metribuzin — 0,5 L/ha a NCz\$ 96,62.....	48,31
SUB TOTAL 3.....	82,81
TOTAL (1+2+3).....	183,46
TOTAL SEM APLICAÇÃO DE HERBICIDA (1+2).....	100,65

PLANTIO DIRETO	
1. OPERAÇÕES MECÂNICAS:	
1.1. — Aplicação herbicida (2)	
0,6112 h/ha a NCz\$ 21,55.....	13,17
1.2 — Semeadura e adubação	
1,07 h/ha a NCz\$ 26,40.....	28,25
SUB TOTAL 1.....	41,42
2. MÃO-DE-OBRA	
4,58 horas homem a NCz\$ 1,38.....	6,32
SUB TOTAL 2.....	6,32
3. HERBICIDAS	
3.1. — Roundup 1,01 L/ha a NCz\$ 36,43/L.....	36,43
3.2 — U 46 0,5 L/ha a NCz\$ 27,42/L.....	13,71
3.3. — Dual 3,5 L/ha a NCz\$ 29,30/L.....	102,55
3.4. — Metribuzin 0,5 L/ha a NCz\$ 96,62.....	48,31
SUB TOTAL 3.....	201,00
TOTAL (1+2+3).....	248,74
4. TOTAL SÓ COM DESSECANTE (1+2+3.1+3.2).....	
	97,88
5. TOTAL SEM HERBICIDA (1+2).....	
	47,74

obra foi considerado o trabalho de um tratorista e um ajudante. Sua remuneração foi considerada tomando como base o salário mínimo regional, para uma jornada de 24 dias por mês de trabalho. No item 3 aparecem os herbicidas utilizados em quantidade recomendada. No plantio convencional são totalmente dispensáveis os dessecantes — ou herbicidas de contato — que irão eliminar os inços que ficam na resteva da cultura anterior, já que as operações de subsolagem e gradagem fazem este controle.

A comparação de custos considera ainda a eliminação de herbicidas nos dois tipos de cultivo, deixando dessa forma, o controle dos inços por conta da capina mecânica ou manual. No caso do plantio direto pode se observar ainda o custo sem o uso dos herbicidas de pós-plantio, ou seja, somente com aplicação de dessecantes. Estes custos, no entanto, salienta o Juliani, podem variar de uma propriedade para outra, dependendo do tipo e incidência do inço, do tamanho da propriedade e da mão-de-obra disponível.

Adaptação: uma receita de economia

Entre todos os gastos que fazem parte do custo total do plantio direto, os herbicidas são os mais salientes, chegando a representar até mais de 50 por cento, quando são necessários. Além deles, existe um outro fator que acaba aparecendo como empecilho para quem anda pensando em fazer a lavoura com plantio direto, que são as semeadeiras próprias para o plantio na palha, tanto no inverno como no verão.

Muitos produtores adeptos do plantio direto já saíram deste impasse através da adaptação de suas máquinas convencionais em semeadeiras diretas, de acordo com as próprias características da lavoura. Embora o serviço não seja lá dos mais baratos, principalmente se for comparado aos realizados em safras anteriores, a adaptação é vista como um investimento viável, já que se dependessem da compra de um equipamento novo, muitos não fariam a lavoura neste sistema.

PROCURA AUMENTOU

O interesse por este tipo de serviço começou há poucos anos, mas já se pode observar em muitas oficinas especializadas, um aumento pela procura de adaptações, principalmente para as semeadeiras de soja, que por possuem um sistema menor de linhas



Armino Deckert

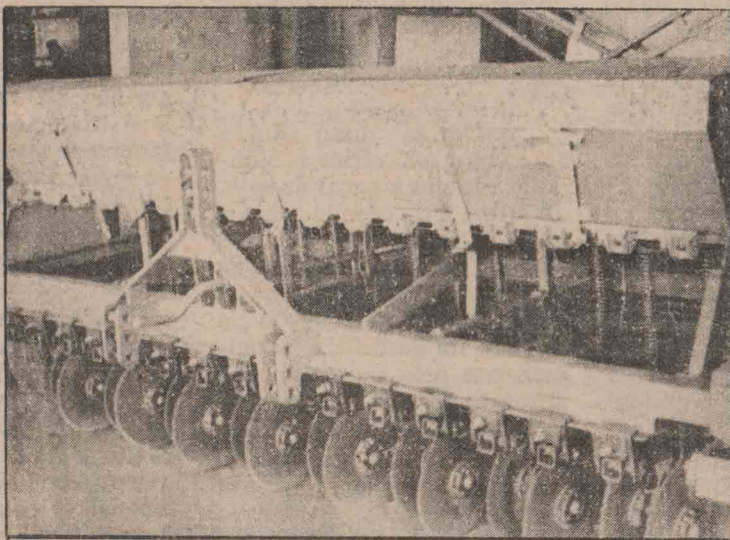


Gerson Beutinger

do que as de trigo e aveia — seis contra 16 — são mais baratas, e por isso, mais utilizadas.

"Agora no inverno, o trabalho diminuiu sensivelmente," diz Valdir Telam, um dos proprietários de uma oficina de reforma e confecções de implementos na Esquina Eidmann, em Ijuí. Esperando repetir o trabalho realizado no ano passado, quando fez mais de 30 adaptações para a safra de soja, Valdir se surpreendeu neste inverno. "Até achava que o pessoal ia fazer mais, porém, o preço da soja não ajudou." Além disso, como ele mesmo afirma, a adaptação para o trigo é um pouco mais cara, algo em redor de oito mil cruzados, enquanto para a soja o serviço fica perto dos quatro mil cruzados.

Apesar destas diferenças, os produtores que andam com os gastos bem guardados na memória não deixam de recomendar o plantio direto, viabilizado, segundo eles, também pelas adaptações. Armino Deckert, por exemplo, do distrito de Mauá, em Ijuí, vai entrar para o segundo ano de plantio direto no próximo verão, que ele



Semeadeira de Inverno: um pouco mais cara, mas ainda mais barata que o gasto em diesel

justifica como sendo a forma "mais econômica e de menos serviço" para plantar.

Para realizar a semeadura direta na palha, Deckert utilizou uma plantadeira convencional adaptada em seis linhas, que na época custou ao seu enteado, Gerson Kommers Beutinger, cerca de 500 cruzados. "Não foi tão barato, mas só em economia de diesel comparada ao gasto da convencional vale a pena", salienta Deckert. Segundo os produtores, que já têm planos de aumentar a área de plantio direto na próxima safra, a máquina não é problema, o mais caro, atualmente é deixar a lavoura em condições, ou seja, corrigir e fazer uma lavoura bem povoada para fazer bastante palha.

Um outro produtor de Mauá, Reinhart Kommers, também iniciou com o plantio direto no verão passado, quando plantou neste sistema 85 hectares de soja. "Não fiz mais porque já tinha incorporado parte da aveia", conta o produtor que há cinco anos vem destinando dois terços da área para a cultura. Nesta safra Reinhart já pode

observar a vantagem da adaptação depois que mandou adaptar uma PS8 para plantio direto, serviço pelo qual pagou apenas 25 por cento do preço de uma nova.

Colhendo até 40 sacos por hectare, o produtor considerou esta média boa, o que lhe levou a fazer toda a lavoura de inverno também em plantio direto. Dessa vez ele não plantou nada de trigo, "porque não houve incentivo do governo", deixando todo o espaço para as aveias. "A aveia dá mais certo porque tem sistema radicular forte", explica o produtor que colhe quase toda a safra para semente.

Para fazer o plantio no inverno Reinhart mandou confeccionar uma plantadeira, com caixa de metal, que segundo ele pode durar até 30 anos, pagando por ela, mais o sistema de discos desencontrados de 16 linhas e serviço, seis mil cruzados. "Comparado ao que iria gastar em óleo, o serviço saiu barato", afirma o produtor, dizendo ainda, que se fosse comprar uma nova teria que apelar para o banco, "coisa impossível hoje por causa dos custos do dinheiro."



Reinhart Kommers

Projetos e desafios em discussão

Representantes da Regional Pioneira discutem os projetos de agroindustrialização da Cooperativa e os desafios econômicos e políticos da agropecuária

Aprovação da Lei Agrícola, trazendo uma nova ordem no processo decisório do setor agropecuário, discussão dos interesses mútuos entre as regionais que compõem a Cotrijuf e o andamento de projetos de verticalização da Cooperativa. Estes foram alguns dos assuntos discutidos durante o primeiro curso para os 76 novos representantes eleitos da Regional Pioneira, realizado nos dias cinco e seis de setembro, na Afucotri de Ijuf.

Além desses três pontos que já integram a pauta do novo Conselho, também fez parte do encontro uma explanação sobre associação e estrutura do poder, feita pelo superintendente Walter Frantz, estrutura organizacional pelo diretor administrativo e financeiro, Ari Zimpel e gerências. Os representantes reuniram-se ainda com as diretorias Agrotécnica, de Operações e Comercialização e de Compras e Abastecimento, e visitaram as instalações da sede da Regional.

OS PROJETOS

No segundo dia do curso, o encontro teve início com a apresentação dos projetos que hoje fazem parte dos planos de investimentos da Cotrijuf para os próximos cinco anos, junto àqueles ligados a cada unidade em particular. A importância desses projetos foi apresentada pelo vice-presidente da Regional Celso Bolívar Sperotto. "Para se efetivar as alternativas de produção, é preciso que a Cooperativa esteja organizada para absorver esta produção, fazendo aquilo que sabemos e pretendemos com independência" acentuou.

Esta organização apontada pelo vice-presidente foi detalhada em forma de estudo pelo associado e engenheiro civil Bruno Michaelsen que sugere um plano de desenvolvimento a partir do levantamento de necessidades de cada uma das unidades. Falando sobre as limitações físicas, especialmente da sede, Mi-

chaelsen apresentou sugestões para melhorar o acesso de cada setor e ampliar outros ligados diretamente aos projetos de industrialização dos produtos diversificados.

Neste ponto mereceu atenção a ampliação da cerealista, a qual deve sustentar uma série de novos produtos. Do seu potencial de comercialização existente na região e no País falou o farmacêutico bioquímico, Robin Bahr, especialista em tecnologia de alimentos responsáveis pela gerência industrial destes novos projetos.

Depois de ressaltar a necessidade que qualquer empresa tem em agregar os seus serviços e tecnologia, para com isso chegar mais perto do consumidor, Robin abordou a realidade da Cotrijuf neste processo e enumerou as várias possibilidades de transformação de cada produto.

O milho foi o primeiro produto citado, já que a partir dele podem ser produzidos desde a canjica, a glitz (fubá sem pó), utilizado no mercado varejista ou em indústrias de cervejaria, salgados, cremes, flocos, farinha pré-cozida, gene para ração e ainda farinha pré-gelatinizada, aproveitada tanto na indústria de sopas como na metalúrgica.

Depois disso Robin apresentou os vários subprodutos obtidos a partir da soja, do arroz, e da cevada que por meio do processo de descasamento pode ser utilizada na indústria de torrefação e na de rações e de farinha. A aveia também foi destacada, principalmente pelo seu espaço de absorção no mercado, além da industrialização de frutas, do pescado e do centeio.

INVESTIMENTOS E DESAFIOS

Os projetos de verticalização na Cooperativa, também foi assunto do presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti, que ressaltou o seu avanço pela própria expansão das atividades de diversificação e da necessidade imposta pela evo-



Representantes: dois dias discutindo problemas e projetos.

lução da economia. Lembrando a recuperação da suinocultura na região, Meotti disse que esta atividade, a exemplo do grão, mostra que a Cooperativa "não pode mais se deter apenas a estimular a produção, sendo com isso mera repassadora. Temos que industrializar o grão e a carne e colocá-los no mercado varejista", afirmou.

Baseada nesta intenção política, a Cotrijuf conta hoje com uma meia dúzia de projetos como a da planta frigorífica na região Pioneira, indústria de óleo de milho, de farinha de mandioca, de citros na região Pioneira, da ampliação do frigorífico de Dom Pedrito, além do abatedouro de frangos na Regional do Mato Grosso do Sul.

Para viabilizar pelo menos parte destes projetos a Cotrijuf, segundo o presidente, aposta também na captação de recursos externos a custos mais baixos e, a longo prazo, numa nova relação comercial a partir de 1992, quando todos os países que fazem parte da Comunidade Econômica Européia e os Estados Unidos pretendem cessar a política de subsídios maciços a agricultura. "O produto brasileiro assim como o argentino deve ficar mais valorizado", acredita Meotti, con-

siderando ainda o interesse de investimentos externos no País.

MAIOR RESPONSABILIDADE

Mas, se por um lado existe uma certa resposta às expectativas de projeção de investimentos na agroindustrialização, que devem ser melhores definidos a partir dos contatos feitos pela direção a partir do dia 27 deste mês até 11 de outubro, na Itália e na França, se tem à frente mudanças políticas a nível interno, que levam a Cotrijuf, segundo Meotti, "a seguir com muita cautela", pois mesmo com as contas da casa equilibradas, os custos do dinheiro são muito elevados.

"Esperar a boiada passar", é uma das definições que o presidente encontra para explicar a estratégia administrativa frente ao momento político nacional. É preciso ter cautela, principalmente com o trigo, que já possui um projeto de privatização no Congresso Nacional, "com distorções", afirma Meotti referindo-se ao dispositivo que assegura importação quando ocorrer a falta no mercado interno, "ainda que se saiba que existe até sobre o produto".

Embora estas incertezas ligadas ao setor agropecuário, Meotti destacou a ex-



Meotti: momento é de muita cautela

pectativa de regulamentação da Lei Agrícola e também da Lei Cooperativista, que devem conferir maior liberdade de atuação às cooperativas e maior democratização nas decisões da política em geral. "A criação de um Conselho Nacional de Política Agrícola é um exemplo disso", afirmou o presidente, lembrando ao mesmo tempo que a participação nas decisões políticas exige maior responsabilidade do produtor e um maior conhecimento do que se passa fora da sua propriedade e da Cooperativa.

Participaram ainda do encontro com os representantes, o analista de mercado da Cotriexport, José Carlos Trieguer, o gerente do Terminal Luiz Fogliatto, Bolívar de Souza Lima e o gerente da área de saúde, Gustavo Drews.

CONHEÇA VOCÊ TAMBÉM A FORÇA DOS HÍBRIDOS BRASKALB

Fetag: prioridade a reforma agrária



Ezídio Pinheiro

Compromisso com a prática de uma gestão democrática

Tendo por meta prioritária educação de base visando a formação de consciências livres, capazes de se autodeterminarem na busca de seus próprios caminhos, reordenamento da luta pela reforma agrária, contenção da violência no campo e saneamento financeiro dos sindicatos, foi eleito para mais uma gestão na Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, o sindicalista Ezídio Pinheiro. Pinheiro, que presidiu a Fetag no triênio 1983/86, saindo para cumprir mandato de vice-presidente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura, retorna à presidência da entidade gaúcha.

Considerado por muitos como candidato natural para assumir a Contag, assistiu de concorrer por discordar dos métodos dos companheiros de diretoria, que acusou de "atrasados e manobristas para se perpetuarem na direção da entidade nacional".

Em carta-manifesto que endereçou aos sindicalistas rurais no começo do ano, Ezídio Pinheiro acusou o então presidente da Contag de proceder ditatorialmente, sem respeito algum para as decisões tomadas pela maioria, inclusive em congressos da classe dos trabalhadores rurais.

COMPROMISSO

Em declarações feitas ao "Contajornal", em Porto Alegre, Ezídio Pinheiro, que será empossado no decorrer deste mês, disse que, junto com seus companheiros de diretoria se compromete a praticar uma gestão democrática, com a busca da contribuição das lideranças sindicais, visando cumprir as decisões soberanas dos trabalhadores rurais. Para tanto — diz ele — propomos implementar as seguintes iniciativas: redefinição do papel e das atividades das regionais sindicais, bem como de suas atribuições administrativas e de educação sindical. Treinar o quadro de assessores e funcionários, tornando-os qualificados e aptos a prestarem o indispensável apoio à diretoria em todos os setores de trabalho, seja no administrativo, jurídico, sindical ou econômico e social.

REFORMA AGRÁRIA

Para Ezídio Pinheiro, a agricultura está atravessando um período dos mais difíceis, pois existem diversas tendências ideológicas, políticas, culturais e religiosas na área do campo, que estão trabalhando pelos sem-terra e precisam ser unificadas. Assim como estão, pondera ele, elas dividem o movimento, em vez de uni-lo e fortalecê-lo.

A reforma agrária é talvez o maior problema que a nova diretoria da Fetag irá enfrentar, calcula. E antecipou que essa luta será prioritária, principalmente no enfrentamento com a UDR, pois segundo frisou, "a União dos Ruralistas é o grande entrave à evolução do processo de democratização de aquisição e uso da terra arável em nosso país, significando, por extensão, o grande atraso social e econômico brasileiro".

Para ele, "não fosse a mobilização de alguns sem-terra que vêm ocupando terras improdutivas, já nem se estaria falando mais em reforma agrária neste país", observa com certo desalento.

LUTA PERMANENTE

Entende que toda essa situação aponta para uma luta permanente e redobrada no seio da classe trabalhadora rural pela retomada da discussão e democratização do movimento sindical, tendo como fundamento a participação cada vez mais crescente — quantitativa e qualitativa dos trabalhadores rurais, principalmente nas instâncias de decisões e da luta de classes, em suas diferentes variáveis.

"Como já conclamei na carta-manifesto aos companheiros trabalhadores rurais de todo o país, ainda quando exercia a vice-presidência da Contag, renovo a disposição de prosseguir na luta agora na presidência da Fetag, que assumo pela segunda vez. Espero continuar merecendo a confiança de meus companheiros de todo o estado, para a grande luta que tem em vista proporcionar uma vida melhor a todos os trabalhadores rurais", finalizou Ezídio Pinheiro.

LUBRIFICAÇÃO
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS

Rimula

O Super Óleo do seu dia-a-dia



Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespumã.



Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.



Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificáveis à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



 **Shell**
Líder mundial em lubrificantes



SEMENTES COTRIJUÍ

Sementes fiscalizadas de SOJA de diferentes cultivares, você encontra em:

SEMENTES SÃO FRANCISCO

Rua Jacinto Felizardo Barbosa, 1059
Miguelópolis — São Paulo
Fone (016) 835-1527

A cavalo, de casa em casa

Em Dom Pedrito, as agentes de saúde percorrem as distâncias usando o cavalo como meio de transporte

Quem mora na região da Campanha sabe que gritaria de quero-quero na frente da casa é sinal de visita chegando. E vem a pé ou a cavalo. Visita de carro faz barulho e não surpreende mais ninguém, nem mesmo os quero-queros. Mesmo nestes tempos modernos, o cavalo ainda é um meio de transporte bastante utilizado nestas regiões. É a cavalo que o vizinho ou o compadre tira uma tarde para um dedo de prosa ou algum parente mais distante chega para saber notícias. Só que no interior de Dom Pedrito, um município de muito campo e grandes lavouras de arroz, nem sempre o cavaleiro que aponta na coxilha e fez os quero-queros quebrarem o silêncio da tarde, pode ser um vizinho ou parente. Ele pode ser um agente de saúde fazendo o seu trabalho.

O trabalho com agentes de saúde no município de Dom Pedrito começou em maio passado, sob a coordenação do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí na Regional de Dom Pedrito, que, devido a algumas particularidades da região, foi obrigado a fazer adaptações na mecânica de funcionamento do trabalho. Como as propriedades por lá ficam mais distantes uma das outras, o pessoal do Departamento, coordenado pelo Ivo Bazilio com o apoio da socióloga Elizabete Piemolini e da nutricionista Reny Rockemback, achou que, em vez de usar carro, os agentes de saúde do município poderiam usar cavalos.

Foi dito e feito. As três agentes de saúde do município, a Maria de Fátima Maria Leite, que atende as localidades de Taquarém-Passo da Pedra, a Ana Lúcia F. Lanes que atende Sanga Preta e ainda a Gládis Ely Wollmann Lima, responsável pelo atendimento em Vila Arruê, arregaçaram as mangas e foram à luta. Nem uma delas vê qualquer inconveniente em usar o cavalo como meio de transporte.

Tanto o Ivo como a Elizabete e a Reny, acreditando plenamente na potencialidade do trabalho e nos resultados alcançados, começam agora a programar a expansão deste trabalho de agentes de saúde no município de Dom Pedrito. "na busca de um envolvimento maior das famílias do campo". Eles têm certeza de que, agindo desta forma, estarão oferecendo um item a mais na linha de preocupação com a fixação do homem ao campo. Hoje, a média de pessoas atingidas pelos agentes de saúde no município

de Dom Pedrito chega a 1.200.

Considerando as enormes distâncias e a estrutura fundiária do município, esse é um número que os comunicadores consideram muito bom. Outro detalhe importante e que atesta o sucesso da iniciativa, é o fato dos agentes já terem em seus registros vários chamados. "Por aí se deduz a confiabilidade das famílias no trabalho dos agentes de saúde, fator de estímulo e esperança para um projeto maior", dizem os comunicadores lembrando que estes agentes foram indicados pelas suas próprias comunidades e treinados em Ijuí através de um curso especial.

Periodicamente os três agentes de saúde se reúnem com os médicos e dentistas que integram o Programa de

Saúde Regional Pedritense, recebendo orientações e esclarecimentos. Atualmente o Plano de Saúde de Dom Pedrito envolve oito médicos e cinco odontólogos.

O PLANO DE SAÚDE

O Plano de Saúde de Dom Pedrito tem duas preocupações: a prevenção da doença e promoção e recuperação da saúde, envolvendo associados e funcionários e suas respectivas famílias com programas que vão de palestras a consultas. Nas palestras, são enfocados assuntos que envolvem a importância da higiene, saúde, alimentação, habitação e nutrição até a extração daquele dente que está doendo e que não pode mais ser restaurado.

Outra preocupação dos coordena-



Gládis Ely Lima, Maria de Fátima Leite e Ana Lúcia Lanes; as agentes de saúde do município de Dom Pedrito

nadores do programa foi o de convênir profissionais das mais diversas áreas. Atualmente, associados, funcionários e seus familiares podem procurar o especialista diretamente em seu consultório, tanto nas áreas de clínica geral, cardiologia, otorrinolaringologia, ginecologia, pediatria, gastroenterologia e dermatologia, sem necessidade de entrar em filas. Também o atendimento a nível ambulatorial no Sindicato dos Trabalhadores Rurais integra o convênio, seja na área médica ou odontológica.



A Expo-Feira de Dom Pedrito

Dom Pedrito, município da Campanha de larga tradição pecuária, está nos preparativos finais da 56ª Exposição Feira Agropecuária, que se realiza de 25 a 30 do próximo mês de outubro.

O Programa da exposição é o seguinte: 25 de outubro, entrada dos animais e julgamentos de admissão. Dia 26, continuação de entrada e julgamento até às 8h. 9h, julgamento de classificação de ovinos, julgamento de classificação de gados Charolês, Shorthorn, Santa Gertrudes e raças zebuínas. A tarde, continuação dos julgamentos das raças de corte e julgamento de classificação das raças leiteiras, Holandês e Jersey.

Dia 27 - às 9h, julgamento de classificação de Polled-Hereford, com teste, ao vivo, capacidade de serviço (cobertura). 14h, julgamento de classificação de equinos Crioulos. 14h30min, remate de ovinos, de bovinos das raças Charolês, Shorthorn, Santa Gertrudes e Zebus, além das raças leiteiras, Holandês e Jersey.

Dia 28 (um sábado) - 14h, remate conjunto das estâncias Guatambu, Alvorada e Caty.

Dia 29 (domingo) - às 14h30min, inauguração oficial. 15h, provas funcionais (cavalos crioulos); 16h, remate de Polled-Hereford. 18h, remate de equinos. Dia 30 - 9h, julgamento de classificação de gado Aberdeen Angus, com teste de capacidade de serviço (monta natural). 15h, remate de Aberdeen Angus.

Além da pecuária, haverá mostras de produtos agrícolas e exposição de máquinas e implementos agrícolas. A Cotrijuí, como ocorre todos os anos, estará prestigiando o evento com um bem montado estande no interior do Parque do Sindicato Rural de Dom Pedrito.

Mostra Rural em praça pública

A Cotrijuí, conjuntamente com a Emater, vai promover de 1º a 10 de outubro, a 1ª Mostra Rural de Dom Pedrito. A mostra, que será exposta na praça General Osório, no centro da cidade, funcionará das 9h às 17h, ininterruptamente.

Além da Cotrijuí e Emater, órgãos promotores do evento, a 1ª Mostra Rural Pedritense tem o apoio da Secretaria da Agricultura do município, do Sindicato Rural e Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Secretaria Municipal de Educação e Cultura. O Patrocínio é do Sul Kemates - Produtores Associados e Agropecuária Campo - Comércio de Produtos Agropecuários.

Serão expostos e colocados à venda, produtos da indústria caseira de alimentos. Pães, queijos, manteiga, mel, hortifrutigranjeiros e peças de artesanato para o lar e uso pessoal, especialmente produtos de pura lã e couros.

A intenção dos órgãos promotores é dar uma movimentação à cidade, diferente da tradicional, além de mostrar as potencialidades reais da indústria caseira, como economia auxiliar das finanças do lar.

Milho no limpo produz mais.



CIBA-GEIGY

PRIMESTRA®

Dia de campo em Santo Augusto

Melhorar as qualidades do solo, incentivar a produção de sementes de forrageiras, melhorar a produtividade da lavoura e trazer novas alternativas para a propriedade. Esses foram os assuntos discutidos em dia de campo realizado pelo departamento agropecuário da unidade da Cotrijuí em Santo Augusto, no dia 23 de julho, quando 68 pessoas entre associados, técnicos e uma equipe da Cabanha Azul de Uruguaiana, estiveram visitando as propriedades de Carlos Rivaci Sperotto, Ilda Malheiros, Luiz Carlos dos Santos Teixeira, Emílio Viecili e Hugo Lino Costa Beber.

Para exemplificar, na prática, todos aqueles objetivos, foi mostrado aos participantes o desempenho de animais que estão envolvidos no cooperado bovino e também os campos de produção

de sementes de forrageiras, sustentados pelo aumento da área de culturas como a ervilhaca, o sincho, aveia, azevém e cevada em todas as propriedades visitadas.

De acordo com o técnico da unidade de Santo Augusto, Osmar Menegon esta aceitação por parte do produtor é fruto de um trabalho de conscientização conservacionista, estimulada a partir da redução da área de trigo proposta pela necessidade de rotação de culturas, da diversificação de atividades e da integração da lavoura com a pecuária.

Além disso, explica ainda Menegon, o aumento da área de pastagens e produção de sementes de forrageiras teve como contribuição a indefinição por parte do governo na aquisição e preço do

Dia de campo 68 pessoas, entre agricultores e técnicos visitaram várias propriedades em Santo Augusto



trigo, cultura que assim como a soja, principalmente nas áreas mais acidentadas, onde não são usadas técnicas conservacionistas.

Da Cás preside Associação

A Associação dos Agricultores de Dom Pedrito tem nova diretoria. Em recente eleição, com chapa única, Gabriel Agostinho Da Cás elegeu-se para a presidência, substituindo no cargo ao agropecuarista e vereador Ruy Adelino Raguzzoni.

Da Cás, que além de orizicultor é beneficiador de arroz (dono de engenho), deseja imprimir uma ação mais dinâmica à Associação, que disse desejar mais vinculada ao Sindicato Rural, por entender que os interesses dos agropecuaristas e industriais do arroz, no fundo, se confundem. Disse que outro elo de ligação que deve imantar a todos em Dom Pedrito, é a Cotrijuí, "uma cooperativa que veio dar nova dimensão ao município". É a seguinte a nominata da di-

retoria da Associação dos Agricultores Pedritenses: presidente, Gabriel Agostinho Da Cás; vice-presidente, Ricardo Pilecco; 1º secretário, Marcos Lutero Schlesner; 2º secretário, Renaldir Alfredo Schlesner; 1º tesoureiro, Vinício Soncini; 2º tesoureiro, Moizes Aires Teixeira.

Conselho fiscal: Ruy Adelino Raguzzoni (ex-presidente); Dorvali Pereira da Fonseca, Valdomiro Bock, José Roberto Pires Weber (presidente do Sindicato Rural); Elvio Vilane Comim e Leonildo Anor Pötter.

Comissão de tecnologia da produção: agrônomos Jorge Everardo Pires, Rogério Gilberto Zart, José Antônio Peterle e Vandê Coradini. Na comissão de política da produção e comercialização: Norberto Felice, Edelci

Carlos Comim, Valter José Pötter e João Celestino Coradini. Comissão promotora e organizadora de eventos: Aury Kummer, Dorval Carlos Müller, Luiz Pedrinho de Gregori, Adelino



Da Cás, (à direita): O novo presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito

Cardoso De Mateo, Zeferino Mário Pivetta, Gosvino Dickow, Leonardello da Silva, Schimidt, e Fernando Gilmar Bulsing da Silva.

**REPRESENTANTES
DOM PEDRITO**

Conscientes das suas responsabilidades

**Francisco Farinha**
Representante há 10 anos**Antoninho Irigaray**
Trabalho de assessoria

Associado dos mais participativos, o advogado e agropecuarista Antonino Almeida Irigaray, elegeu-se para o Conselho de Representantes da Cotrijuí Regional Dom Pedrito, obtendo a maioria dos votos. Irigaray, que é membro da Comissão da Constituinte Cooperativa, representando o município de Dom Pedrito, vai ter oportunidade agora de representar, como representante eleito, os cerca de 1.500 associados daquela Regional. Ele inovou a eleição, fazendo publicidade do nome.

Em declarações feitas ao Cotrijuí, Antonino definiu o perfil que deseja imprimir, em termos de representação, no quadro social da cooperativa. Proclama-se um entusiasta por natureza. É um homem que diz acreditar em tudo o que faz. Agora, na missão que lhe foi confiada por bom número de associados, diz esperar a colaboração dos demais representantes — não 7 ao todo — para, juntos, desenvolverem um trabalho de assessoria com a diretoria executiva.

Se manifesta franco e espontâneo. Entende que o cooperativismo precisa exigir mais fidelidade de seus membros. Como associação de pessoas que se colocam acima do capital, os associados devem ter em mente — sobre todas as coisas — a cordialidade e soma de interesses, que são recíprocos, visando encontrar o bem comum.

Consciente da importância da Cotrijuí no município, Antonino lamenta o procedimento de alguns associados que se aproximam da cooperativa apenas para tirar proveito, esquecendo que ela é um esteio social e econômico. E sem a qual, Dom Pedrito estaria vivendo sérios problemas estruturais em sua economia. Para ele, a Cotrijuí, mais do que um marco "em nosso desenvolvimento social, é um símbolo que deve ser preservado e fortalecido, para o bem de nossa comunidade".

ÚNICO QUE FOI REELEITO

O associado Francisco da Silva Farinha, popular Chico Farinha, é o mais veterano dos representantes, pois em conseguindo reeleger-se há dez anos, desde que foi instituída, em 1979, a Estrutura do Poder. Também veterano cooperativista, cujas atividades produtivas giram em torno da cooperativa há mais de 40 anos, foi o ter-

ceiro mais votado na eleição de 7 de agosto.

Seu Chico não se cansa de chamar a atenção para a importância da Cotrijuí no contexto municipalista de Dom Pedrito, um município de origem tipicamente pecuário, que começa a deslanchar também na agricultura. Segundo ele, a Cotrijuí é o fiel da balança. É acha que tudo o que for feito no sentido de fortalecê-la cada vez mais será revertido em benefício, não de apenas uns, mas de todos, indistintamente.

Crítico contumaz daqueles maus cooperativistas, que além de não comercializarem seus produtos com a cooperativa ainda falam mal dela fora das assembleias e reuniões de conselheiros, ele faz questão de recordar a época da antiga Preditense, em situação de dificuldades financeiras, quando os atravessadores pagavam o que bem entendiam pelo gado. Agora a situação é outra, diz seu Chico. A cooperativa, garantindo um preço base de mercado, dá a garantia que faltava antes para os produtores. Mas a Cotrijuí não é só isso, enfatiza. Ela presta uma enormidade de serviços aos associados. E finaliza: ela é a verdadeira força da união, com todos representando a todos em proveito do bem comum.

REPRESENTANTES

A composição da nominata de representantes eleitos na eleição dos dias 7 e 8 de agosto em Dom Pedrito, pela ordem dos mais votados, é a seguinte: Antonino Almeida Irigaray, Ataliba Martins, Francisco da Silva Farinha (reeleito); Odete Montardo, Délcio Lanes; Abu Souto Bicca, Arnildo Petzold, como titulares.

Ficaram na suplência os associados José Clóvis A. Bueno, Ruy Adelino Raguzzoni, Elonir Severo, Paulo Roberto Leal, Lídio Dalla Nora Bastos, Pedro Afonso Soares Pereira e Ide Rossato.

Compra de crédito em dia

A Cotrijuí Regional Dom Pedrito vem modernizando os serviços prestados aos associados e respectivos familiares. Isso se verifica não só na assistência técnica e melhoramento da capacitação do quadro funcional, mas igualmente nas diferentes áreas de atendimento e nos cuidados com os produtos recebidos.

Também no setor de consumo vem recebendo atenção especial. A cooperativa abriu o crediário para os associados (também para os funcionários), o que virá facilitar a vida econômica, notadamente dos pequenos produtores e funcionários, nestes tempos de crise que vivemos.

Porém, no caso do crediário Cotrijuí, tem de haver uma recíproca. Naturalmente que só terão acesso à vantagem oferecida aqueles associados em dia com suas obrigações sociais. Ela beneficia os associados que entregam produtos na cooperativa. Já os associados que compram à vista, em dinheiro, ou a débito direto em conta-corrente, terão um desconto de 20 por cento.

Nas compras a prazo, o comprador poderá optar para pagar em duas vezes, 50 por cento no ato e 50 por cento em trinta dias, sem acréscimo financeiro. Poderá comprar para pagar em quatro vezes. Nesta última hipótese, 35 por cento do valor será pago no ato, e o restante dividido em 30, 60 e 90 dias, mas com os valores convertidos em BTN do dia do pagamento.

COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário
Alaor José Daltrozo — tecnólogo em cooperativismo

FINANCIAMENTOS PARA PASTAGENS DE VERÃO

Encontram-se abertos, desde o início de agosto, os financiamentos para a implantação de pastagens perenes e anuais de verão. Os produtores interessados no programa, poderão financiar semente de milho para a formação de silagem, de milheto, guandu, feijão de porco, crotalária, setária, capim pânico, guenoaro, alfafa e teosinto. Também estão sendo financiados os insumos necessários para a implantação destas pastagens. Quem contratar financiamento no mês de setembro, terá de pagá-lo com o produto leite, em três pagamentos. Os produtores interessados deverão procurar o departamento técnico da sua unidade para proceder o orçamento.

NOVOS PREÇOS PARA O LEITE

A Superintendência Nacional de Abastecimento, a Sunab, estabeleceu os novos preços para o litro de leite, a vigorar para o mês de setembro. Os novos valores por litro são os seguintes:

- Leite tipo consumo — NCz\$ 0,76
- Leite tipo indústria — NCz\$ 0,75
- Leite excesso 1 — até 20 por cento — NCz\$ 0,54
- Leite excesso 2 — de 21 a 50 por cento — livre negociação
- Leite excesso 3 — mais de 50 por cento — livre negociação
- Leite ácido — NCz\$ 0,18
- Leite ao consumidor — NCz\$ 1,20

O percentual de reajuste foi de 35,71 por cento, ficando um pouco acima da inflação oficial do período. De qualquer forma, os novos preços estabelecidos para o produto ainda não atingiram os valores apontados pela planilha de custos, que chegam, hoje, a NCz\$ 0,87 pelo litro de leite. Cabe salientar que em relação ao índice inflacionário de janeiro a agosto, os preços do leite subiram 14 por cento acima da inflação oficial. Mas no período de um ano, esse percentual de reajuste baixa para seis por cento.

COTA PRÊMIO

A CCGL instituiu a cota-prêmio visando estimular a produção de leite mesmo nos meses de inverno. Para verificar se o produtor tem direito à cota-prêmio, ele deve comparar a sua produção dos meses de abril, maio, junho e julho/89, com a de outubro, novembro e de dezembro/88 e janeiro/89. Se nos meses de inverno a produção foi igual ou superior a 100 por cento a de verão, ele receberá, como cota-prêmio, 10 por cento do valor do leite consumo. Se a produção ficar entre 90 a 99 por cento, a cota-prêmio será de 8 por cento do valor alcançado com o leite consumo. Mas se a produção de inverno atingiu apenas 80 por cento da de verão, o prêmio será de 5 por cento do valor do leite consumo. Não estarão sendo contemplados com o prêmio aqueles com produção média menor do que 20 litros diários, que tenham tido leite condensado por fraude durante o ano e os produtores em cujos meses do período de premiação tenham tido gordura inferior a 3,1 por cento.

Só na área de ação da Cotrijuí, 1.268 produtores estarão sendo contemplados com a cota-prêmio, perfazendo um montante de NCz\$ 100.418,00. Este valor está sendo repassado aos produtores desde os primeiros dias de setembro.

LEITE EXTRA-COTA

A CCGL decidiu, em reunião de seu Conselho, que, durante os meses de agosto e setembro não aplicará o leite extra-cota. O Conselho deverá se reunir novamente no dia 15 de setembro para tomar uma decisão para o mês de outubro. Mas é bom os produtores ficarem alertas, pois no ano passado o leite extra-cota foi aplicado a partir de outubro.

PARTICIPAÇÃO NA EXPOINTER

No dia 29 de agosto, técnicos ligados à área de leite e gerentes dos Postos de Recebimento estiveram participando da XII Exposição Internacional de Leite. Na ocasião, a CCGL inaugurou a sua casa no Parque de Exposições de Esteio.

• A qualidade dos animais que participaram na Expointer/89 foi muito boa, destacando-se o aumento de participação de animais da raça Jersey.

• A vaca Ritinha Volga, além de ter atingido um preço recorde de vendas, confirmou a sua produtividade, sagrando-se a grande vencedora do Concurso Leiteiro promovido pela Associação de Criadores de Gado Holandês. Ela produziu 98 quilos e 200 gramas de leite. A vaca Ritinha é propriedade da Agropecuária Morelato.

• Em segundo lugar classificou-se a vaca Tapes Carola, da Cabanha Sinuelo de Tapes, que produziu 84 quilos e 458 gramas, e em terceiro uma vaca de propriedade de Atelmo Oliveira, de Santo Antônio da Patrulha, com a produção 82 quilos e 200 gramas.

SEMENTES FISCALIZADAS DE FEIJÃO

VARIEDADES

* Rio Ribaji * Guateian * Maravilha * Carioca

**Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.**Rua das Chácaras, 1513 - Fone (055) 332-2400
ramal 304 - 98700 - Ijuí/RS

Programa para melhorar o rebanho leiteiro

Duas doses de sêmen para cada produtor de leite, que fica desta forma, comprometido a entregar ao CTC, uma fêmea nascida da inseminação artificial. Esta é a regra básica do programa de reposição de vacas leiteiras lançado em junho passado na Região Pioneira da Cotrijuf, com o objetivo de incrementar a produção de leite a partir do melhoramento genético dos animais.

Com datas e metas definidas para até setembro do próximo ano, o programa, segundo o coordenador de pecuária leiteira da Cotrijuf Pioneira, João Carlos Schiffer, deve trazer em pouco tempo um melhoramento genético do rebanho leiteiro, que possibilite o aumento da produtividade exigida pelo setor, já que a partir da primeira dose de sêmen da raça holandesa, em três ou quatro gerações, o produtor pode contar com animais produzindo 20 litros de leite por dia.

REGRAS DE PARTICIPAÇÃO

Para chegar a este objetivo, produtores e Cooperativa acertaram algumas regras de participação, como o envio do animal logo após o nascimento, o qual deve ser feito pela Unidade a que pertence o produtor. Por esta fêmea, a Cooperativa fica

CALENDÁRIO DE INSEMINAÇÃO				
ANO	MÊS	UNIDADE	Nº DE INSEMINAÇÕES	Nº DE FÊMEAS PREVISTO
1989	Junho	Ijuf	8	4
1989	Julho	Ajuricaba	8	4
1989	Agosto	Chiapetta	8	4
1989	Setembro	Tenente Portela	8	4
1989	Outubro	Santo Augusto	8	4
1989	Novembro	Jóia	8	4
1989	Dezembro	Augusto Pestana	8	4
1990	Janeiro	Coronel Bicaco	8	4
1990	Fevereiro	Ijuf	8	4
1990	Março	Ajuricaba	8	4
1990	Abril	Chiapetta	8	4
1990	Maio	Tenente Portela	8	4
1990	Junho	Santo Augusto	8	4
1990	Julho	Jóia	8	4
1990	Agosto	Augusto Pestana	8	4
1990	Setembro	Coronel Bicaco	8	4

encarregada de pagar ao produtor, o valor do preço do boi em pé que estiver em vigência no mercado. Todas as fêmeas enviadas ao CTC, são criadas ali e na época adequada (que varia entre um ano e 16 meses), são inseminadas para posterior devolução às unidades, de acordo com o número de animais que foram levados ao Centro.

As unidades, por sua vez, ao receberem estes animais inseminados, são responsáveis pela distribuição, podendo ou não devolver as fêmeas aos associados fornecedores. Em qualquer um dos casos, a novilha prenhe rece-

bida pelo produtor sai pelo preço do novilho em pé vigente no mercado.

Outros detalhes do programa dizem respeito a possível morte do animal inseminado, quando o produtor deverá comunicar ao técnico responsável para que este faça uma pericia no local. Por fim, as regras do programa dizem ainda que o produtor não poderá comercializar as vacas inseminadas em gestação. Caso isto ocorra, a Cooperativa cobrará, então, as doses de sêmen e o serviço utilizado corrigidos ao preço da época.

O maracujá gigante

Maracujá gigante, tipo silvestre, sem nenhum valor comercial, muita gente conhece. Mas maracujá gigante para ser consumido in natura é uma novidade interessante, capaz de despertar a curiosidade até de quem pouco entende do assunto. Pois o feito aconteceu na casa do Ijuense Rosalino Polita, um professor do Colégio Estadual e Industrial 25 de Julho, que mora no Bairro das Palmeiras e que não se cansou de receber a visita de curiosos e amigos que queriam conhecer o tal de maracujá.

A experiência do professor Polita e que resultou no maracujá gigante com valor comercial aconteceu meio por acidente. Junto com o maracujá áлата, ele plantou uma semente do gigante silvestre, trazida do Rio de Janeiro por um amigo. Já no primeiro ano, ele notou alguma diferença nas folhas da planta silvestre. "Em vez de escuras, as folhas apareceram mais claras", comenta ele contando que neste primeiro ano a planta produziu sete frutos gigantes. Por curiosidade, resolveu ir adiante. Pegou a semente daquele fruto e plantou novamente, resultando na mistura dos dois pés: o silvestre sem valor comercial com o áлата, que é utilizado para o consumo in natura.

Mas a surpresa não ficou



O professor Polita
Produção de 550 frutos

por aí. A produção foi enorme. Só de um pé, o professor colheu 550 frutos que totalizaram mais de 200 quilos. A procura pelos frutos foi muito grande, mas ele comercializou a maioria da produção com a Cotrijuf.

O agrônomo e supervisor da área de Olericultura da Cotrijuf na Pioneira, João Agostinho Boaro, também andou visitando o quintal do professor para conhecer o tal de maracujá gigante. O Boaro explicou o feito dizendo que, na verdade, aconteceu um cruzamento não intencional entre o maracujá silvestre e o áлата, "que tem menor porte, mas é saboroso e pode ser consumido in natura. "O resultado foi um fruto gigante com características in-

trínsecas do áлата. Quer dizer: ele é gigante, mas internamente tem sabor, suco e polpa do áлата", explica. Foi um resultado realmente muito interessante", reconhece.

A intenção do professor é tentar repetir a experiência, plantando a semente do maracujá resultante do cruzamento, "o que não deverá resultar no mesmo fruto", observa Boaro. Ele pode não apresentar as mesmas características da planta mãe. Essas características só seriam garantidas, segundo o agrônomo, se fosse feita uma multiplicação vegetativa ou assexuada. "Via semente, o resultado é incerto, pois podem ocorrer novas variações genéticas".

SERVIÇO...

Caxias em feira de lançamento na RFA

A Engemaq — Equipamentos, Máquinas e Eletrônica S/A., de Caxias do Sul — estará participando no período de 12 a 20 deste mês da 8ª EMO, na Alemanha Ocidental (RFA), a maior e mais sofisticada feira de máquinas-ferramentas do mundo. A exposição é organizada pelo Comitê Europeu para Cooperação das Indústrias de Máquinas-Ferramentas, a CECIMO, exclusivamente para tecnologia de ponta. Para participar desse evento técnico e comercial, encontram-se em Hannover, local da exposição, os diretores Antonio Azevedo e Durval Motta, este último, responsável pela área de marketing.

A feira, que se realiza a cada dois anos, espera um público de cerca de 300 mil compradores potenciais. São 1.900 expositores, representando 36 países industrializados. A Engemaq é a única indústria da América Latina presente a EMO, em 1989.

Por tratar-se de feira de lançamentos, as empresas participantes da EMO assumem o compromisso formal de não exporem seus produtos em qualquer outra feira que ocorra nos países membros da CECIMO, no ano de realização da EMO. A Engemaq vai expor modelos avançados de máquinas de eletroerosão por penetração, a EDM, nos modelos 200, 400 e 700.

No dia 17 de agosto a Engemaq recepcionou diretores da Associação dos Jornalistas de Economia — Ajoergs, oportunidade em que foram mostrados modelos avançados de máquinas-ferramentas em seu parque industrial, localizado em três locais nos arredores de Caxias do Sul.

Porto Alegre

Rodoviária melhora atendimento

A Estação Rodoviária de Porto Alegre, administrada por Veppo & Cia. Ltda., está descentralizando a venda de passagens para os ônibus intermunicipais de todas as linhas que servem o Rio Grande do Sul, saindo da capital.

A informação foi prestada aos jornalistas que cobrem a área da Economia, e foi manifestada durante reunião-almoço promovida pela Ajoergs, no último dia 3, no Ritter Hotel, em Porto Alegre. O objetivo, segundo o presidente da empresa, é descentralizar o atendimento visando melhorar os espaços na rodoviária central e ao mesmo tempo, facilitar a vida dos usuários, que até o momento têm necessidade de ir duas vezes à rodoviária. Primeiro para garantir o lugar com a compra da passagem, depois, para o embarque.

Numa primeira etapa, serão instalados seis postos de atendimento, onde há maior concentração demográfica. Zona Sul, Sarandi, Petrópolis, Cidade Baixa, Partenon e Centro.

Expositores pedritenses na Expointer em Esteio

Pequeno número de cabanheiros pedritenses expuseram animais na XII Expointer, em Esteio, no Parque de Exposições Assis Brasil, aparecendo bem naquele gigantesco universo de grandes campeões, iguais aos melhores do mundo. Dom Pedrito, que desta vez não logrou classificar-se entre os grandes campeões, expôs bovinos, ovinos e cavalos crioulos.

A Cabanha Santa Teresa, de José Roberto Pires Weber, participou com gado Santa Gertrudes. Cabanha Quero-Quero e a Agropecuária Silva, do Grupo Silva & Silva (Antonio Cândido Silva Neto), expôs bovinos da raça Shorthorn. E a Cabanha da Garça, do mesmo grupo, administrada pelo agrônomo Flávio Espartel da Silva, colocou em pista ovinos raça Corriedale.

Condomínio Manoel Mércio Xavier, proprietário da Cabanha Santa Ernestina, expôs bovinos Simental. A Cabanha da Quinta, de Luiz Carlos Petrarca, ovinos Corriedale. Luis Carlos Velloso Brum, ovinos da raça Ile de France. Domingos Rodrigues, Cabanha Santa Manoela, ovinos Corriedale. O Condomínio Moacir Dias, Parceria Agropecuária Dr. Cândido de Godoy Dias, participou com cavalos Crioulos.

Conforme é do conhecimento geral, Dom Pedrito é um município tradicional criador extensivo de gado de corte, principalmente. São poucos os cabanheiros, e mesmo esses poucos têm como atividade principal a criação de animais rústicos, com engorde exclusivamente a campo. E aí está o forte do criatório local, onde despontam algumas estâncias com elevada especialização e competência em fertilidade. São, por exemplo, as estâncias Guatambu, Alvorada e Caty, com a raça bovina Polled hereford, que só vendem touros com teste de capacidade de serviço.

ICMS no transporte

Os governos dos estados encontraram uma forma de arranjar dinheiro para os seus combalidos cofres: criaram mais tributos para taxar praticamente todos os bens e serviços utilizados na atividade rural. Transformaram o velho ICM em ICMS. Traduzindo: em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços. Hoje, usar energia elétrica, telefone, transportar o leite, a soja, o milho ou qualquer outro produto entre municípios vai sair pelo "olho da cara". Pelo transporte da sua produção entre um município e outro, o produtor vai pagar 12 por cento sobre o valor do frete. É mais uma fatia que sai da lavoura ou do bolso do produtor para engrossar os custos de produção e encher os cofres vazios do governo estadual.

O baque dos novos impostos só não foi ainda maior, porque o ICMS vem sendo aplicado em pequenas dosagens, para amaciar o contribuinte. Em maio ele já começou a incidir sobre o adubo, defensivos e sementes. Em agosto, quem transportou produção de um município para outro, já sentiu mais forte na carne o quanto anda difícil trabalhar nesse Brasil. E tem mais. A facada não fica por aí, pois insatisfeitos, os governos estaduais já estão pensando em elevar as alíquotas até o teto de 17 por cento.

QUANDO PAGAR O IMPOSTO?

O pagamento do

ICMS sobre o transporte da produção vem sendo cobrado desde o dia 1º de agosto. Ele incide sobre toda a carga transportada com frete contratado de um município para outro. Por exemplo: o produtor que não tiver caminhão e precisar contratar frete para trazer uma carga de milho de Augusto Pestana para Ijuí, vai pagar, além do frete, mais 12 por cento sobre o valor do frete. Se o frete custar NCz\$ 100,00, ele vai pagar mais NCz\$ 12,00 de imposto para os cofres públicos. Ele só não vai pagar imposto quando transportar produto da sua propriedade para a cooperativa em veículo próprio, mesmo que seja em municípios diferentes.

Como o transporte de qualquer mercadoria do estabelecimento do agricultor até a cooperativa é sempre acompanhada pela nota fiscal de produtor modelo 4, devidamente preenchida, o produtor vai usar essa mesma nota para destacar o valor do frete. "Ele vai utilizar o espaço reservado para **despesas acessórias** para colocar o valor do frete", explica Sérgio Luiz Tolotti, chefe do Departamento Contábil e Fiscal da Cotrijuí na Pioneira. O valor terá que aparecer na nota fiscal, mesmo que o frete seja em produto. "O agricultor terá que transformar o valor do produto em dinheiro e escrever na nota", salienta Tolotti. - Ver modelo ao lado.

NOTA FISCAL DE PRODUTOR			
DESTINATÁRIO DA MERCADORIA		Nº 111835	
Nome: Cotrijuí			
Endereço:			
Município: Ijuí		Estado: RS	
Insor. no C.G.C.(M.F.):		Insor. Estadual:	
Item	Descrição	Quantidade	Valor
01	Uma carga de soja com peso aproximado de 6.000 quilos (seis mil quilos)		
VALOR TOTAL DA NOTA DE PRODUTOR			6.000,00
VALOR DO FRETE			
VALOR DO ICMS			
VALOR TOTAL DA CARGA			
INFORMAÇÕES DO DESTINATÁRIO			
Nome: Cotrijuí			
Endereço:			
Município: Ijuí		Estado: RS	
Insor. no C.G.C.(M.F.):		Insor. Estadual:	
RESUMO DA MERCADORIA			
Nome: Cotrijuí			
Endereço:			
Município: Ijuí		Estado: RS	
Insor. no C.G.C.(M.F.):		Insor. Estadual:	
OBSERVAÇÕES:			
ATENÇÃO: Esta Nota só pode ser emitida até:			

A obrigação do recolhimento do valor fica por conta da cooperativa. Isto está na lei de número 8.892 de 1º de agosto de 89. Segundo o artigo 1º, parágrafo oitavo, a "responsabilidade do recolhimento do ICMS sobre o frete fica transferido para o destinatário da mercadoria na hipótese de saídas promovidas por estabelecimento produtor a contribuinte deste Estado". "A cooperativa vai calcular os 12 por cento de ICMS sobre o valor do frete e recolher aos cofres do Estado, explica Tolotti, dizendo ainda que ela apenas está fazendo uma prestação de serviço. Estes valores não ficam com a cooperativa".

Despesa no CTC



Carpa espelho - 10 quilos

Aproveita tudo que entra no açude mais os animais que vivem no lodo.

Como em toda a safra agrícola sempre tem a hora certa da colheita, também a piscicultura tem a sua despesa que pode ser boa ou ruim dependendo da programação de cada produtor. A comparação é do Altamir Antonini, responsável pela estação de piscicultura no CTC, após a retirada de uma tonelada de peixes do açude que serve como reservatório de abastecimento da estação. "Se o açude não funcionasse como abastecedor dos tanques de reprodução e outros açudes, a produção chegaria tranquilamente a duas toneladas", garante Altamir, lembrando que o reservatório não pode ser manejado para não comprometer a qualidade da água.

Realizada todo o ano no mês de agosto, a despesa do CTC também reafirma, segundo Altamir, a ideia do policultivo, isto é, da produção de várias espécies no mesmo açude, onde cada uma delas aproveita uma fase da cadeia alimentar. Desse açude, por

exemplo, foram retiradas tanto para comercialização nos supermercados da Cotrijuí, como para matrizes dos elevinos, a carpa capim (herbívora), a carpa prateada (fitoplantófaga), a carpa cabeça grande (zooplantófaga), a carpa espelho (onívora), o pacu (herbívoro), o jundiá (herbívoro), a traíra (carnívora) e a nilótica (zooplantófaga e onívora).

De todas estas espécies, a carpa capim saiu na frente apresentando alguns exemplares com 11 quilos, seguida pela carpa espelho com 10 quilos. Na média geral, a capim ficou com aproximadamente três quilos, enquanto a prateada e cabeça grande com dois quilos e meio. "Esses resultados não são fruto de nenhum milagre", reforça Altamir, mas sim de um manejo correto e de uma programação da atividade. "O produtor tem que saber quantos peixes e em que estágio de desenvolvimento eles se encontram para fazer a despesa na hora certa".

Lançado na Expointer o "Salto da Fertilidade"

Um bom público prestigiou o lançamento da 56ª Exposição Feira Agropecuária de Dom Pedrito dia 30 de agosto, às 18 horas, no Stand da Cotrijuí, durante a realização da XII Expointer, em Esteio. O presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, José Roberto Pires Weber, ao abrir a solenidade de lançamento, discorreu sobre as características do município fronteirista, a evolução que vem tendo em sua agropecuária altamente tecnificada e a importância que suas feiras alcançam a cada ano, graças a expansão zootécnica dos plantéis.

Weber, em seguida, apresentou o zootecnista, professor da Universidade Federal de Pelotas, Walter Ney Louzada Ribeiro, que com o auxílio de transparências, falou das características técnicas que levam ao Salto da Fertilidade, que se obtem através do "ganho genético" nos animais, machos e fêmeas.

Essa metodologia de elevada seleção de reprodutores e matrizes - disse o técnico - vem sendo implantada há algum tempo em estâncias de Dom Pedrito, com resultados excelentes. Citou, como exemplo, as fazendas Guatambu e Alvorada, dos grupos Pötter e Zart, que trabalham, exclusivamente, com gado Polled Hereford. Esses criadores trabalham fechando o ciclo completo em pecuária, que é cria-cria e terminação.

O trabalho, dos mais modernos do mundo, é assessorado por uma informação de processamento de dados em técnica de melhoramento, intitulado Metodologia de Modelos Mistos, e foi aplicado no Rio Grande do Sul pelo profes-

or, com PhD nos Estados Unidos, Luiz Alberto Fries. Ele denomina a seleção de Delta G.

DESFRITE COM APENAS UM ANO

Falaram sobre a nova metodologia de criação os pecuaristas Rogério Zart e Valdir Pötter, colocando algumas características referente ao trabalho que realizam em suas fazendas.

O especialista Luiz Fries falou sobre os critérios adotados para a seleção de touros e matrizes, que já evoluiu do sistema de aprovação ou descarte, aos dois anos, para um ano. Segundo disse, há plenas condições hoje para uma resposta cem por cento correta de resultados com os animais ao completarem um ano de vida.

E da mesma forma, o desfrute dos animais criados sob o referido processo de acompanhamento, pode dar-se em um ano, com retorno financeiro ótimo.

Por último falou o ex-presidente da Cotrijuí, engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, que preside o Núcleo de Criadores de Aberdeen Angus em Dom Pedrito. Ele se manifestou favorável ao método de seleção adotado, cujo sistema também será seguido pelos criadores de Aberdeen Angus do município. Ruben, que é criador de Red Angus, um dos mais premiados da raça nas expo-feiras de Dom Pedrito, vê no Salto da Fertilidade o caminho a ser seguido por todo o criador que pretenda tirar resultados da pecuária.



CIBA-GEIGY

SÃO PAULO - SP: Av. Santo Amaro, 5137 - Fone: (011) 240-1811 - ARARAQUARA: Rua São Bento, 700 - 1º and. qds. 13 e 14 - Fones: (0162) 22-0255 e 22-0259 - CAMPO GRANDE: Rua Barão do Rio Branco, 1769 - 2º and. apto. 4 - Fones: (067) 721-2223 e 305-3071 - CASCAVEL: - Rua São Paulo, 1060 - 4º and. sala 43 - Ed. Montreal - Fones: (0452) 23-1815 e 23-1144 - LONDRINA: - Rua Senador Souza Mendes, 626 - Centro - Fones: (0432) 23-0715 e 23-5909 - PASSO FUNDO: Rua XV de Novembro, 885 6º and. sala 61/62/63 Fones: (054) 313-3070 e 313-3178 - PONTA GROSSA: Rua Balduino Taques, 703 4º and. salas 83/93/103/113 - Fones: (0422) 24-4296 e 23-6596 - RECIFE: Rua Santo Elias, 328 - 2º andar - Fone: (081) 241-8100 - TUPÁ: Rua Taquá, 463 - Centro - Fones: (0144) 42-4711 e 42-3103 - UBERLÂNDIA: Rua Santos Dumont, 431 - Fones: (34) 235-1646 e 235-8217 - CENTROS DE PROMOÇÃO/AG - BELO HORIZONTE: Rua Almorés, 2602 - Fone: (031) 335-3088.

PARA ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS SOBRE NOSSOS PRODUTOS CHAME OS FONES: (011) 241-0527 e 241-0527

O baculovírus líquido

Garantido pela Unicamp, o Multigen está sendo lançado no mercado gaúcho pela Cotrijuí

Aquele produtor, associado da Cotrijuí, que já vem trabalhando com o baculovírus anticarsia no controle da lagarta da soja, vai poder contar, a partir desta lavoura de verão, com mais uma opção: o baculovírus em formulação líquida, conhecido comercialmente pelo nome de Multigen. Até o ano passado, o produtor que não queria aplicar inseticida químico ou ia para a lavoura catar lagartas contaminadas pelo vírus para reaplicar em áreas infestadas ou utilizava o produto em pó, quando encontrava, já que a disponibilidade do mesmo, tanto na cooperativa como na lavoura, a fomecedora, era escassa. Mas a partir desta safra, quem não tiver o baculovírus guardado em casa, vai poder contar com uma boa disponibilidade do produto em forma industrial, já que a Cotrijuí é a única representante do Multigen em todo o Estado.

Ao lançar o novo agente biológico baculovírus no mercado gaúcho, a Cotrijuí, segundo o agrônomo Ilário Gasparin, do setor de Insumos, não pretende mudar as formas de controle da lagarta da soja que vêm sendo usadas até então pelos agricultores. "O nosso objetivo não é o de substituir as formas de contro-



Arthur da Silva e Alex Kanfir
Os representantes da Agroggen

le da lagarta que o produtor vem utilizando há mais tempo, mas oferecer uma nova alternativa. Ele é quem vai decidir qual é a mais viável", explica o agrônomo ao referir-se ao novo produto, à venda em todas as lojas da Cotrijuí.

Além de simplificar a trabalhadeira do agricultor que já está acostumado a lidar com o baculovírus, "pois ele não vai mais precisar catar lagartas infestadas na lavoura", o Ilário aponta ainda como vantagem o fato do Multigen se apresentar mais concentrado "e sem qualquer perigo tanto para o homem como para os inimigos naturais". O produto está registrado no Ministério da Agricultura com garantia fornecida pela própria Unicamp. Cada embalagem do produto é acompanhada

de um certificado de qualidade.

COTRIJUI, A REPRESENTANTE EM TODO O ESTADO

A Cotrijuí e a Agroggen, a empresa ligada a Unicamp e responsável pela industrialização do produto, lançaram o Multigen a nível de Rio Grande do Sul, em fins de agosto. O lançamento aconteceu em Ijuí e em Santo Augusto e constou de palestras e apresentação do produto para os técnicos da cooperativa e agricultores. As palestras estiveram a cargo do agrônomo Arthur Gomes da Silva e do administrador de empresas Alex Kanfir Waisberg, ambos assistentes de marketing da empresa. A Cotrijuí, fica então, responsável pela comercialização do pro-



Reunião técnica

Informações sobre o novo produto

duto em todo o Estado, mas a responsabilidade de assistência técnica, promoção de palestras e divulgação do produto está sendo assumida pelo agrônomo Getúlio Azambuja, de Augusto Pestana.

O Multigen, em formulação líquida, foi desenvolvido pelo Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas da Universidade de Campinas, São Paulo. A tecnologia empregada na formulação do produto se baseia, segundo o agrônomo Arthur, no método de seleção e purificação do vírus, "único existente no país". O produto se apresenta em quatro tipos de embalagens, de 150 ml; 250 ml; 500 ml e um litro. Além das vantagens apontadas pelo Ilário Gasparin, os representantes da Agroggen citam ainda a aplicação "semelhante a de qual-



Multigen
O baculovírus líquido

quer outro produto". A ação do produto sobre a lagarta da soja é um pouco mais rápida do que se o produtor tivesse usado o baculovírus coletado na lavoura. Eles também garantem que o efeito residual do produto se estende por toda a safra. "Apenas uma aplicação do produto é o suficiente", observa Arthur Gomes da Silva, dizendo ainda que o Multigen é apenas um produto moderno, com todas as qualidades daquele baculovírus coletado na lavoura.

A aquisição de produto suficiente para o controle da lagarta da soja em 30 mil hectares de lavoura faz parte, segundo o Arthur da Silva, de um acordo de intercâmbio tecnológico firmado entre a Cotrijuí e a Unicamp. Esse acordo prevê o lançamento de outros bioinseticidas à base de vírus para outras culturas e até mesmo para a pecuária, bem como o treinamento de técnicos da cooperativa que atuam na área da biotecnologia.

TRATORES MASSEY-FERGUSON TRABALHAM MAIS SEM DAR TRABALHO.



O produtor rural é, antes de tudo, um forte. Tem que enfrentar a falta de chuva, o excesso de chuva, as pragas. Tem que batalhar pelo financiamento. E ainda esperar para que a safra tenha um preço justo. Mas o produtor rural tem pelo menos um grande aliado nessa dura luta de todos os anos: os tratores Massey-Ferguson. São sete modelos, quinze versões, a mais completa linha do mercado, que trabalham muito sem dar trabalho. É a família Massey-Ferguson dando uma força para a família do campo. Escolha o seu modelo, e conte sempre com o apoio da Massey-Ferguson e da sua rede de concessionárias.

235

51 cavalos, o mais forte da categoria. Projetado para pomares e cafezais. Transmissão de 8 marchas, uma para cada tipo de trabalho. Hidráulico que acompanha as oscilações do terreno, e, pela sua robustez, possibilita utilização de implementos mais pesados. Freio blindado em banho de óleo, que dura a vida toda do trator. E a maior autonomia: para menos para abastecer. Disponível nas versões normal e estreito.

265

Transmissão de 8 marchas, que permite o melhor aproveitamento da potência do motor. Hidráulico mais resistente. Freio blindado em banho de óleo que impede a entrada de impurezas. Único na categoria com direção hidrostática original de fábrica, e exclusiva tração 4x4. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

275

Transmissão de 8 marchas. Hidráulico mais forte e durável. Freio blindado em banho de óleo. Maior potência na categoria, com baixo consumo. Exclusiva tração 4x4. Bloqueio automático do diferencial dianteiro, para enfrentar qualquer terreno. Baixo custo de manutenção. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

290

Transmissão com 12 velocidades, a mais elástica em sua classe. Hidráulico reforçado. Freio blindado em banho de óleo, para maior proteção contra poeira, água e impurezas. E de grande durabilidade. Exclusivo ajuste automático da bitola traseira (PAVT), usando para isso a própria força do motor. Direção hidrostática original de fábrica, que proporciona manobras mais suaves e maior conforto para o operador. Maior produção com menor consumo. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

292

Transmissão com 12 velocidades. Hidráulico de maior capacidade de levante. Freio blindado em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT). Motor turbo: maior torque, proporcionando maior força de tração, com menor consumo de combustível. Controle remoto independente, que permite conjunção de implementos: numa só passagem pode fazer duas operações. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

295

Transmissão de 12 marchas. Freio blindado em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT). Controle remoto que permite conjunção de implementos. Exclusivo bloqueio automático do diferencial dianteiro, que permite operação em terrenos mais difíceis. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.

296

Transmissão de 12 marchas. Freio blindado em banho de óleo. Ajuste automático da bitola traseira (PAVT). Bloqueio do diferencial que desliga automaticamente por controle remoto. Grande estabilidade. Menor raio de giro. Acesso mais fácil a todos os componentes mecânicos. Menor custo de manutenção. Preparado para grandes trabalhos. Disponível nas versões 2x2 e 4x4.



MAXION S.A.
FABRICANTE DOS PRODUTOS

A realidade do mercado na China

Argemiro Luis Brum / Montpellier — França

Na história do mercado mundial da soja, a República Popular da China (também conhecida como China Continental ou Comunista) foi o primeiro país a se fazer presente. Entretanto, ao longo do século XX, e sobretudo durante sua segunda parte (após a 2ª Guerra Mundial) a China perdeu sua influência no mercado da soja. As reformas visando uma liberação maior de sua economia, iniciadas em 1978 e reforçadas em 1984 deram uma nova imagem a este país continente e o mundo ocidental passou a vê-lo com expectativa. Afinal, a abertura de um mercado composto hoje por cerca de 1,1 bilhão de pessoas, que estava praticamente fechado desde a revolução comunista de 1949, faz sonhar o sistema capitalista. Entretanto, as recentes manifestações estudantis de junho de 1989 e a forte repressão que as seguiu, acompanhada por uma mudança radical na composição do poder central chinês, coloca hoje o mundo em dúvida quanto ao futuro da chamada "abertura econômica e política" deste país comunista. Em outras palavras, tudo leva a crer que a batalha entre reformadores e conservadores junto ao poder central chinês tenha sido, pelo menos por enquanto, ganha por estes últimos.

Ora, para a economia capitalista em geral e para o mercado mundial da soja em particular, estes acontecimentos são importantes. No que tange ao mercado da soja, o qual nos interessa de imediato, salientamos que a China vinha novamente assumindo um papel importante após longos anos de quase inatividade.

Segundo dados do Banco Mundial, a China Continental possuía oficialmente, em 1987, 1,054 bilhão de habitantes. Seu PNB (Produto Nacional Bruto) era de 319,8 bilhões de dólares e o seu PNB por habitante se situava naquele ano em 300 dólares. O crescimento anual do PNB por habitante, no período de 1981 a 1987 foi de 9,1 por cento. Enfim, a esperança de vida da população era de 69 anos, o índice de fecundidade de 2,4 crianças, e a taxa de escolarização se situava em 77 por cento (a título de comparação, a mesma fonte anuncia, para o mesmo ano de 1987, que o Brasil tinha 141,24 milhões de habitantes, um PNB de 314,6 bilhões de dólares, um PNB médio anual por habitante de 2.020 dólares, um crescimento médio do PNB por habitante da ordem de 1 por cento entre 1980 e 1987, que a esperança de vida de cada brasileiro se situava em 68 anos, que o índice de fecundidade estava em 3,9 crianças, e que a taxa de escolarização era de 85 por cento).

Em um país com estas características, o que mais chama atenção evidentemente é sua enorme população, a qual representa hoje cerca de 1/5 da população mundial. Mas um outro dado não pode passar ignorado: o forte crescimento do PNB por habitante durante esta década de 80. Este último dado indica que a atividade econômica nestes últimos anos foi intensa na China Continental. E quem diz atividade econômica fala em crescimento econômico e agilização dos mercados.

Para chegar a esta situação, a China passou por um certo número de fases. Assim, a primeira fase dura até 1949. Ela é dividida em dois períodos. O primeiro período, vivido durante séculos, tem na sua base o regime imperial, o qual sobreviveu até 1912. O segundo período, bem mais curto, foi o

da constituição da República Nacionalista da China e durou até 1949. Durante o regime imperial, o poder era fortemente concentrado junto às diferentes dinastias e sob um regime de descendência direta normalmente.

A morte de Mao em setembro de 1976 vai abrir as portas para uma reforma fundamental no interior do regime comunista chinês, a qual inicia de fato em 1978 sob o controle do novo homem forte chinês, Deng Xiaoping. Tal reforma será acelerada em outubro de 1984, e marca definitivamente a entrada da China em uma terceira fase da evolução histórica de sua economia. A base da mesma é a abertura de algumas portas na "cortina de bambu" em direção ao mundo capitalista. Em outras palavras, a China busca uma maior relação econômica com o mundo exterior. Um mercado com mais de 1 bilhão de pessoas começa a se abrir aos olhos do mundo ocidental ávido por novas frentes de negócios.

Entretanto, os resultados das recentes manifestações populares de junho de 1989 nos fazem perceber que a China entrou na quarta fase, a fase da contra-reforma pelo que tudo indica.

A EVOLUÇÃO DO MERCADO

Não entremos aqui em detalhes sobre os resultados até aqui verificados com a abertura econômica iniciada em 1978 e acelerada em 1984. Nos preocuparemos sobretudo em destacar a influência de tais mudanças no setor agrícola da China e com isto analisar a evolução do mercado da soja neste país.

Assim, no que tange exclusivamente ao meio rural, estas reformas se mostraram aparentemente benéficas aos agricultores, na medida em que ela permite, graças a liberação dos preços, a triplicação de suas rendas anuais entre 1979 e 1985, a qual atinge 400 Yuans por pessoa (1 Yuan = 0,27 dólares em fins de março de 1989). Em consequência, a produção agrícola aumenta. Entretanto, tal produção não foi suficiente para conter a inflação interna, a qual chegou a 30 por cento em 1988 nas principais cidades chinesas, pois a demanda cresce rapidamente. Tal crescimento da demanda se deve a dois motivos: um forte aumento, da ordem de 60 por cento, entre 1978 e 1984 dos salários dos operários e empregados quando durante os primeiros trinta anos do regime os mesmos haviam estado praticamente no mesmo nível; e um constante crescimento da população apesar dos esforços para controlar a natalidade (prevê-se que a população chinesa será bem superior a 1,2 bilhão de pessoas no ano 2000).

De fato, a agricultura, apesar de fortemente incentivada (ainda no orçamento de 1989 ela recebeu uma injeção de 17,4 bilhões de Yuans, isto é, um aumento de 12 por cento em relação ao ano anterior quando os outros setores vêem seu orçamento em diminuição), não está conseguindo produzir o necessário para responder à demanda interna. Soma-se a isto o fato de que o aumento dos preços dos produtos agrícolas graças a liberação, obriga o governo a aumentar as subvenções ao consumo a fim de conter a inflação. Em 1988 tais subvenções atingiam 70 bilhões de Yuans.

DIFICULDADES

A produção média de cereais nos últimos quatro anos patina em torno dos 400 milhões de toneladas e a previsão para 1989 indica um número abaixo deste patamar (a China precisa-

ria produzir 500 milhões de toneladas de cereais por ano para poder alimentar sua população no ano 2000). Assim, o sucesso das reformas depende da capacidade que as mesmas possuem em proporcionar condições para alimentar a população e evitar com isto as crises sociais.

Ora, a responsabilidade das mesmas é assim enorme. Não é surpresa então vermos que as reformas econômicas na China não têm o apoio de todos. Na verdade, dois grandes grupos se posicionam frente às mesmas. Os reformadores, no que tange ao delicado problema da produção de alimentos, defendem a idéia de que as necessidades suplementares de alimentos podem ser conseguidas graças as importações, e os conservadores que julgam que seria necessário uma recentragem da produção agrícola visando unicamente o abastecimento interno.

Estas diferenças de opinião são confrontadas atualmente com o fato de, em função da "abertura" ao exterior, os chineses estarem modificando os seus hábitos alimentares. Os novos hábitos, ocidentalizados, levam a uma maior demanda por carnes, leites, ovos, etc... Tal situação obriga a uma maior produção de produtos animais e conseqüentemente a um maior consumo de cereais nas rações animais. Em outras palavras, o aumento dos rebanhos provoca um aumento na penúria de cereais. Já faz muito tempo que o porco chinês não é mais alimentado no quintal de casa com restos. Hoje, os cereais que servem a alimentação animal representam 25 por cento das necessidades globais. Isto permite que a produção suinícola cresça! A mesma passou de menos de 17 milhões de toneladas em 1984 a cerca de 23 milhões em 1988, isto é, um crescimento de 80 por cento em quatro anos.

Entretanto, a partir da reforma econômica de 1978 o mercado da soja na China se modifica. Através das diversas tabelas que acompanham este artigo podemos perceber este novo movimento.

Assim, na tabela nº 1 verificamos que a produção de soja na China cresce nos últimos dez anos (1978/79 a 1988/89) em 44 por cento passando de 7,6 para 10,9 milhões de toneladas. Entretanto, observamos que o crescimento do conjunto das oleaginosas é bem maior do que o da própria soja. No mesmo período o mesmo vê sua produção aumentar de quase 91 por cento para atingir 30,7 milhões de toneladas em 1988/89. A produção de soja, que representava 47 por cento do total produzido em oleaginosas pela China em 1978/79, diminuiu sua participação a 35 por cento dez anos mais tarde. Isto é confirmado pelo crescimento na área cultivada. Neste caso, a parte da soja passa de 39 por cento a 34 por cento do total semeado com oleaginosas entre 1978/79 e 1987/88. Percebemos assim que a China tem desenvolvido outras oleaginosas de forma mais importante do que a própria soja, entre elas, sobretudo o algodão.

No que tange especificamente aos grãos de soja, observamos na tabela nº 2 que a trituração de grãos oleaginosos cresceu significativamente nesta década de 80 e sobretudo após 1984, ano em que as reformas econômicas foram aceleradas. Assim, a trituração do total de grãos oleaginosos praticamente duplica entre 1980/81 e 1987/88. Enquanto isso, a participação relativa à soja no total triturado diminui de 30

por cento no mesmo período apesar de um aumento no volume triturado com esta oleaginosa. Toma-se importante salientar que a China em 1988/89 deveria triturar 4,3 milhões de toneladas das 10,9 milhões produzidas em soja. Isto representa apenas 39 por cento do total produzido. Em 1980/81 a relação se situava em 43 por cento.

Dentro deste contexto, as exportações chinesas de grãos de soja têm aumentado sensivelmente nestes dez últimos anos (tabela nº 3). Considerando que as importações se reduziram muito depois de 1983/84, a alta nas exportações representa um escomento da soja produzida localmente. A mesma é evidente sobretudo após 1984, reflexo novamente da aceleração das reformas econômicas. Assim, as exportações chinesas de grãos de soja crescem de 140 por cento entre 1978/79 e 1983/84, e mais do que quadruplicam entre 1983/84 e 1988/89. Em outras palavras, a China passa nestes últimos dez anos de quase nada a mais de 1,5 milhão de toneladas exportadas em grão de soja.

No que tange aos farelos, percebe-se que a China não importa absolutamente nada em soja e muito pouco dos outros farelos, apesar de um constante aumento nestes últimos anos neste último caso. Em contrapartida, as exportações de farelo de soja cresceram espetacularmente nos últimos dez anos atingindo quase 2,4 milhões de toneladas em 1988. Como percebemos na tabela nº 4, as exportações do conjunto dos farelos é quase toda ela representada pelo farelo de soja. Em outras palavras, a China consome muito mais farelo das outras oleaginosas do que o farelo de soja. De fato, enquanto o consumo do total de farelos cresce rapidamente no mesmo período, passando de 4,9 a 11,6 milhões de toneladas, o consumo específico de farelo de soja, que aumentou até 1982, cai a 1,5 milhão de toneladas em 1988. Assim, a participação do farelo de soja no consumo total de farelos na China passa de 41 por cento em 1978 a 30 por cento em 1982 e apenas 13 por cento em 1988. Isto pode significar que mesmo havendo um aumento no consumo de derivados animais na China, a soja pode não ser a fonte de proteína privilegiada para auxiliar a alcançar resultados positivos na balança comercial através das exportações a fim de conter os empréstimos externos. Uma tendência que não auxilia em nada aos tradicionais exportadores de soja como o Brasil por exemplo.

Já em óleos comestíveis a soja (ver a tabela nº 5) tem uma fraca participação, seja na produção (660.000 toneladas), seja nas importações (410.000 toneladas), em 1988. De fato, em relação ao conjunto dos óleos comestíveis (entram aqui inclusive gorduras animais), apesar de um crescimento no consumo do óleo de soja (o mesmo ultrapassa 1,0 milhão de toneladas depois de 1987), o óleo de soja não ocupa uma posição de destaque. O mesmo representa apenas 13 por cento do total consumido em óleos comestíveis no país em 1988. Entretanto, a China praticamente não exporta óleo de soja, fato que a coloca atualmente, e ao menos por enquanto, como concorrente dos exportadores de farelo de soja em primeira instância e de grãos de soja em segundo plano.

Dentro deste quadro, a China se apresenta até hoje, e sobretudo após as reformas econômicas, mais como um concorrente do que como um verdadei-

Aumentam exportações de grãos

o importador de soja e seus derivados. Essas poucas importações são divididas entre os Estados Unidos, o Brasil seguido de perto pela Argentina para o óleo. Em 1988 o Brasil vendeu 107.000 toneladas de óleo de soja para a China, o que representou 16 por cento das 661.000 toneladas que o Brasil exportou no ano passado em óleo de soja (cifra esta ainda a confirmar).

Quando as suas exportações, o destino é bastante específico. Aproveitando de sua aproximação geográfica, a China exporta a maior quantidade de grãos de soja para a União Soviética, o Japão, a Indonésia, a Malásia, a Coreia do Norte e os países da Europa do Leste como o demonstra a tabela nº 4.

Já em farelo de soja os importadores são os mais variados possíveis. Entretanto, em 1987/88 verifica-se a forte presença da CEE (590 000 toneladas), do Japão (490 000 toneladas), das Filipinas (356 000 toneladas) e da Coreia do Sul (322 000 toneladas). Este grupo de países importou naquele ano, 74 por cento do total exportado em farelo de soja pela China. Salienta-se que a CEE é responsável pela compra de 1/4 das exportações totais chinesas deste farelo.

O resultado das manifestações estudantis de junho passado dão conta de que os conservadores, liderados pelo Primeiro Ministro Li Peng e apoiado por Deng Xiaoping, ganharam a luta política de bastidores. A derrota do Secretário Geral do Partido, Zhao Ziyang e de seus seguidores reformistas, que viam no movimento estudantil uma solução viável para revitalizar as reformas que vinham sendo questionadas desde 1988, nos mostra que a China inicia agora uma contra-reforma.

Neste sentido, a agricultura joga mais uma vez o papel fundamental. Assim, visando uma economia no consumo de cereais e uma eliminação das importações que custam caro, está sendo previsto de baixar de 83 por cento a 78 por cento a proporção de porco na ração total de carne da população e de aumentar a de animais que ofereçam uma melhor relação qualidade nutricional/cereais consumidos. O consumo de aves deverá, por exemplo, crescer, passando dos atuais 2 por cento a 3 por cento hoje, para 12 por cento da ração total de carne. Ao mesmo tempo existem recomendações oficiais para que se aumente o consumo humano de cereais e de leguminosas, inclusive de soja, no lugar das proteínas animais. Para fazer frente a esta possibilidade, sugere-se a duplicação da área plantada com soja

para levá-la a 16 milhões de hectares nos próximos anos, e a criação de novas variedades de arroz, de trigo e de milho com forte teor protéico.

Ora, como nós vimos acima, no caso de soja, o produto é sobretudo destinado a exportação. Tal situação não deverá se modificar nos próximos anos, pois a forma como os anti-reformistas se impuseram em junho passado levou o mundo ocidental a cortar muito dos créditos prometidos aos chineses. Soma-se a isto a diminuição do turismo e temos a perda de bilhões de dólares

para a economia chinesa. Como em 1989 a dívida externa já se aproxima dos 40 bilhões de dólares e seu reembolso atinge quase 20 por cento da renda conseguida com as exportações, mais do que nunca a China terá necessidade de aumentar suas exportações.

Neste novo quadro, a produção de soja deverá reforçar as exportações e possivelmente não mais assistiremos a uma eventual ênfase nas importações, as quais estariam sendo esperadas para a década de 90, caso as reformas continuassem no ritmo imposto em 1984.

TABELA 4: CHINA - EVOLUÇÃO DO MERCADO DE FARELOS (em 1.000 toneladas)

	PRODUÇÃO		IMPORTAÇÃO		EXPORTAÇÃO		CONSUMO	
	(A)	(B)	(A)	(B)(*)	(A)	(B)	(A)	(B)
1978	2.023	4.900	*	16	7	7	2.016	4.896
1979	2.172	5.672	*	23	12	17	2.160	5.663
1980	2.375	6.531	*	19	27	44	2.349	6.500
1981	2.637	7.875	*	14	121	147	2.518	7.739
1982	3.018	9.718	*	67	142	203	2.911	9.617
1983	3.128	10.595	*	51	340	620	2.460	9.790
1984	2.854	11.437	*	98	410	1.071	2.538	10.464
1985	3.002	14.845	*	163	720	2.474	2.282	12.535
1986	3.277	13.920	*	275	1.298	3.246	1.979	10.948
1987	3.720	14.842	*	377	2.075	3.689	1.621	11.530
1988	3.853	13.911	*	430	2.375	2.750	1.533	11.591

(A) Farelo de soja

(B) Total do conjunto de farelos

(*) Unicamente farinha de peixe.

* Volume insignificante

OBS: Estimativas para 1988

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World

TABELA 1 - CHINA - PRODUÇÃO DE SOJA E OUTRAS OLEAGINOSAS

	ÁREA (1)		VOLUME (2)		PRODUTIVIDADE (3)	
	(A)	(B)	(A)	(B)	(A)	(B)
1978/79	7.140	18.156	7.570	16.085	1.060	886
1979/80	7.250	18.789	7.460	17.128	1.030	912
1980/81	7.230	20.074	7.940	19.561	1.100	974
1981/82	8.020	22.343	9.328	23.875	1.160	1.068
1982/83	8.420	23.300	9.030	26.327	1.070	1.130
1983/84	7.570	23.833	9.770	27.714	1.291	1.163
1984/85	7.286	22.887	9.705	31.632	1.332	1.382
1985/1986	7.718	24.660	10.521	31.704	1.363	1.286
1986/87	8.294	24.015	11.614	31.031	1.400	1.292
1987/88	8.394	24.818	12.180	33.434	1.451	1.347
1988/89	ND	ND	10.900	30.712	ND	ND

(1) Em 1.000 hectares.

(2) Em 1.000 toneladas

(3) Em quilos/hectare

(A) Soja

(B) Conjunto das Oleaginosas (soja, algodão, amendoim, girassol, colza, sésamo, palma, linhaça, mamona)

(ND) = Não disponível

OBS: Estimativas para 1988/89

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World.

TABELA Nº 2: CHINA - EVOLUÇÃO DA TRITURAÇÃO DE GRÃOS OLEAGINOSOS (em 1.000 toneladas)

	SOJA (a)		TOTAL (b)	a/b (%)
	(A)	(B)		
1980/81	3.423	11.377	11.377	30,1
1981/82	4.242	14.670	14.670	28,9
1982/83	4.112	16.134	16.134	25,5
1983/84	3.973	16.780	16.780	23,7
1984/85	3.651	22.619	22.619	16,1
1985/86	4.125	22.739	22.739	18,1
1986/87	4.633	21.166	21.166	21,9
1987/88	5.165	22.471	22.471	23,0
1988/89 (*)	4.300	21.223	21.223	20,3

(*) Estimativa

OBS: No total são computadas as seguintes oleaginosas: soja, algodão, amendoim, girassol, colza, palma e linhaça. A partir de 1984/85 soma-se a este grupo: sésamo, germe de milho e mamona.

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World.

TABELA Nº 3: CHINA - PRODUÇÃO, IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E CONSUMO DE GRÃOS DE SOJA (em 1.000 toneladas)

	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO
1978/79	7.570	112	146	2.810
1979/80	7.460	579	306	3.016
1980/81	7.940	576	120	3.423
1981/82	9.328	568	140	4.242
1982/83	9.030	332	175	3.973
1983/84	9.770	0	350	3.651
1984/85	9.705	3	830	4.125
1985/86	10.521	7	1.140	4.633
1986/87	11.614	290	1.370	5.165
1987/88	12.180	252	1.761	4.300
1988/89 (*)	10.900	124	1.541	- o -

(*) Estimativas

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World

TABELA 5: CHINA - EVOLUÇÃO DO MERCADO DE ÓLEOS COMESTÍVEIS (em 1.000 toneladas)

	PRODUÇÃO		IMPORTAÇÃO		EXPORTAÇÃO		CONSUMO	
	(A)	(B)	(A)	(B)(*)	(A)	(B)	(A)	(B)
1978	478	2.985	134	289	6	50	593	3.205
1979	513	3.600	116	305	4	62	625	3.822
1980	561	4.155	120	383	*	62	686	4.460
1981	623	4.839	54	180	*	94	662	4.795
1982	712	5.728	43	180	1	137	722	5.549
1983	693	5.948	12	151	1	196	717	5.934
1984	655	6.080	10	113	*	146	712	6.118
1985	631	7.286	128	401	4	173	553	7.292
1986	705	7.002	462	962	13	145	782	7.851
1987	788	7.197	417	797	*	82	1.127	8.120
1988	660	6.968	410	1.390	*	87	1.067	8.246

(A) Óleo de soja

(B) Total do conjunto de óleos e gorduras

(*) Volume insignificante

OBS: Estimativas para 1988

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World.

TABELA Nº 6: CHINA - PRINCIPAIS ORIGENS DAS IMPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA (*) (em 1.000 toneladas)

	GRÃO			ÓLEO		
	1986	1987	1988	1986	1987	1988
EUA	188	272	135	- o -	25	- o -
Brasil	- o -	- o -	- o -	45	160	107
Argentina	103	- o -	- o -	26	82	94
CEE	- o -	- o -	- o -	78	71	- o -
Malásia	- o -	- o -	- o -	2	17	- o -
Singapura	- o -	- o -	- o -	10	47	3

(*) As importações chinesas de farelo de soja são praticamente inexistentes.

Fonte: Com base nas estatísticas de Oil World.

TABELA Nº 7: CHINA - PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA (*) (em 1000 toneladas)

	GRÃO			FARELO		
	1986	1987	1988	1986/87	1987/88	1988/89
URSS	448	816	560	- o -	- o -	- o -
Japão	343	297	285	96	490	58
Indonésia	260	274	236	189	105	7
Malásia	150	126	151	142	116	43
Coreia do Norte	68	84	94	- o -	- o -	- o -
Europa do Leste	54	47	34	169	124	12
Hong Kong	- o -	- o -	- o -	104	68	10
Tailândia	- o -	- o -	- o -	182	148	48
CEE	- o -	- o -	- o -	398	569	112
Coreia do Sul	- o -	- o -	- o -	130	322	127
Filipinas	- o -	- o -	- o -	260	356	95

(*) As exportações chinesas de óleo de soja são em volumes insignificantes.

OBS: Ano comercial outubro/setembro para 1986/87 e 1987/88, e período outubro/janeiro para 1988/89.

A Dinamarca importa sozinha cerca de 61% do total importado em farelo de soja pela CEE.

Fonte: Com base nas estatísticas da Oil World

MS: recomendações de plantio

Neste artigo do Carlos Pitol, as principais recomendações de plantio para a próxima safra agrícola do MS

Carlos Pitol e Márcio Luiz Cichelero

No momento em que já deveriam estar definidas as regras para a próxima safra agrícola de verão, está se passando por um período de muitas incertezas e dificuldades para planejar e tomar decisões sobre o que fazer na agricultura. A verdade é que o País precisa produzir para alimentar seu povo e exportar excedentes, pois capacidade e potencial para produzir nós temos e, não podemos importar o que podemos produzir internamente, como está acontecendo com o trigo.

Neste sentido, é aconselhado que o produtor tenha cautela, busque muita informação, e como as coisas estão difíceis, o melhor mesmo é racionalizar os gastos, para fazer da próxima lavoura uma atividade rentável. Dessa forma, é essencial buscar uma eficiente orientação técnico-agronômica, para que as recomendações e os insumos sejam utilizados racional e economicamente, dando maior lucro ao investimento.

Manejo do solo: este procedimento envolve um conjunto de práticas culturais que adequadamente usadas, visam aumentar e/ou manter a produtividade dos solos. Um dos fatores mais influentes é o preparo do solo, onde o uso abusivo de grades é a principal causa da destruição dos solos agrícolas, além de ser o sistema de preparo do solo que resulta nas piores produtividades, e estas diminuem continuamente. Mesmo assim, continua sendo o sistema mais usado.

Soja
De cultura mais importante, a soja passa por momentos de incertezas



O produtor deve se conscientizar que precisa mudar esta realidade enquanto há tempo. Excluindo o plantio direto, o preparo adequado do solo impõe o uso alternado dos implementos agrícolas: arado de disco, arado de aivecas, subsolador, escarificador e grades, conforme as situações do momento, visando sempre dar prioridade ao uso de escarificador e redução das grades. A semi-incorporação de restebas e palhadas contribuem para reduzir o impacto das chuvas, redução da erosão e

evitar a formação da crosta na superfície do solo. Para um bom manejo das palhadas, na colheita deve-se usar o picador de palha, e sempre que necessário, usar a roçadeira.

Quando houver camada do solo compactada, deve-se proceder a descompactação, seguindo as recomendações técnicas, pois só com ausência de impedimento físico ou químico, as raízes das culturas irão atingir maiores profundidades e resistir aos veranicos. A rotação de culturas também relacio-

na-se ao manejo do solo. É importante fazer uma programação ordenada de rotação de culturas, observando-se a compatibilidade entre as culturas e o uso de gramíneas após as leguminosas, visando com isto, reduzir custos, e obter boas produções.

Fertilidade do solo: as recomendações relativas ao uso de fertilizantes passam obrigatoriamente pela interpretação da análise do solo, necessidade da cultura e, se possível, pelo histórico da área. Para se ter uma análise do solo confiável, é necessário uma boa amostragem do solo e que a mesma seja representativa da lavoura. Neste ano, em que os recursos são escassos, através do uso correto da análise do solo, é possível racionalizar o uso de fertilizantes, aliás, é o que sempre deveria ocorrer, mas poucas vezes é feito.

CULTURA DA SOJA

Esta cultura, a mais importante da região sob vários aspectos, após uma ótima safra no cultivo de 88/89, está passando por um período de decepções e incertezas em função da frustração na comercialização causada pelo Plano Verão e a perspectiva de uma boa safra nos Estados Unidos. Consideramos que nesta safra não se deve fazer altos investimentos na cultura, mas usar os meios tecnológicos disponíveis

TABELA 1 - CULTIVARES DE SOJA RECOMENDADAS PARA O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL - SAFRA 1988/89

Ciclo precoce/médio			Ciclo semi-tardio			Ciclo tardio		
Cultivar	Região		Cultivar	Região		Cultivar	Região	
	Centro-Norte	Sul		Centro-Norte	Sul		Centro-Norte	Sul
Bossier ^a	T	T	Andrews	T	P	BR-9 (Savana)	P	T
BR-5 ^a	N	T	Dourados ^a	T	T	Doko ^a	T	T
BR-6 (Nova Bragg)	N	P	FT-11 (Alvorada)	P	P	FT-Cristalina	P	P
Bragg ^a	N	T	FT-14 (Piracema)	T	P	IAC-7	P	T
Buriti (MSBR-21)	P	P	FT-18 (Xavante)	T	P	Tropical	T	N
Davis	N	P	FT-19 (Macacha)	N	P	UFV-1 ^a	T	T
FT-2	N	P	FT-Maracaju	N	P	UFV-8 (Monte Rico) ^a	T	T
FT-3	T	P	Guavira (MSBR-18)	P	P	UFV-10 (Uberaba)	P	T
FT-10 (Princesa)	T	P	IAC-4	T	P			
FT-16b	P	N	IAC-8 ^a	T	T			
FT-20 (Jaú)	N	P	Santa Rosa	P	P			
FT-Jatobá	N	P	São Gabriel (MSBR-17)	P	P			
IAC-12 ^a	T	T	Tiaraju	P	P			
IAS-5 ^a	N	T	Viçosa	N	T			
Ipê (MSBR-20)	P	P						
OCEPAR 4-Iguaçu	N	P						
OCEPAR 7-Brilhante	N	P						
Paraná	N	P						
Pequi (MSBR-19)	P	P						
UVF/ITM-1	P	P						
União ^b	N	T						

P = Preferencial; T = Tolerada; N = Não recomendada

^a Suscetível a Cercospora sojina (Mancha olho-de-rã)

^b Apresenta limitações de estatura quando cultivada mais ao Norte do Estado e no período final da época de semeadura.

TABELA 2 - CULTIVARES DE MILHO

Cultivares	Grão		Cultivares	Grão	
	Cor	Tipo		Cor	Tipo
AG 301	A	D	AG 106	A	D
AG 303	A	D	AG 401	L	SD
AG 304	A	D	AG 403 B	L	SD
AG 404	L	SD	C 111 S	A	SD
AG 405	L	SD	C 115	A	SD
BR 106	A	D	C 125	L	SD
BR 201	A	SD	Contimax 233	A	SD
C 425	L	SD	Contimax 322	A	SD
C 525	L	SD	Dina 50	L	SD
C 606	L	SD	G 500	A	SD
Hatã 1000	A	SD	GO 1049	A	SD
P 3230	A	D	P 3210	A	SD
P 6875	A	SD	P 3218	A	D
XL 540	A	SD	XL 605	A	SD
XL 560	A	SD	XL 678 C	L	SD

A = Amarelo; L = Laranja; D = Dentado; SD = Semi-dentado

TABELA 3 - CULTIVARES DE ARROZ

Arroz Sequeiro	Arroz Irrigado
Ciclo Precoce	Cica 8
Guarani	Bluebelle
IAC-25	BR-Irga 409
IAC-164	BR-Irga 410
IAC-165	BR-MS 1
Ciclo Normal	BR-MS 2
IAC-47	Curumim
Rio Paranaíba	

SEMENTES FISCALIZADAS DE SOJA

VARIETADES

- | | |
|---------|-----------|
| * Bragg | * Bossier |
| * IAS-5 | * BR-6 |
| * IAS-4 | * CEP-12 |
| * Cobb | * BR-4 |



COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.

Rua das Chácaras, 1513 - Fone (055) 332-2400 - ramal 304 - 98700 - Ijuí/RS

visando a redução dos custos de produção e que possibilitem boa produtividade, conseguindo desta forma, recuperar investimentos feitos principalmente na parte de corretivos e fertilizantes. Com certeza, o produtor que fizer isto eficientemente tem melhores possibilidades de obter ganhos com a cultura.

As cultivares de soja recomendadas para a próxima safra estão na tabela 01, com exceção das que irão ser recomendadas a partir da próxima safra. Atualmente há uma vasta relação de cultivares de soja, permitindo ao produtor muitas opções para escalonamento de plantio e colheita, adequação ao tipo de solo, fertilidade e outros fatores que afetam a produtividade da soja. A cultivar Primavera não é oficialmente recomendada, mas tem apresentado boas produções, e por suas características de precocidade e porte, vem sendo uma boa opção para plantios no mês de outubro visando o cultivo da safrinha. Por medida cautelar, entretanto, deve ser cultivada em áreas menores que as outras cultivares.

A época mais adequada varia conforme o ciclo das cultivares, que vai de 10 de outubro a final de novembro. Um fator que o produtor deve buscar sempre é o plantio da cultivar na época de maior potencial produtivo e isto vai ser facilitado com a diversificação das cultivares.

A inoculação da semente de soja na véspera do plantio é imprescindível e inquestionável, visto ser uma tecnologia de custos insignificantes se comparados aos benefícios propiciados com a fixação de nitrogênio pelas bactérias. Em áreas de primeiro ano recomenda-se usar até 500 gramas por hectare de inoculante para obter melhores resultados. Muitos produtores têm colocado em dúvida a técnica de inoculação e até deixado de realizá-la, mas com certeza, quando ocorre falta de resposta deve-se a fatores que comprometem a eficiência do inoculante, tais como: vencimento do produto, conservação do inoculante em locais inadequados, compactação do solo, acidez e alumínio do solo, baixa fertilidade, deficiência de algum micronutriente, elevados teores de agrotóxicos no solo, e não a ineficiência da técnica. Além da resposta em produção de soja devemos considerar que o nitrogênio fixado, elimina a necessidade de aplicação deste fertilizante nas culturas de inverno.

O uso de micronutrientes está sendo bastante difundido e tem respondido sempre que a sua recomendação se faz necessária, naturalmente que não responde quando o solo supre as necessidades da cultura. A aplicação via tratamento de sementes no momento da inoculação é a maneira mais racional e econômica.

O controle de invasores é um fator que de modo geral envolve um alto custo em herbicidas e com grande reflexo na produtividade em áreas de maior incidência de invasoras. Deve-se integrar os meios de controle para reduzir custos, dando maior atenção às capinas mecânicas e complementação através de capinas manuais, visando com isto reduzir a incidência nos cultivos subsequentes e consequente eliminação do uso de herbicidas. Para o controle da lagarta da soja, principal praga na cultura, o produtor tem às mãos o controle de baculovírus, uma arma eficiente de baixo custo, que não causa envenenamento e que está na hora de ser mais valorizado.

CULTURA DO MILHO

O milho no Estado é tido como cultura secundária, sua comercialização depende de EGF e AGF, indo abastecer os mercados do Centro-Sul do País, onde entra na fabricação de rações para suínos, aves, bovinos e alimentação humana. O alto custo do

transporte até os centros consumidores acarreta uma baixa competitividade do milho produzido no MS, resultando em baixa remuneração ao produtor.

Visando solucionar estes problemas, a Cotrijuí está investindo no setor agroindustrial, através da fábrica de rações em Dourados e da indústria de beneficiamento de milho em Maracaju, criando desta forma demanda para o produto local. Este fato é importante pois o milho apresenta bom potencial produtivo, um período amplo de plantio e é fundamental dentro do sistema de rotação de culturas e para realização do plantio direto.

Para o Estado são recomendados oficialmente pela CRM-II, 82 híbridos e variedades de milho, merecendo a maior importância os relacionados na tabela abaixo.

Tabela 02: cultivares híbridos e variedades de milho mais importantes para a região de atuação da Cotrijuí no MS:

Para a indústria, a Cotrijuí requer milho de cor laranja e do tipo semi-dentado. Na escolha das cultivares, deve-se analisar diversos aspectos, entre os quais: tipo de solo, acidez, nível de fertilidade, época de plantio, nível tecnológico empregado, produção esperada e finalidade de uso do milho produzido.

A época do plantio de milho vai de setembro até 15 de dezembro, podendo ser estendida até final de fevereiro, no caso da safrinha, mas a melhor época são os meses de outubro e novembro, quando se obtém as maiores produtividades. É importante diversificar as variedades quanto ao ciclo e escalonar a época de plantio para contornar o problema de veranicos.

A quantidade de fertilizantes a ser empregada depende dos níveis de fertilidade do solo, produtividade esperada e lucratividade da atividade. Quanto a adubação nitrogenada, deve-se colocar um terço no plantio e dois terços restantes devem ser aplicados em cobertura quando o milho apresentar a oitava folha desenrolada, isto é, 30 a 40 dias após a emergência.

O stand final influi muito na produtividade do milho, e varia em função da fertilidade do solo, época de plantio, característica da cultivar e das condições de umidade. Em solos férteis e sem restrições climáticas, devem ser usadas preferencialmente cultivares de ciclo precoce e um stand maior. O stand ideal varia de 40 a 60 mil plantas por hectare, e para alcançar este stand deve ser aumentado em 20 por cento o número de sementes no plantio.

Na cultura de milho o produtor pode usar a consorciação com mucuna preta para produção de sementes, visando seu uso posterior como adubo verde. A mucuna deve ser consorciada com milho plantado até final de novembro, quando o milho estiver com 50 centímetros de altura.

CULTURA DO ARROZ

O arroz de sequeiro a cada ano que passa vem reduzindo a área cultivada por ser uma cultura de muito risco, enquanto o arroz irrigado se expande muito lentamente, visto a dificuldade de cultivo das áreas de várzea além do alto custo das obras de drenagem. As cultivares de arroz de sequeiro e irrigado para o MS estão na tabela abaixo.

Tabela 03: Cultivares de arroz de sequeiro e irrigado recomendadas para o MS, safra 89/90:

Para arroz de sequeiro os plantios de novembro e início de dezembro têm apresentado os melhores resultados por sofrerem menos com os veranicos, enquanto que para o arroz irrigado, os trabalhos de pesquisa conduzidos pela Embrapa - Uepae - Dourados mostram que o mês de outubro e início

de novembro possibilitam os melhores rendimentos.

No arroz de sequeiro é importante a boa descompactação do solo, que dará maior resistência contra as estiagens. O plantio direto após a cultura de aveia tem apresentado bons resultados, mostrando uma lavoura mais resistente à seca, menos atacada pela broca e com boas produtividades. Em arroz de sequeiro o produtor tem a opção de fazer a consorciação com calopogônio, visando usar esta leguminosa como adubação verde ou para consorciação com forrageiras, onde for instalada pastagem. Para consorciação é recomendado o uso de cultivares de arroz precoce, na quantidade de 40 kg por hectare, mais 2,5 quilos por hectare de semente de calopogônio inoculadas antes de misturar as sementes das duas culturas.

PROGRAMAÇÃO PARA A SAFRINHA

Os plantios realizados nos meses de fevereiro e março, tradicionalmente denominados de cultivos da safrinha, ganham mais importância no

momento em que o produtor passa a adotar a diversificação e rotação de culturas, pois começa a haver maior disponibilidade de áreas nesta época. Para atingir melhores resultados, o produtor já deve programar as culturas, escolher as cultivares que possibilitem a colheita nos meses de janeiro e fevereiro e verificar a disponibilidade de sementes que necessitará para o plantio. Na safrinha as cultivares de soja recomendadas são as tardias, além da cultivar Primavera, e para as culturas de milho, sorgo e feijão, várias são as cultivares recomendadas, sendo muito importante buscar orientação técnica para fazer a escolha mais correta. O plantio direto nos cultivos da safrinha, sempre que houver condições adequadas, contribui para a redução de custos e maior tolerância à seca.

Carlos Pitol e Márcio Luiz Cichelero são engenheiros agrônomos pesquisadores da Cotrijuí — CTC/MS



UNIMED-IJUÍ

SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI-UNIMED

Os associados da COTRIJUI, ainda não beneficiados e que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.09.89 a 24.09.89, nas Unidades em que entregam sua produção.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 303 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, e em plantão hospitalar com todos os médicos da área pioneira da Cotrijuí, num total de 303 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc.;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de Raio X;
- 6 - Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo mediante acoplamento com INAMPS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareanas);
- 8 - Medicamentos hospitalares: quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carência, etc., encontram-se no folheto COTRIJUI-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica em Ijuí, pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela tabela da UNIODONTO CENTRO-OESTE - Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

O sistema funciona da seguinte maneira:

- 1 - O usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;
- 2 - De posse do orçamento, o usuário se dirigirá a UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.

A agropecuária em Israel

A difusão da doutrina cooperativista, da tecnologia hoje praticada na atividade primária e secundária, e a viabilidade de projetos integrados na agricultura foram os principais objetivos do curso promovido pelo governo de Israel, realizado durante os meses de maio e junho em Tel Aviv, capital daquele país. Destinado a funcionários de cooperativas e de ministérios de agricultura dos países da América Latina, Espanha e Portugal, o curso contou com a presença de apenas um brasileiro: o engenheiro agrônomo Márcio Portocarrero, gerente de Insumos da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul. Nesta matéria ele faz um retrato da situação da agricultura e do cooperativismo de Israel, um país com muitas peculiaridades, que só podem ser compreendidas levando-se em conta a história da nação.

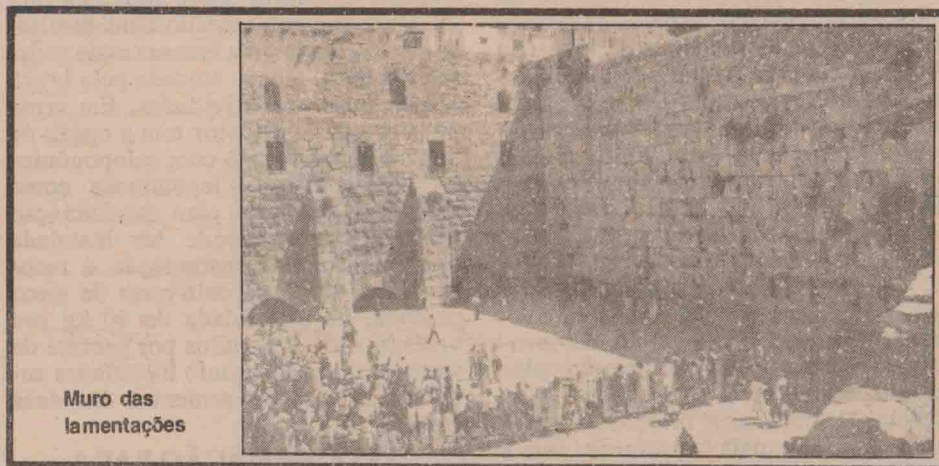
Criado pela Organização das Nações Unidas — ONU em 1947, o território de Israel enfrenta desde então uma constante disputa com o mundo árabe que reclama a posse da terra. Além dos conflitos, o país enfrenta também adversidades com solo, clima e escassez de recursos hídricos. Estes problemas, entretanto, têm sido solucionados ao longo dos anos e hoje Israel apresenta uma economia saudável com uma taxa inflacionária em torno de 12 por cento ao ano. Isto vem ocorrendo desde 1986 quando o governo decretou um choque econômico, copiado posteriormente pelo Brasil através do Plano Cruzado, com a diferença que lá deu resultados positivos, porque até então a inflação atingia um índice de 1.800 por cento ao ano.

Todas as dificuldades, recentes e históricas, que o povo judeu tem enfrentado justificam o rígido controle que o governo exerce sobre a sociedade, diz o engenheiro Márcio Portocarrero. Mas se por um lado este controle gera uma insatisfação, por outro garante a todos iguais oportunidades de crescimento. Em Israel, conta ele, o solo e a água, elementos vitais para a atividade agrícola, são de propriedade nacional e nenhum agricultor é dono da sua terra. Todos, sem exceção são arrendatários por um prazo mínimo de 50 anos das áreas que vão cultivar. Esta regra é válida também para quem mora nas zonas urbanas.

O COOPERATIVISMO

O sistema cooperativista é extremamente desenvolvido em Israel, continua Márcio, e gera praticamente toda a produção agropecuária nacional. Mas tem características muito especiais. Como ninguém pode comprar terras, os agricultores são distribuídos em assentamentos comunitários de produção, os "kibutzim", que têm uma área entre 40 e 400 hectares e onde vivem em torno de 300 famílias. O "kibutz" é uma sociedade de caráter voluntário, onde cada membro recebe de acordo com suas necessidades e dedica seu trabalho de acordo com suas possibilidades. Em troca da mão-de-obra, o "kibutz" garante a todos alimentação, residência, saúde e educação aos filhos dos agricultores. Esta área, aliás, tem prioridade no país, pois há uma lei que obriga os pais a darem educação aos filhos com idade de até 12 anos. O resultado disto é que a totalidade da população israelense é alfabetizada.

O kibutz é administrado por um conselho comunitário e o planejamento da produção fica submetido às diretrizes do Plano Agrícola Nacional, orientado pelo sistema cooperativo. Para ocupar a mão-de-obra dos idosos e dos



Muro das lamentações

juvencos, os "kibutzim" estão cada vez mais criando novas agroindústrias.

Atualmente o sistema dos assentamentos comunitários está sendo muito questionado, diz Márcio, porque alguns integrantes produzem mais do que outros e todos recebem os mesmos benefícios. Para tentar contornar esta situação foi criado um novo modelo chamado "Moshav", assentamento agrícola cooperativo de serviços múltiplos. Nele a produção é individual e cada agricultor recebe uma área, nunca superior a seis hectares, onde com a ajuda da família, cuida da sua propriedade. A cooperativa fornece insumos, máquinas, produtos de consumo, assistência técnica, crédito e comercializa toda a produção.

A sustentação de toda esta estrutura se dá através de impostos arrecadados diretamente dos membros do "Moshav", que forma uma espécie de cidade onde a autoridade máxima é a assembléia geral, constituída por todos os sócios do assentamento. Para defender os interesses dos agricultores foram criadas cooperativas centrais de compras, de abastecimento, de comercialização e de auditoria.

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O gerente da Cotrijuí diz que é impressionante o desenvolvimento da agricultura em Israel, levando-se em consideração as condições de solo e clima. A maior parte do território é constituído de solo árido e pouco fértil, a ocorrência de chuvas é muito reduzida, ficando na média em 200 milímetros por ano e em algumas regiões chove apenas 30 milímetros anualmente. Além disto existe uma grande escassez de água potável, pois em todo país há apenas um rio, o Jordão e o Mar da Galiléia para abastecer toda a população. Apesar disto, continua ele, a agricultura é desenvolvidíssima e para combater o problema da terra, por exemplo, os israelenses fazem correção intensiva com calcário, usam a técnica da fertirrigação para introdução de microelementos e aplica, 600 quilos de fósforo e 400 de potássio por hectare. A utilização desses dois elementos, entretanto, não representam um custo elevado na lavoura porque ambos são abundantes no país.

O problema da água é mais grave e por isto ela é racionada. Cada assentamento, prossegue Márcio, tem uma cota de 3,5 milhões de metros cúbicos de água por ano e quem ultrapassar este limite fica sujeito a uma multa de meio dólar por metro cúbico que for utilizado além da cota. Mesmo assim toda a agricultura, com exceção do trigo de sequeiro e do algodão, é irrigada. Isto só é possível, entretanto, porque o uso da água é severamente controlado e graças à tecnologia desenvolvida que permite a utilização da água proveniente dos esgotos que é reciclada através

de várias etapas. Hoje, ressalta o agrônomo, 30 por cento da água utilizada na irrigação das plantações de laranja, abacate e manga, é oriunda deste processo e estima-se que até o ano 2000 toda ela, inclusive a consumida pela população, sofra este tratamento, utilizando-se além da água de esgotos, também a água do mar dessalinizada.

As modernas técnicas aplicadas nas lavouras têm proporcionado altos índices de produtividade aos agricultores. O trigo irrigado, por exemplo, produz em média 10 mil quilos por hectare; o de sequeiro quatro mil; o algodão quatro mil e o tomate tem uma média de 80 toneladas por hectare. Mas estes são apenas alguns exemplos e onde a agropecuária israelense mais se desta-

ca, ressalta Márcio, é na produção de leite e derivados, de frutas cítricas, de aves para corte e postura e na cultura de batatas.

Além de todo o avanço no setor primário, o que também chamou muito a atenção dele foi a verticalização do sistema cooperativista. A agroindústria proliferou no país, conta, e isto é resultado de uma política governamental que tem como objetivo ocupar a mão de obra disponível e remunerar com melhores preços o trabalho dos agricultores. Comparando com o Brasil, onde o caminho das cooperativas também tem sido a implantação de agroindústrias, o agrônomo afirma que tecnologicamente os dois países se equiparam, com exceção de alguns produtos, que ao seu ver, Israel está bem mais avançado. É o caso da industrialização de hortaliças como a cebola e a cenoura, que passam por um processo que permite a sua desidratação. Isto possibilita a oferta do produto o ano todo, eliminando problemas de entressafra e garantindo um preço estável aos produtores e consumidores.

O curso, conclui Márcio, proporcionou a todos um conhecimento teórico e prático significativo sobre a agroindústria cooperativa, mas muito mais importante do que isto foi a integração entre as cooperativas latino-americanas, o que poderá vir a resultar num efetivo intercâmbio comercial entre elas.

A saga de um povo



Jerusalém

A religião está acima dos conflitos políticos

A histórica e polêmica resolução da ONU que criou o Estado de Israel em 1947, tinha como objetivo primordial devolver ao povo judeu o seu território e dar cabo à dispersão de seus descendentes que se espalharam durante séculos por todo mundo no processo que ficou conhecido como Diáspora. Quando foi declarada a independência do país em 1948, começou a guerra com os países árabes vizinhos, que não aceitavam desocupar o território. Este conflito permanece até hoje e os israelenses se habituaram a conviver com a guerra, diz o gerente da Cotrijuí, Márcio Portocarrero.

"É um povo triste, nostálgico", continua, e com certeza cada um dos habitantes já perdeu um parente ou amigo na guerra sem tréguas. O serviço militar é obrigatório para ambos os sexos, e com 17 anos homens e mulheres vão para o exército onde ficam por quatro anos. Também os adultos com menos de 60 anos têm que servir um mês por ano no exército israelense. Atualmente, prossegue Márcio, a população está dividida, pois grande parcela acha que o governo deve acabar com a guerra e desistir das áreas de conflito, abrindo mão de parte dos 22 mil quilômetros quadrados que compõem oficialmente o território. A longa disputa envolvendo judeus e palestinos tornou-se integrante da rotina do dia-a-dia e apesar disto o progresso não parou em Israel.

O Padrão de vida no país é elevado e compara-se aos países europeus, o povo é culto e praticamente não existe miséria. Cada trabalhador recebe em média 12 dólares diariamente por uma jornada de seis horas. A maioria da população tem na agropecuária sua principal ocupação e apenas 30 por cento dos 3,5 milhões de habitantes do país, moram em centros urbanos. O trabalho rural é muito incentivado e lá o agricultor tem status, além do apoio do governo que pretende com isto desmitificar a imagem negativa de comerciante que os judeus têm.

Para se entender melhor o povo, ressalta o gerente, é preciso levar em consideração o aspecto religioso da nação, que exerce um papel preponderante dentro da sociedade. Israel é hoje um centro mundial de peregrinação religiosa e apesar do Judaísmo ser a religião oficial — os judeus não aceitam a figura de Jesus Cristo e seguem os preceitos do Velho Testamento — é lá que está o berço do Cristianismo e suas cidades sagradas de Jerusalém, Nazareth, Belém e toda a região da Galiléia. Além dos ícones cristãos, Israel conta ainda com um grande número de mesquitas para os seguidores do Islã. A religião, finaliza Márcio, está acima dos conflitos políticos e nesta área judeus e muçulmanos mantêm um convívio pacífico e de respeito mútuo.

CALENDÁRIO

Pomar e horta doméstica

Feiras da Primavera

O Sindicato Rural Patronal de Ijuí, juntamente com a Prefeitura Municipal de Ijuí, Casa da Agricultura e ainda contando com o apoio da Agropecuária Cacique, já estão dando início aos preparativos para a realização das **Feiras da Primavera e Exposição Agropecuária**. Os eventos acontecem no Parque de Exposições Assis Brasil de Ijuí, com o seguinte calendário:

- VII Exposição Agropecuária — de 13 a 16 de outubro
- I Feira de Terneiros da Primavera — 23 a 25 de outubro
- I Feira de Temeiras de Primavera — 23 a 25 de outubro
- I Feira de Vaquilhona de Primavera — 23 a 25 de outubro

Os agropecuaristas interessados em participar, seja através da venda ou exposição de animais, podem procurar a sede do Sindicato Rural, localizado a rua D. Pedro I, nº 46, para proceder inscrição. Maiores informações poderão ser obtidas através dos telefones (055) 332-1697 e 3524.

O cultivo do feijão e as suas contradições

Roberto Carbonera

A evolução da cultura do feijoeiro, tanto em nossa região como no resto do país, demonstra algumas contradições muito evidentes. Existe, de um lado, o consenso de que o feijão é uma das principais fontes de proteínas vegetais para o consumo humano, no entanto, o consumo "per capita" e a produtividade vêm caindo continuamente há muito tempo.

É de domínio popular a consagrada dobradinha arroz com feijão. São produtos que, segundo Vieira — 1988 — se complementam para corrigir as deficiências em proteínas, calorias e aminoácidos. Foi, por muito tempo, o prato mais barato e acessível da maioria dos brasileiros. Mas hoje a realidade é diferente e faz saltar aos olhos algumas contradições:

O consumo médio por pessoa/ano dos diversos tipos de feijão, nos anos 60, girava em torno de 20 quilos/ano. Esta quantidade foi sendo reduzida durante os anos 70, como pode ser observada no gráfico de nº 1, que mostra a disponibilidade interna de produção para o consumo. Em 1987, a disponibilidade interna chegou a 10 quilos por habitante — dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1988 — Isto é, houve uma redução violentíssima, refletindo, dentre outros fatores, o processo de urbanização, modificação de hábitos dos consumidores, mudanças nos preços relativos e restrições de oferta. Indica, também, uma deterioração dos padrões de consumo das populações de renda mais baixa onde o feijão foi substituído pelas massas ou, o que é ainda pior: seu consumo foi, simplesmente, reduzido.

O feijão, segundo o Endef, participava, em 1975, com 31 por cento de proteínas consumidas no Nordeste; 18,5 por cento em São Paulo e 18 por cento no Rio de Janeiro. Estes da-

O pomar e a horta doméstica são de fundamental importância na propriedade, não apenas pelos resultados econômicos que oferecem, mas também pela produção associada ao hábito de consumo. Essa produção vai garantir à família rural uma alimentação adequada em vitaminas e sais minerais, muitos dos quais encontrados apenas nas hortaliças (Frutas e Olerícolas).

"Neste sentido, recomenda o João Agostinho Boaro, agrônomo e supervisor da Área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira, é importante diversificar as espécies e variedades. Com uma produção constante durante todo o ano, o produtor terá garantido as vitaminas e sais minerais que interferem na formação e funcionamento do organismo. Nas frutas e olerícolas, são encontrados o cálcio, o fósforo, o ferro, vitaminas A, complexo B (tiamina e) e vitamina C. Estas vitaminas e sais minerais não são armazenados pelo organismo, por esta razão, precisam ser ingeridos constantemente através do consumo de hortaliças.

O quadro abaixo ilustra as possibilidades de produção para um pomar e uma horta doméstica bem conduzida e diversificada.

ESPÉCIES	VARIEDADES	ÉPOCA DE PRODUÇÃO	2. Olerícolas		
1. Frutíferas	Umbigo Tomasa	Maio	Abóboras	De tronco Menina	Outubro-Fevereiro
	Laranjeiras	Umbigo Monte Parnaso			Dezembro-Maio
		Hamlin			Dezembro-Maio
		Céu			Dezembro-Maio
		Valência			dezembro-Maio
Bergamotelras	Comum	Junho-Julho	Alface	Todas Kagraner, Regina, Vitória	Inverno
	Céu	Abril-Maio		Vitória de Verão	Verão
	Ponkan	Junho	Beterraba	Early Wonder	Todo o ano
	Danci	Julho		Chata do Egito	
	Murcott	Agosto		Outros	
	Montenegrina	Agosto-Setembro			
Limoeiros	Tahiti	Inverno — alternadamente todo o ano	Cebola	Baia Periforme	Dezembro
	Cravo	Inverno		Petrolina	Dezembro
Macieiras	Mama	Fevereiro		Aurora	Novembro
	Príncipe Alberto	Janeiro	Cenoura	Brasília	Verão
	Fuji	Março		Kuronan	Verão
	Galla	Março		Nantes	Inverno
Ameixeiras	Blood Blum	Janeiro	Couve-flor	Terezópolis	Inverno
	Santa Rosa	Fevereiro-Março		Piracicaba	Verão
Kessel	Janeiro		Feijão vagem	Macarrão rastrelro	Novembro-Dezembro
				Macarrão trepador	Novembro-Dezembro
Perelras	Smith (mantelga)	Dezembro	Melancia	Charleston Gray	Dezembro-Janeiro
	Leconte (mantelga)	Janeiro		Fairfax	Dezembro-Janeiro
	Gorber	Fevereiro			
Kleffer (dura)		Março	Melão	Casca de Carvalho	Dezembro-Janeiro
				Pingo de Mel	Dezembro-Janeiro
Passegueiros	Premier	Outubro-Novembro	Pepino	Conserva (vários)	Novembro-Fevereiro
	Cardeal	Dezembro		Salada (vários)	Novembro-Fevereiro
	Delicioso	Dezembro	Pimentão	Yolo Wonder	Novembro-Janeiro
	BR-2	Junho		Casca dura e outros	Novembro-Janeiro
	Maril	Novembro			
Caquizeiro	Fuyer (chocolate)	Fevereiro	Repolho	Louco de Verão	Todo o ano
	Hulrat Kuena	Abril-Maio		Híbridos	Todo o ano
Videlras	Concord (francesa)	Dezembro-Janeiro	Tomate	Santa Cruz:	
	Niágara branca	Dezembro-Janeiro		Santa Clara	
	Niágara rosa	Dezembro-Janeiro		Ângela	
Noqueira Pecan		Junho-Julho		Kada	
				Outros	Novembro-Janeiro
Figos	Roxo de Valinhos	Fevereiro-Março		Salada:	
	Branco Graúdo	Fevereiro-Março		Floradade	
	Preto	Fevereiro-Março		Híbrido	Novembro-Janeiro

dos reforçam a importância do feijão no suprimento de proteínas à população.

O rendimento, que foi de 853 quilos por hectare em 1938 — dados da FGV — 1984 — sofreu uma queda contínua neste meio século, como pode ser observado no gráfico nº 2. Nos últimos cinco anos, o rendimento sequer alcançou a média de 500 quilos por hectare — FGV, 1988. Isto ocorreu, em parte pela substituição do cultivo em melhores áreas por cultivos destinados a exportação, caso da soja ou para a produção de energia — cana-de-açúcar. O aumento verificado na produção — ver gráfico de nº 3 — deve ser creditado ao aumento de área cultivada e não ao aumento da produtividade.

O rendimento tem sido prejudicado devido a influência de diversos fatores. Dentre eles, podemos destacar a ocorrência de estiagem no período de florescimento, ocorrência de doenças e insetos, má conservação e fertilidade do solo, baixa qualidade das sementes disponíveis, bem como o baixo potencial de produção das variedades cultivadas.

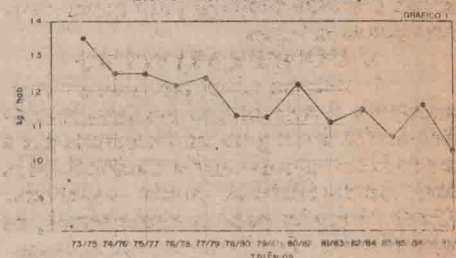
Diante deste quadro, em que observamos a redução do rendimento e a diminuição do consumo, o que a pesquisa tem feito? Quais os estímulos fornecidos ao produtor? Podemos dizer que a política oficial tem procurado

estimular o cultivo via preço mínimo, que normalmente tem sido razoável, mas sem estabilidade nos anos de maior produção e nem acompanhada de outras políticas gerais. O que não estimula efetivamente o produtor. A pesquisa, no entanto, tem procurado gerar novas tecnologias nas áreas de fertilidade do solo, inoculação de sementes, melhoramento genético, no controle das pragas e doenças, assim como em práticas culturais e consórcios. Mas é preciso ressaltar que estas técnicas só começaram a ficar mais disponíveis ao produtor nestes últimos anos. Aqui em nossa região, temos condições de já nesta safra, utilizar a maioria destas tecnologias. Quem sabe, será o primeiro passo para o aumento da produtividade, da produção, da área cultivada e do consumo de feijão em nossa região.

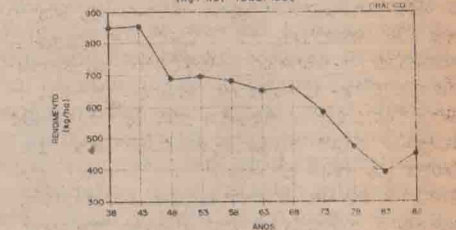
Roberto Carbonera é agrônomo, pós-graduado da ESALQ/USP, da Cotrijuí na Pioneira.

Bibliografia
 FGV. Disponibilidade interna para consumo humano de alguns gêneros alimentícios. *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, 12 (6): 15-20, 1988 a.
 FGV. Acompanhamento: feijão. *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, 12 (6): 2-7, 1988 b.
 FGV. Produtos vegetais: feijão. *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, 8 (11): 19-22, 1984
 Vieira, C. Perspectivas da Cultura do Feijão e de outras leguminosas de grãos no país e no mundo. In: *Cultura do feijoeiro, fatores que afetam a produtividade*. Piracicaba, 1988.

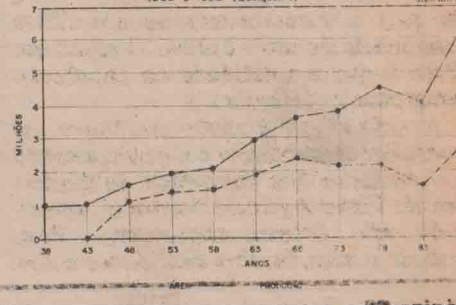
FEIJÃO EM GRÃO - DISPONIBILIDADE INTERNA PARA CONSUMO HUMANO - 1973/75 A 1985/87 (média trienal) - em kg/hab



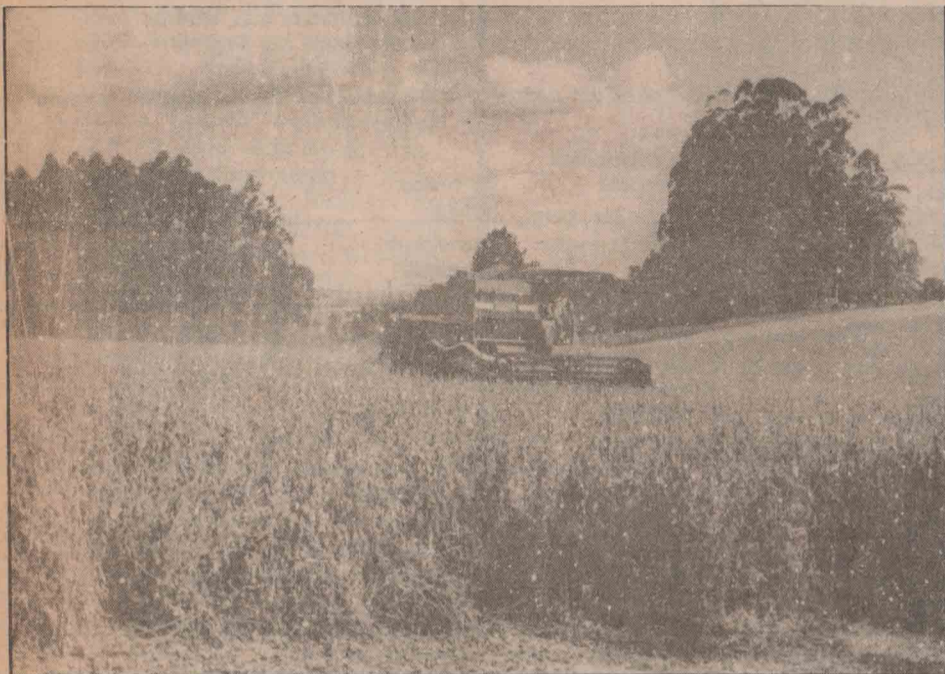
RENDIMENTO DE FEIJÃO NO BRASIL (kg/ha) 1938/1988



ÁREA (ha) E PRODUÇÃO (t) DE FEIJÃO NO BRASIL 1938 a 1988 (Quinquênio)



O quanto custa usar as máquinas



Colheita

As despesas com a colheita somam NCz\$ 113,86

Levantar as despesas com o uso do maquinário na lavoura, nem sempre é uma tarefa fácil de ser executada pelo produtor que, quase sempre na hora do plantio, anda correndo contra o tempo. Mas, de qualquer forma, usar o maquinário para o preparo do solo, sementeira, adubação e colheita, mesmo que não seja recém saído da fábrica, também ajuda a engrossar os custos de produção. Para aqueles produtores que ainda hoje ficam meio atrapalhados na hora de levantar as despesas com o plantio de qualquer cultura, estamos publicando uma tabela elaborada pelo Luís Juliani, assistente agrotécnico ligado a Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí na Regional Pioneira. Esta tabela mostra todas as despesas, desde o uso do trator, da automotriz, do arado, das grades, subsoladores, semeadeiras, plantadeiras, distribuidores de calcário, terraceadores, capinadeiras, entre outros implementos empregados em cada operação desenvolvida pelo agricultor na sua terra. O Juliani também avisa que, a partir deste mês, este trabalho está sendo informatizado, podendo, inclusive, ser solicitado por algum associado interessado em acompanhar mês a mês, o custo de usar as máquinas na lavoura.

Além de manter o produtor informado de quanto custa cada uma das operações feitas na lavoura, o custo hora/máquina também serve de subsídio para aqueles produtores prestadores e contratadores de serviços de terceiros. Com as informações em mãos, vai ficar mais fácil as duas pontas se acertarem na hora das cobranças. Nem o prestador de serviço vai poder cobrar a mais e nem o contratador vai se recusar a pagar um custo real. Mas, sempre vale a pechincha.

Os custos mostrados na tabela acima, segundo o Juliani, foram baseados em maquinários novos, de diferentes tipos, "até para melhor orientar o produtor". No caso do trator, por exemplo, ele usou como demonstrativos, tamanhos diferentes, como o 62 CV; 77 CV; 82 CV; 95 CV; 110 CV e 123 CV. Desta forma, o produtor poderá buscar, junto a tabela, o maquiná-

rio que melhor se enquadra com aquele que possui na sua propriedade.

OS COEFICIENTES USADOS

Para chegar até o custo da hora máquina, foi considerada cada uma das operações realizadas na lavoura e o tempo de realização da mesma em um hectare de lavoura. Os coeficientes técnicos levantados, como por exemplo o tempo gasto na realização das operações foram coletados junto ao CTC e em propriedades da região.

A tabela mostra todos os cálculos de custos feitos com base na depreciação, seguro, manutenção e reparos — peças, filtros, lubrificantes, combustíveis e graxas — para o caso do trator e da automotriz. No caso dos implementos utilizados, foram consideradas as despesas com depreciação, peças e lubrificantes. Só não foram computados, de acordo com o técnico responsável pelo levantamento, os gastos com a mão-de-obra, "pois estes deverão ser acrescentados na hora do acordo entre as duas partes". É bom lembrar que estas despesas sempre variam de acordo com a habilidade do tratorista, a declividade da área e a manutenção das máquinas.

Mas como um produtor pode descobrir, seguindo a tabela, o quanto gastou numa operação de aração, por exemplo? Se ele utilizou o trator de número 3 — da tabela — ele já pode ir computando NCz\$ 7,14 de depreciação para cada hora de trabalho executada; mais NCz\$ 0,06 de seguro; NCz\$ 5,04 de manutenção e reparos e ainda NCz\$ 4,96 de combustíveis. O custo da operação, considerando apenas as despesas com o trator, é de NCz\$ 17,20. Para chegar ao custo final da operação, o agricultor terá de incorporar a estas despesas, os gastos com o implemento utilizado. Se utilizou o arado que na tabela leva o número 27, terá de considerar as despesas totais que fecham em NCz\$ 1,58, somando as despesas do trator mais o implemento, o agricultor vai descobrir que gastou, em uma hora de operação, NCz\$ 18,78. O tempo necessário para arar um hectare é de 2,08 horas — 125 minutos —. O custo total da operação,

CUSTOS OPERAÇÕES EMITIDO EM 24.08.89 — DIRETORIA AGROTÉCNICA										
Num Máquina/ Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./reparos	Combustível	Custo hora/ trator	Custo hora automotriz	Custo hora equipamento	Custo total hora	Hs/hora	Custo/ha
001 Trator 62 CV	5,61	0,05	3,96	3,72	13,34	0,06	0,00	13,34	0,00	0,00
002 Trator 77 CV	6,40	0,06	4,52	4,34	15,31	0,00	0,00	15,31	0,00	0,00
003 Trator 82 CV	7,14	0,06	5,04	4,96	17,20	0,00	0,00	17,20	0,00	0,00
004 Trator 95 CV	7,96	0,07	5,62	5,58	19,24	0,00	0,00	19,24	0,00	0,00
005 Trator 110 CV	9,28	0,08	6,55	7,44	23,35	0,00	0,00	23,35	0,00	0,00
006 Trator 123 CV	9,95	0,09	7,02	8,06	25,12	0,00	0,00	25,12	0,00	0,00
020 Automotriz 110 CV	48,30	0,45	36,23	8,68	0,00	83,66	0,00	93,66	0,90	104,07
021 Automotriz 123 CV	52,96	0,50	39,72	9,30	0,00	102,47	0,00	102,47	0,90	113,86
027 Arado 3126	1,09	0,00	0,49	0,00	0,00	1,58	0,00	1,58	18,76	0,48
028 Arado 4126	2,33	0,01	1,04	0,00	0,00	3,38	0,00	3,38	20,58	0,48
030 Grade aradora 1826	4,11	0,02	1,83	0,00	0,00	5,96	0,00	5,96	23,16	1,06
031 Grade aradora 22126	4,69	0,02	2,09	0,00	0,00	6,80	0,00	6,80	24,00	1,06
032 Grade niveladora 32126	2,91	0,01	1,30	0,00	0,00	4,22	0,00	4,22	21,42	1,59
033 Grade niveladora 36126	3,46	0,01	1,54	0,00	0,00	5,01	0,00	5,01	22,22	1,59
034 Subsolador — P 5 pés	0,81	0,00	0,36	0,00	0,00	1,17	0,00	1,17	19,37	0,76
035 Subsolador — T 5 braços	1,19	0,00	0,53	0,00	0,00	1,73	0,00	1,73	18,93	0,32
036 Semeadeira adubadeira 13/5 L	4,01	0,02	2,23	0,00	0,00	6,26	0,00	6,26	23,46	1,77
037 Semeadeira adubadeira 15/6 L	4,42	0,02	2,45	0,00	0,00	6,89	0,00	6,89	24,09	1,77
038 Plantadeira — D 5 sulcos	5,50	0,02	3,28	0,00	0,00	9,20	0,00	9,20	26,40	0,93
039 Plantadeira — D 6 sulcos	6,49	0,03	3,61	0,00	0,00	10,12	0,00	10,12	27,33	0,93
040 Distribuidor calcário 1.000 kg	2,10	0,01	1,17	0,00	0,00	3,27	0,00	3,27	20,48	0,93
041 Distribuidor calcário 5.000 kg	2,88	0,01	1,60	0,00	0,00	4,49	0,00	4,49	21,69	1,55
042 Terraceador B estriça 2128	2,64	0,01	1,17	0,00	0,00	3,82	0,00	3,82	21,03	0,37
043 Terraceador base larga ITX	2,52	0,01	1,12	0,00	0,00	3,64	0,00	3,64	20,86	0,22
044 Capinadeira mecânica 6 pés	1,12	0,00	0,50	0,00	0,00	1,63	0,00	1,63	19,83	1,24
045 Pulverizador Jacto 600 L	3,00	0,01	1,33	0,00	0,00	4,35	0,00	4,35	21,55	1,84
046 Pulverizador Jacto 2.000 L	6,37	0,02	2,83	0,00	0,00	9,23	0,00	9,23	26,43	1,64
047 Atomizador Jacto 400 L	3,52	0,01	1,57	0,00	0,00	5,11	0,00	5,11	22,31	1,84
048 Carreta agrícola 6 T	1,87	0,01	0,66	0,00	0,00	2,54	0,00	2,54	19,75	1,33
049 Enxada	4,85	0,02	2,16	0,00	0,00	7,02	0,00	7,02	24,23	0,15
161,53										

considerando o trator e o arado, chega a NCz\$ 39,13.

A operação de custo mais elevado continua sendo a colheita. Depois de preparada a terra, feito o plantio e combatidas todas as pragas e doenças, o agricultor terá ainda que desembolsar, para colher um hectare de planta, NCz\$ 104,87, caso tenha utilizado a automotriz que na tabela está classificada pelo número 20. Ao colocar esta máquina na lavoura, ele já sai gastando NCz\$ 48,30 de depreciação; NCz\$ 0,45 de seguro; NCz\$ 36,23 de manutenção e reparos e NCz\$ 8,68 com combustível. Uma hora depois de ter colocado a máquina na lavoura, já terá gasto NCz\$ 93,66.

Logo em seguida aparece o terraceador de base larga, que apresenta um custo total por hectare de NCz\$ 94,77. Só de depreciação vai gastar NCz\$ 2,52; NCz\$ 1,01 de seguro e

NCz\$ 1,12 de manutenção e reparos. O custo por hora da operação ficará em NCz\$ 20,85.

Este levantamento, ao contrário dos anteriores, traz o uso de mais de um implemento dentro de uma mesma atividade. Por exemplo, para uma mesma operação, traz a grade niveladora de 32 discos e a grade niveladora de 36 discos.

É claro que estes custos podem variar de propriedade para propriedade, pois as condições e o tratamento que o agricultor vem dando ao solo também somam pontos na hora de apontar as despesas finais. Também devem ajudar o estado do maquinário e a eficiência do tratorista. Mas mesmo assim, a tabela permite que o agricultor tenha uma posição clara a respeito do custo final de cada uma das operações a ser utilizada no plantio de mais uma safra.

Agora Tudo Sob Controle.

RINITE - COLI - DISENTERIA - PNEUMONIA - SALMONELLA

DINAMAX

NOVO

Melhora a produtividade dos suínos e aumenta os lucros.

- Revolucionária Associação: Potente Antibiótico + Sulfadimidina + Furazolidona.
- Efetivo controle e prevenção das principais doenças suínas.
- Comprovado aumento no ganho de peso e excelente melhoria da conversão alimentar.
- Pode ser utilizado em reprodutores, matrizes e leitões.
- Fácil de usar - dosagem única.
- Pode ser misturado às rações fareladas e peletizadas.

DINAMAX
Tudo Sob Controle.

Belo Horizonte (031) 201-1991 • Curitiba (041) 223-8128 • Porto Alegre (0512) 42-6956
Recife (081) 221-2651 • São Paulo (011) 241-8513

SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE
SERVIÇO
COMPANHIA

Cotrisol

O Protestador

Hoje irei protestar contra o baixo preço da soja BRR

João saiu de casa para ir à cidade, protestar.

BANCO RURAL

Preço justo

Depois do protesto, João seguiu para casa, pensando...

O nosso protesto foi muito válido, pois acho que alcançaremos nossas reivindicações.

Chegando em casa, ligou a televisão para ver o noticiário.

Depois de ter visto o noticiário, foi tratar os porcos pensando no que ouvira no noticiário.

Um novo protesto foi feito e lá foi João, o protestador.

Eu acho que pelo que o moço da TV disse, teremos que fazer outro protesto pra conseguirmos alcançar nossos objetivos

Um novo protesto foi feito e lá foi João, o protestador.

CARLOS ANDRÉ FIDRIM - IMEAB - 13/VI

A estória dos Filhos da Terra

Filhos da Terra é uma estória de uma família que morava na colônia e queria ir para a cidade por causa dos filhos.

Paizinho, vamos para a cidade. Aqui não temos futuro.

João pensou e acabou concordando, pois queria o melhor para os filhos. Embora não gostando da idéia, vendeu a terra.

Daí 31 seu João com a família após vender a terra.

Na casa da cidade a vida era difícil, os filhos saíram de casa e dona Maria adoeceu.

O que vou fazer agora? Maria morreu, estou sem ninguém.

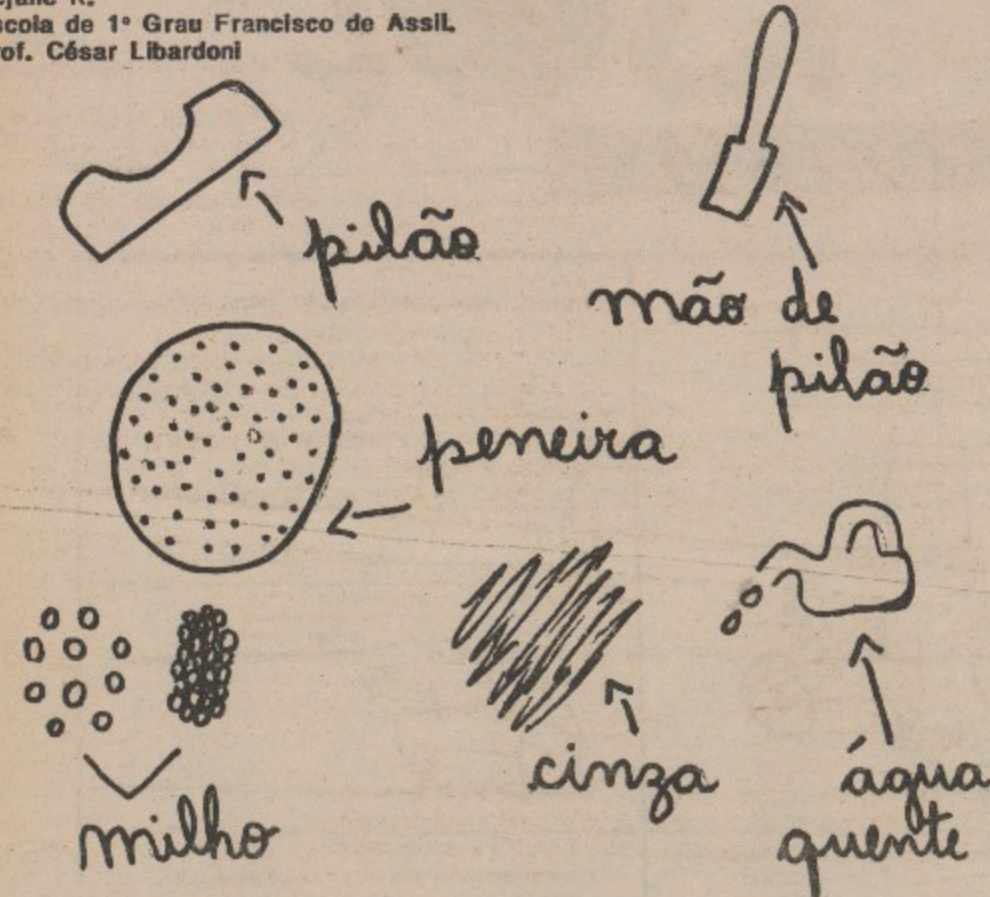
João ficou louco por estar só e acabou fazendo parte de mais um grupo de pessoas sem terras.

Edson Roberto Weber

Como se faz a canjica

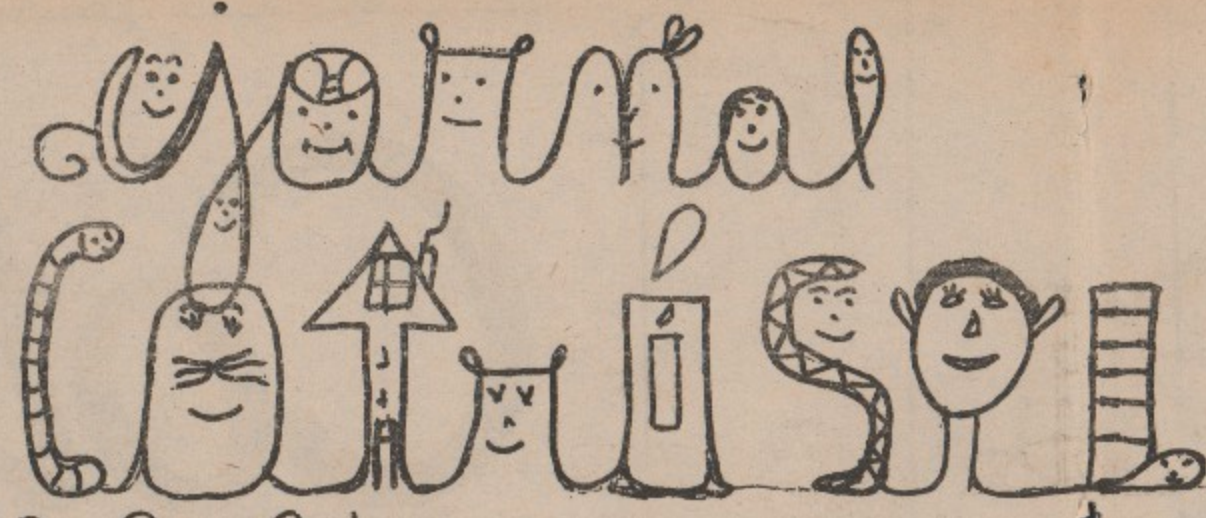
Na aula de terça-feira, de técnicas agrícolas, o professor trouxe uma mulher para nos dar uma demonstração de como se faz a canjica. Esta mulher se chamava Alvina. Primeiramente, dona Alvina colocou o milho no pilão. Depois colocou um pouco de cinza por cima do milho e por último, dona Alvina derramou água quente para soltar mais facilmente a membrana que cobre o milho. Depois de ter feito tudo isso, dona Alvina começou a socar o milho com a mão de pilão. Enquanto dona Alvina socava o milho, ele ia ficando verde, da cinza. Quando a canjica já estava pronta, dona Alvina penetrou a canjica na penetra, para a canjica ficar um pouco mais limpa. Dona Alvina lavou a canjica para tirar a cinza. Em outra aula, o professor trouxe a canjica para nós cozinharmos e comermos.

Rejane K.
Escola de 1º Grau Francisco de Assis.
Prof. César Libardoni



Os venenos

Um homem, um dia, foi aplicar o veneno Azodríim e se envenenou. Um outro homem aplicou Baculovirus e não se envenenou. Aquele que passou Azodríim está na UTI, e o que passou Baculovirus está tomando chimarrão em casa.
Rogério da Veiga
Escola Ana Nerle - Augusto Pestana.



Pio Regis Ceolin. Os negros e seu duro trabalho no Brasil

Os negros viviam na África certamente com a sua família, até quando a descoberta do Brasil.

Os senhores dos engenhos foram escravizar os negros para trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar do Nordeste.

Os brancos eram muito rígidos, marcavam os negros no peito com ferro quente e vendiam para outros donos de fazenda. O serviço nas fazendas era duro, tinham que fazer o serviço bem certinho senão eram surrados a chicote. O pior é que amarravam os negros em paus cravados no chão e ali eram surrados de abrir vergão no lombo e colocavam sal para arder mais ainda.

Na África quando eram trazidos aprisionados, eram torturados e colocados nos porões dos navios, onde era horrível. Os negros que morriam eram jogados no mar.

As famílias eram separadas, o pai pra um lado, os filhos para outro, e a mãe não se sabia onde estava.

Muitos negros morriam de saudade da sua terra ou da sua família. A Lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel, no dia 13 de maio de 1888.

Essa lei deu liberdade aos negros. Mas de que adiantou? Eles tiveram de voltar a trabalhar para seus ex-patrões, se não iam morrer de fome.

Os negros foram e continuam marginalizados pelo povo branco. Se algum negro queria ser padre ou alguma negra queria ser freira, não podiam. Por que será? Por que eram pretos e não eram aceitos pelos brancos.

Foram os negros que enriqueceram os senhores dos engenhos e o Brasil, foram explorados, trabalhavam para ganhar comida e roupa uma vez por ano. Dormiam todos numa casa grande chamada "Senzala". Não podiam ir passear numa outra fazenda, não podiam fazer festas. Tinham de viver só trabalhando para ganhar uma surra quando o serviço estava errado.

"Os negros são como os brancos".
Márcia Cristiane Heberle
E. M. 1º G. I. Castro Alves - Augusto Pestana.

Os animais

Os animais podem ser vertebrados ou invertebrados. Invertebrados são aqueles que não tem ossos e vertebrados aqueles que tem ossos.

Os animais são muito bons, porque eles dão muitas coisas para nós, como: a banha, a carne. Os animais podem ser úteis ou nocivos.

Úteis são aqueles que são amigo do homem e nocivos são aqueles que são inimigos do homem. Cada animal tem seu lugar para habitar.

O porco tem seu chiqueiro, o boi, o potreiro e as galinhas, o galinheiro.
Marlise e Rogério
E. M. de 1º G. I. Ana Nerle - Augusto Pestana.

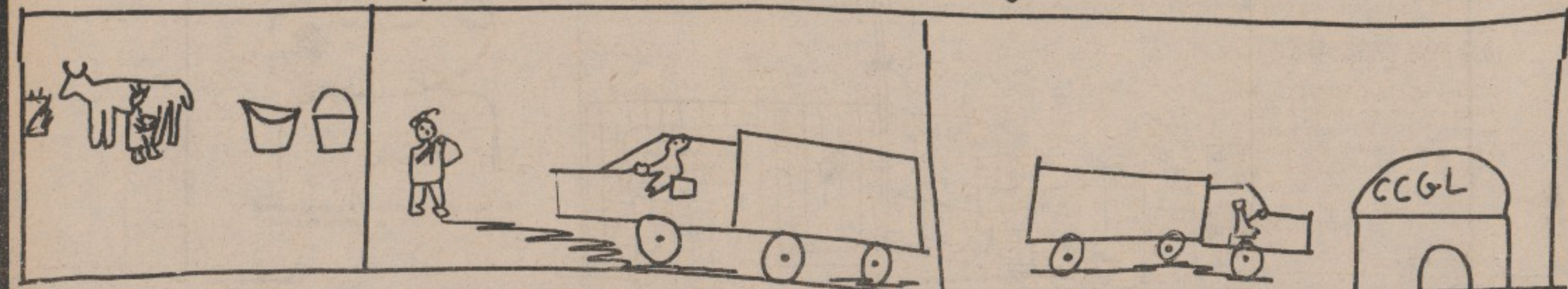


Erva-mate

A erva-mate é produzida em todos os lugares do Rio Grande do Sul, e o chimarrão toda gente gosta, pois é muito bom. A erva-mate tem gosto diferente, que varia de umas para outras. Também seu preço está muito alto para aqueles que ganham o salário mínimo, mas mesmo assim eles gostam de tomar chimarrão todos os dias.

Nos rodeios, nas festas, os gaúchos tomam chimarrão. É um hábito que os gaúchos têm para matar a sede e mostrar que são mesmo gaúchos.
Edson Alves dos Santos
E. M. de 1º G. Antônio Liberato - Santo Augusto
Prof. Glades Antonow

Como o leite produzido em nossa casa chega na indústria.



Josenara Desbesell - A. Pestana.

Página do Leitor

O Joãozinho

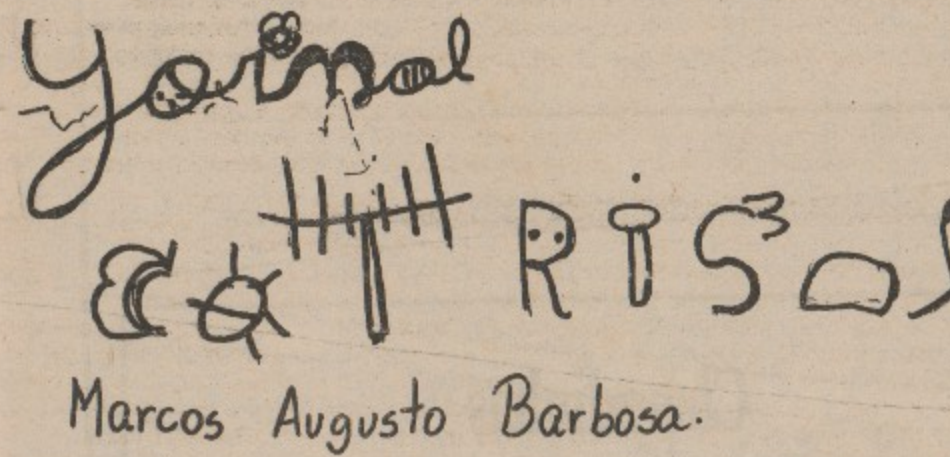


O Joãozinho comia bastante chiclete. A escova e o fio dental era o chiclete de Joãozinho. Ele não escovava os dentes e então começaram a cariar. Uma ruvem disse:
- Tira o medo e bota dentro da caixinha. De dentro da caixinha tire toda a coragem e vá ao dentista. Ele aprendeu a escovar os dentes e não comer doces.
Diego Maciel Lambertz

A Patinha do tope rosa



Eu, quando caminho, fico só rebolando e quero me mostrar. Quando vou nadar no belo lago, boto a cabeça embaixo da água e tiro novamente, e nado um pouco, e lá vou de novo. Saio voando para o ar e volto voando, caio no lago e boto a cabeça na água quente. Eu, Patinha, estou botando ovos para chocar patinhos bonitinhos. Eu vivo no pomar da vizinha. Eu cruzo no buraco da tela e vou comer frutas docinhas. A minha dona deixa eu só na varanda olhando as frutas e eu aproveito para comer moranginhos.
Maíra Rosicel Schmitt
E. M. de 1º G. I. Bertholdo Schmitt
Augusto Pestana



As árvores e o homem

As árvores são muito importantes para a nossa vida. Se não fossem as árvores, nós estaríamos perdidos.

Como iríamos respirar? Algumas árvores não fornecem lenha nem frutos, mas purificam o ar e nos dão sombra gostosa para descansar nosso corpo, quando está cansado.

Cuidar das árvores é nossa obrigação para que a Terra não vire um deserto. Dia 21 de setembro é o dia da árvore.

A árvore é o mais lindo presente que Deus deu aos homens, mas eles não sabem preservar este presente. Desmatam, arrancam, amontoam com estelras e tocam fogo nas árvores, que queimam e viram cinzas.

Se o homem cuidasse das árvores, não haveria perigo de morreremos asfixiados. Assim estamos correndo um grande risco de vida.

As árvores não cobram nada pela purificação do ar, pela madeira, pela sombra, são humildes e os homens são bestas!

Será que desmatam por querer? Cuidem das árvores, por favor!

Deus quer nosso bem, mas os homens não querem.
Márcia Cristine Heberle.

A árvore

É muito bom ter uma árvore, mas não é só plantar e deixar que cresça, pois ela precisa de muitos cuidados.

Hoje em dia as pessoas estão arrancando muitas árvores para plantar soja, trigo e outras plantações. Mas eles não pensam que vai ser muito prejudicial para as pessoas que recém estão começando.

Antigamente o nosso clima era muito melhor que agora, porque nos tempos passados tinha muitas árvores e não existia poluição. Eles não trabalhavam com máquinas, era tudo manejado.

Hoje, além das máquinas, existem carros que ajudam a poluir mais o nosso clima. Se não fosse a árvore, não haveria condições de vida, porque nós dependemos dela e ela de nós. Elas nos dão oxigênio e nós lhe damos gás carbônico.

A árvore também nos dá sombra, fruta e lenha e sem ela ninguém pode viver. Porque a fruta nos alimenta, a sombra nos protege do sol e com a lenha a gente faz o fogo e a madeira para construir.

Fabiane Casallini Goller
E. de 1º Grau Francisco de Assis.



Caroline Mergem

O chimarrão

No nosso estado, o gaúcho tem por tradição tomar chimarrão. Além do chimarrão ser gostoso, o chimarrão agrada a todos, sejam pobres ou ricos, jovens ou idosos.

Nos rodeios, nas festas, nas firmas, em casa e até mesmo na praça, todos podem ver que ali sempre tem um gaúcho com a cula na mão, tomando seu chimarrão para matar a sede ou mesmo por tradição.

Todos nós deveríamos mostrar que somos gaúchos, plantando um pé de erva-mate em nossos terrenos.

Lorejane Ales
Escola Antônio Liberato - Santo Augusto



Mauro Francisco Fraga - Esquina Nova - Jóia

Eu sou uma mata

A minha mata é grande, é tão linda! Antes do homem começar a derrubá-la, ele era mais feliz.

Mas agora está ficando cada vez mais triste porque eles derrubam a mata que antes era tão linda.

Eu não gosto nada disso que estão fazendo com as árvores que ainda existem.

Emerson Paes
E. M. 1º G. I. Silveira Martins
- Augusto Pestana
Prof. Noell Heister

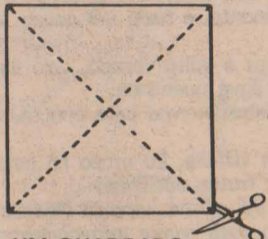


Orivaldo - Esquina Nova - Jóia

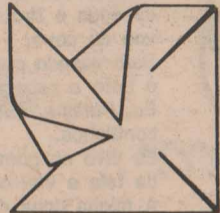
Passatempo

Vamos fazer um catavento?

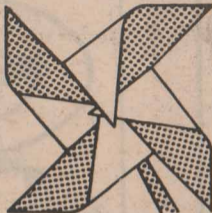
Arrume papel ou cartolina e faça este catavento. Pendure-o onde tiver bastante vento. Você verá que ele se movimentará. É o ar que o faz girar.



UM QUADRADO DE CARTOLINA.



CORTAR E DOBRAR AO MEIO CADA LADO.

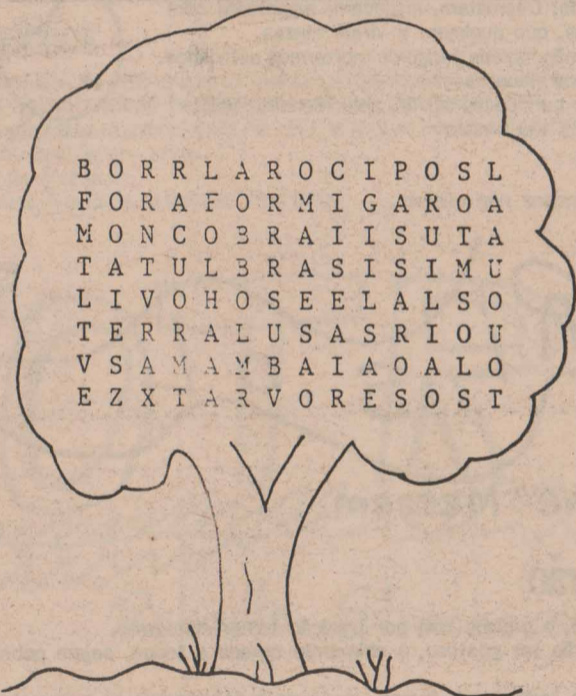


PRENDER AS PONTAS COM UM ALFINETE OU ARAME.

Faça você mesmo

1. Pique matrizes velhas.
2. Coloque-as num vidro.
3. Derrame álcool.
4. Espere um pouco.
5. Com um pincel, pinte com esta tinta uma folha branca.
6. Espere secar.
7. Na ponta de um palito, graveto ou galhinho, enrole um pouquinho de algodão.
8. Molhe o novo "pincel" na Q-Boa.
9. Com o "pincel" molhado faça desenhos na folha pintada com a tinta preparada por você.

Procure na árvore o que encontramos na mata



Charadinhas

Pergunte aos seus colegas:

- O que é que quanto mais cozinha, mais duro ele fica?
- O que é que todas as pessoas tiram quando vão para a cama?
- O que é que quanto mais enxuga, mais molhado fica?
- O que é que sempre entra em casa pelo buraco da fechadura?
- O que é que nunca usa os dentes para comer?
- O que é que não é lua, nem estrela, nem planeta, mas está no meio do céu?
- O que é que quanto mais se tira, maior fica?
- O que é que quanto maior fica, menos se vê?

A folha fabrica alimento

- 1 - Arranque uma folha de uma planta que tenha ficado exposta ao sol durante vários dias.
- 2 - Ponha um pequeno recipiente com álcool dentro de um outro com água fervendo. O álcool nunca deve ser aquecido diretamente sobre a chama. Quando o álcool estiver fervendo, ponha a folha dentro.
- 3 - A clorofila começará a desaparecer. Quando a folha estiver branca ponha-a estendida num prato.
- 4 - Jogue algumas gotas de iodo na folha. Se ela tiver amido (alimento), tomará uma cor azul-escuro.

Editorial

E daí pessoal, gostaram da nova fachada do Cotrisol? Particularmente achei muito bonito. Ele é o produto das idéias enviadas por vocês. A elaboração final foi de Moisés dos S. Mendes - da Zero Hora. Na página do leitor será publicado pouco a pouco, as sugestões lançando uma nova promoção; todos sabem que no dia 15 de outubro é dia do professor. Por isso o Cotrisol daquele mês será dedicado aos professores. Vocês poderão escrever textos sobre o seu ou a sua professora e enviar ao Cotrisol até o dia 15 de outubro. Vale também a participação dos professores que poderão escrever contando como eram seus professores. Estou esperando! Na página do passatempo, coloquei um caça-palavras retirado do livro Novos Caminhos, elaborado por alguns professores de Ajuírcaba que por sinal é um bom trabalho, parabéns a elas! Um abraço Mariluzza